

Quando o
Home
vira **Office**



Quando o
Home
vira **Office**

Quando o Home vira Office

Quando o home vira office

Copyright ©2021 by Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região (GO)

PROIETO DO LIVRO:

Patrocinador do projeto: Desembargador Daniel Viana Júnior (Presidente do TRT-18)

Supervisor: Gustavo da Costa Seixas (Secretário-Geral da Presidência)

Colaboração literária: Fabíola Evangelista Martins (Juíza do Trabalho)

Assessoria financeira: Álvaro Celso Bonfim Resende (Diretor-Geral)

Gestora do projeto: Adnólia Pereira de Oliveira Aires (Relações Institucionais e Cerimonial)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO QUANDO O HOME VIRA OFFICE

Chefe de Relações Institucionais e Cerimonial: Adnólia Pereira de Oliveira Aires

Técnico Judiciário – Núcleo de Relações Institucionais e Cerimonial: Alexandre Ribeiro Gonçalves Teotonio

Chefe do setor de Multimídia, da Coordenadoria de Comunicação Social: Maurício Alves Pimentel

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO QUANDO O HOME VIRA OFFICE

Desembargadora do Trabalho – Diretora da Escola Judicial: Iara Teixeira Rios

Juíza do Trabalho Substituta – Auxiliar Fixa da 5ª Vara de Goiânia: Ceumara de Souza Freitas e Soares

Juíza do Trabalho – Titular da 1ª Vara do Trabalho de Aparecida de Goiânia/GO: Fabíola Evangelista Martins

Secretário-Geral da Presidência: Gustavo da Costa Seixas

Diretora da Coordenadoria de Comunicação Social: Lídia Barros Nercessian

Presidente da Associação dos Servidores da Justiça Trabalhista do Estado de Goiás – Asjustego: Joelson da Conceição Lisbôa

DEMAIS COLABORADORES

Técnico Judiciário – Núcleo de Relações Institucionais e Cerimonial: Abigail Pinto de Jesus

Secretário – Executivo da Secretaria-Geral da Presidência: Adolfo Medeiros

Núcleo de Relações Institucionais e Cerimonial: Emmanuelle Lima Catulio

Diretor de Divisão de Tecnologia de Informação e Comunicação: IL José Oliveira e Rebouças

Núcleo de Relações Institucionais e Cerimonial: Silvana Guedes Bordignon

EQUIPE DE EDITORAÇÃO

Assessoria editorial e revisão: Jonas Pinheiro e Glaucy Vulcano

Capa, projeto gráfico e diagramação: Évelin Kovaliauskas Custódia

Capa e ilustrações: Ricardo Howards

Consultoria em registro bibliográfico: Rosa Maria Rodrigues Castello (Castello Consultoria Editorial)

Assessoria cultural: Alexandre Ribeiro Gonçalves Teotonio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quando o home vira office [livro eletrônico]. -- Goiânia, GO : Ed. dos Autores, 2021.
PDF.

Vários autores.
ISBN 978-65-00-30280-6

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira 2. Crônicas - Coletâneas - Literatura brasileira 3. Isolamento social 4. Pandemia 5. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira.

21-80173 CDD-B869.308
-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira B869.308
2. Crônicas : Antologia : Literatura brasileira B869.308
3. Poesia : Antologia : Literatura brasileira B869.108

Cíbele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à

Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região (GO)

Rua Orestes Ribeiro, esq. com Rua T-29, Setor Bueno

Goiânia-GO – CEP 74215-220



Apresentação

Era uma quinta-feira qualquer. Sentada em frente ao meu computador, após um dia exaustivo de trabalho, estipulei uma meta particular: leria pelo menos cinco, dos vinte relatos que precisaria avaliar inicialmente para o prêmio “Quando o Home Vira Office”, instituído pelo Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região. De acordo com as regras da premiação, servidores e magistrados poderiam apresentar pequenos textos escritos em prosa ou poesia, em que discorreriam sobre os impactos gerados na adoção do ambiente residencial como local de trabalho, indicando as alterações na rotina e no desempenho de suas atividades laborativas.

Mas qual não foi minha surpresa quando, já no primeiro texto, fui fisgada pela beleza e sensibilidade do que lia dali em diante. Todos os vinte relatos foram lidos com avidez, encantamento e paixão pela próxima hora, sem qualquer intenção de interromper a sequência encantadora das histórias e percepções ali entregues com honestidade, abertura e ousadia.

Personagens reais escrevendo a História em tempo real, sobre um período de grande estresse coletivo e que exigia uma desafiadora capacidade de adaptação. Pouco a pouco, aquelas prosas e poesias foram extrapolando o intuito inicial do prêmio em dar voz aos integrantes de nossa instituição para que expressassem os efeitos das mudanças na nova forma de trabalhar. Eles foram além, muito além...

Trouxeram aos membros da comissão organizadora e julgadora um panorama único onde angústia, medo, melancolia, esperança, criatividade e empatia eram o pano de fundo de experiências pessoais – não só em um ambiente de trabalho alterado pela pandemia, mas em várias outras situações da vida cotidiana, como as relações familiares e sociais que tiveram que reinventar.

Era como se eu estivesse com um Fio de Ariadne em mãos. O mesmo fio mitológico utilizado por Teseu para entrar confiante no labirinto de Creta, abater o Minotauro e, após o trabalho feito, ser guiado em segurança pela intrincada saída do labirinto. Afinal, todas aquelas histórias eram escritas por gente como a gente, falavam comigo de uma forma íntima e mostravam-se familiares – também estava sentindo a maioria das emoções, passando por vários dos tropeços relatados e surpreendendo-me com as possibilidades que se abriam através daquelas admiráveis experiências de vida.

Por vezes, tinha a nítida sensação de que os escritores estavam na incômoda, embora também libertadora, posição de Anne Frank. Confidenciavam ao papel todos os desafios de se enfrentar um isolamento forçado, de lidar com a solidão, com a saudade do contato humano irrestrito, com a necessidade de resiliência, além de lutar contra o medo natural da morte: sempre possível e premente.

Tais impressões foram compartilhadas não só pelos integrantes das comissões organizadora e julgadora do prêmio, como também pela Administração do TRT/18ª Região. Bastou a sugestão e um novo projeto foi imediatamente aprovado e abraçado – a reunião dos cinquenta e cinco relatos autorizados por seus autores para a publicação em um livro.

E aqui está, meu querido leitor, a coletânea dos escritos realizados por servidores, servidoras e magistrado do trabalho sobre esta inusitada experiência – quando a pandemia ocasionada pela Covid-19 trouxe todos para casa e reformulou a forma de trabalhar e viver em sociedade.

Não havendo incorreções gramaticais e ortográficas consideráveis, assim como sendo direcionado para público específico – com conhecimento jurídico e de tecnologia da informação, foi mantida a linguagem coloquial e, por vezes, técnica utilizada pelos autores. Afinal, a intenção desta obra é manter a essência do conteúdo dos relatos, sempre dotados de forte cunho emocional e escritos com autenticidade ímpar.

Para facilitar a leitura e acrescentar um deleite extra às várias situações apresentadas em cada escrito, optou-se pela separação das prosas e poesias em cinco partes distintas, sempre com uma ilustração a sinalizar a nova abordagem dos autores – histórias que envolvem casamento e/ou gravidez; histórias com idosos ou animais; histórias que enfatizam filhos; histórias de supermulher, supermãe e superprofissional; além de relatos com expressão de saudade, otimismo e esperança.

A todos os escritores que, com coragem e abertura, abraçaram a ideia de lançar suas histórias em relatos sensíveis, emocionantes ou bem-humorados, mas sempre muito pessoais, o agradecimento sincero de todo o Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região.

Afinal, ainda que não tenhamos vencido por completo o atroz vírus que nos enclausurou em um labirinto doméstico e peculiar de complicada saída, creio que a leitura de suas histórias serve para mostrar ao mundo que criatividade, esperança, resiliência, otimismo e perseverança continuarão a ser o fio a que nós, seres humanos, sempre nos agarraremos para enfrentar e vencer qualquer desafio que nos possam ser impostos.

Uma boa leitura a todos!

Fabiola Evangelista Martins
Juíza do Trabalho





Prefácio

Esta obra é fruto da habilidosa pena de servidores e magistrados do Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região, Estado de Goiás, Brasil, que, gentilmente, consentiram com a publicação dos seus textos; mas, também, é uma clara lição de empatia e do quanto temos em comum uns com os outros.

Descerrada a cortina dos cargos e funções, gênero, idade, cor da pele, religião, espectro político e outros rótulos que a sociedade nos impõe, percebemos que todos, sem exceção, rimos e choramos, caímos e levantamos; todos, de certa forma, sofremos com as incertezas e sentimos o impacto das mudanças em nossas vidas quando o imponderável nos atinge e, portanto, temos algo a compartilhar.

Os textos que vocês lerão adiante são retratos desta quadra histórica sob a perspectiva do *home office*, imposto a todos pela pandemia da Covid-19, mas vão muito além, desnudando, nas suas entrelinhas, nossas forças e fraquezas, nossos medos e aflições, assim como nossas virtudes e a nossa coragem para lutar e vencer os desafios.

O TRT-18, cujas sucessivas administrações pautaram-se pela valorização de seus quadros funcionais, notabilizando-se por ser uma casa muito querida pelos seus servidores e magistrados, sempre investiu na criação e manutenção de um ambiente de trabalho saudável, alegre e cordial, o que se espelha nos seus disputados eventos institucionais comemorativos, em regra, muito bem organizados e criativos.

Isso não obstante, passado mais de um ano desde o início da pandemia e de um forçado isolamento social, impossibilitados de nos reunirmos fisicamente, sentimos a necessidade de inovar, na busca de uma forma alternativa de conagraçamento e de renovação destes laços que sempre nos uniram, ainda que, agora, de maneira apenas virtual.

Assim, com a aproximação do Dia Internacional das Famílias, celebrado anualmente em 15 de maio, surgiu a ideia de realizar um concurso, com o simpático nome de “*Quando o Home Vira Office*”, por meio do qual magistrados e servidores teriam a possibilidade de compartilhar as suas experiências na realização do teletrabalho e na adaptação de lares e famílias a esta nova rotina, durante o período da pandemia.

Instituído pela PORTARIA TRT 18ª GP/SGP Nº 498, de 12 de abril de 2021, o concurso teve surpreendente adesão, com a apresentação de 60 textos, dos quais 55 estão aqui reproduzidos, com belíssimas e divertidas ilustrações, nas páginas que se seguem.

Os trabalhos foram avaliados pela competente Comissão Julgadora, que abraçou a hercúlea (e gratificante) missão de selecionar, dentre tantos relatos criativos e singulares, aqueles que seriam os três premiados do concurso.

Mas o encanto produzido pela leitura de todos aqueles maravilhosos textos foi além, e provocou a feliz sugestão da Excelentíssima Juíza do Trabalho Fabíola Evangelista Martins de compilá-los na forma desta obra, deixando para a posteridade, mais do que um divertido e emocionante livro de cabeceira, um fiel registro destes difíceis tempos de pandemia, nos quais a humanidade precisou se reinventar, para superar um invisível e perigosíssimo inimigo.

Deixo, portanto, o mais profundo agradecimento aos integrantes da Comissão Julgadora, capitaneados pela Excelentíssima Desembargadora do Trabalho Iara Teixeira Rios, Diretora da Escola Judicial da 18ª Região, pela dedicação que demonstraram nesta voluntária tarefa extralaboral.

Registro, também, os agradecimentos aos integrantes da Comissão Organizadora do Concurso e da Equipe do Projeto de publicação desta obra, que muito se empenharam para realizar um evento memorável e para levar às mãos dos nossos queridos leitores um material de excelência.

Não poderia, outrossim, deixar de fazer especial menção aos nossos nobilíssimos Autores, que, além de textos de altíssima qualidade, nos propiciaram momentos de puro deleite, com as suas divertidas, emocionantes e cativantes histórias, crônicas e, até mesmo, poemas. A vocês, que nos conduziram, de coração aberto, por esta maravilhosa jornada de sentimentos, o nosso muito obrigado!

Finalmente, cabe, aqui, uma lembrança e um cordial agradecimento ao Banco Bradesco S/A, que, por meio da Associação dos Servidores da Justiça Trabalhista do Estado de Goiás (Asjustego), parceira deste Regional, patrocinou a realização do nosso concurso.

Sem mais delongas, passemos ao que, de fato, interessa, para, enfim, descobrirmos o que acontece, “*Quando o Home vira Office*”!

Daniel Viana Júnior
Desembargador-Presidente do TRT-18
Biênio 2021-2023



Sumário

O *home*, o *office* e o materno | Shirley Kelyne Macêdo de Almeida 20

Relato sobre as (in)constâncias da vida | Anna Maria Tavares Baia 24

Lotação Inusitada | Leandro Cândido Oliveira 28

E viveram felizes, ou quase, em *home office* | Samara Dayane Nascimento Cardoso 30

Quando a agitação vira calma... | Cinthia Lore Garcia de Souza Zorzetti 34

Minha parceirinha de trabalho | Guido Milhomem Dourado 38

Relatos de um trabalho remoto | Ludmila Feilenberger de Oliveira Martins Jahnecke 40

Quando o *home* vira *office*... ele pode ser em qualquer lugar... | Thais Domingues de Magalhães 44



Cotidiano na pandemia | Thainá Tôres de Arruda 52

Minha vida na pandemia | Dayana Moreira da Silva 54

Home office in Bahia | Larissa Barbosa Lemos 56

O provisório que se perpetuou | Emmanuelle Lima Catulio 60

O ano em que eu voltei a morar com os meus pais | Ana Claudia da Costa 62

“Enquanto isso, na sala de justiça”, quer dizer, de estar, quer dizer, de audiências... | Helena Saddi Mendes 66

Labor em casa e os casos inusitados | Tânia de Almeida Silva Cruvinel 68

Pandemia! Do limão à limonada! | Adriana Moreira de Almeida 69

Caos work | Marcela Gomes de Lima Lisboa 72

A vida acontece no possível | Taís de Neves e Sousa Bottazzo 75


Adaptação, força e fé | Daniela Pereira Cesar Furtado de Azevedo 78

Eu, o *home office* e a família | Abigail Pinto de Jesus 80


Diário pandêmico: um descanso na loucura | Marina Junqueira Caçado 82



Lar, doce lar | *Paula Alves da Silva Medeiros* 88
Os pratos vão cair | *Barbara Barbosa Damasceno* 92
E, de repente, o *home* virou *office*. Será só isso? | *Aline Ramos Queiroz Cardoso* 96
Adaptações da vida moderna | *Renata Emídio dos Santos* 100
Meu trabalho, minha casa e vice-versa | *Marcos Antonio de Souza Silva* 101
O dia mais feliz da minha vida | *Gildásio Santilo Silva* 102
Home office: uma nova filosofia de trabalho | *Flávia Ramos Queiroz Oliveira* 104
Preso em casa | *Robnaldo José Santos Alves* 107
No aconchego do lar | *Leonardo Craveiro da Costa Campos* 108
Um dia qualquer trabalhando em casa | *Lídia Cristina Neves Cunha* 112
Home, sweet office | *Talita Rodrigues Telles* 116
Casa, escola e toga: infinito particular pandêmico | *Pedro Henrique Barreto Menezes* 118
Cotidiano | *Mário Silva Siviero* 122
Quarta ou quinta? | *Isadora Carvalho Vilela França* 123

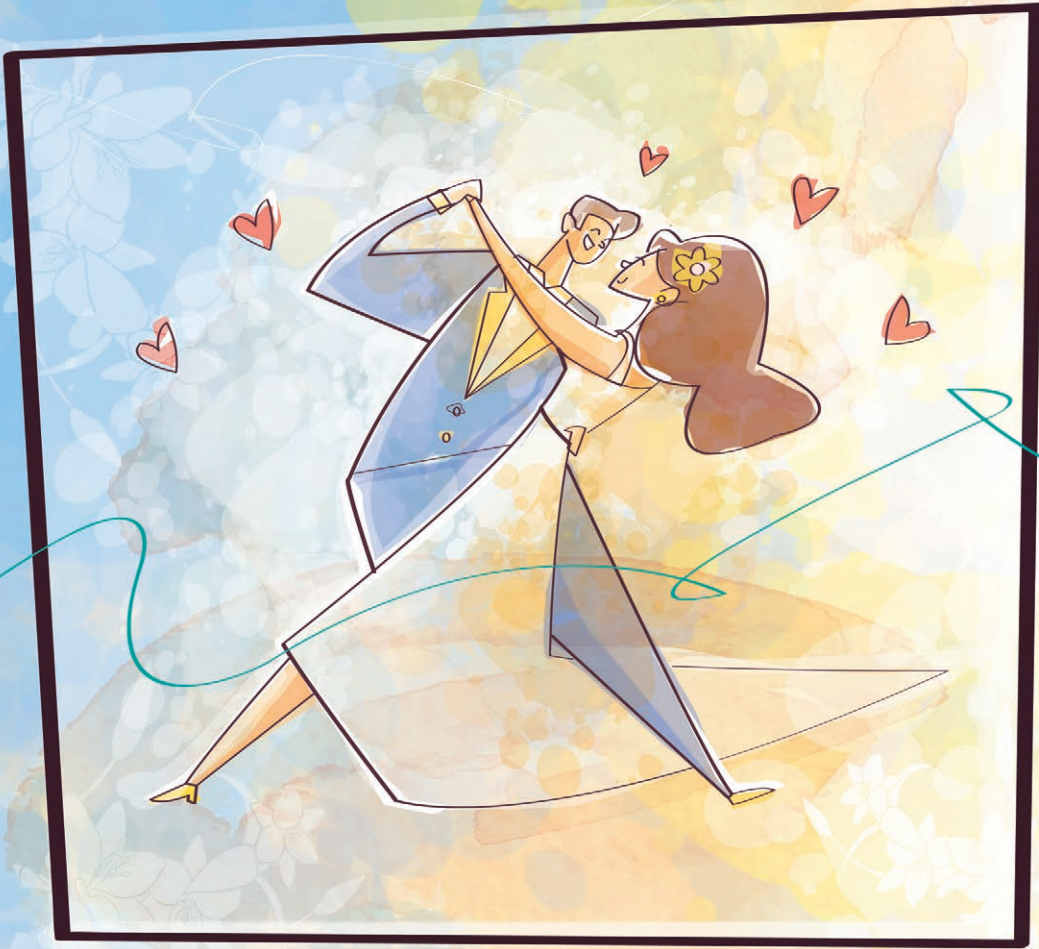



A supermulher adaptável | *Ana Cristina Rebouças Torres* 130
Minha casa no trabalho | *Gabriela Rabelo Bandeira* 134
O cotidiano e o inusitado dentro de casa | *Eliana Borba Rodrigues* 135
Aproveitando o “intervalo da ovelhinha”, vou te contar... | *Mirtes Maria Oliveira Castro* 138
Adaptação e novos hábitos na pandemia | *Marta Pereira de Matos* 142
O valoroso ofício particular | *Nayara Nayane Rodrigues Piretti* 144
Relatos sobre a vida em tempos pandêmicos:
adaptações e reflexões | *Suellen Ferreira Santana* 146
Quando a casa virou escritório | *Eliza Fantin de Magalhães Silva* 150
Resiliência compartilhada | *Nara Alves da Silva Medeiros Queiroz* 151
Somos essenciais! Não somos quadrados! Então, se vire... | *Lorena Anjos Meireles Sebba* 152
A rotina perdida | *Cejana Nogueira Ferreira Magalhães* 154
Vida comprimida | *Patrícia Vieira de Sousa* 156



As vicissitudes do *home office*: um relato idiossincrático
do meu dia a dia em teletrabalho | *Élin Cunha Luiz Cardoso Piaí* 164
Lar, doce Vara? | *Marina Meirelles Bogalho Moita* 168
Depois daquela tarde | *Renata Monteiro Barboza Raiser* 170
Cordel — Lei da Saudade | *Bárbara Cristina da Silva Ferreira Amorim* 172
Da janela... | *Fabiola Mendes Villela* 173
É preciso recuperar nossas janelas | *Maria de Lourdes da Cunha Souza* 174
Minhas anotações sobre a pandemia, em versos e rimas | *Túlio César Ferreira Lucas* 178
E quando o trabalho nos faz olhar (para as urgências da própria vida)? | *Carolina Brandão Piva* 180







E não adianta reclamar, não adianta tentar resgatar a rotina do passado para nos socorrer no agora. O labirinto está à frente. Na acolhida do lar, começamos a perceber que é no novo que a oportunidade de reconstrução se faz presente. Adaptar às mudanças e harmonizar conflitos que nos acompanharão por algum tempo. Com o fio em mãos, a jornada se inicia...

O home, o office e o maternar

Nós estávamos casados há quase dois meses, ainda nos habitava aquele romance típico da doce “lua de mel”, com muitos jantares românticos e passeios, quando descobrimos que eu estava grávida. Apesar de isso não ser planejado, veio como um raio de sol nos dias de frio, estávamos plenos, saboreando cada minuto dessa nova fase, curtindo a minha barriguinha, trabalhando, cursando o nosso mestrado, nos deliciando com boas comidas em vários cafés da nossa cidade, indo às lojas de roupinhas para bebê, enfim, estávamos vivendo nossa doce e leve rotina que havia sido cuidadosamente conquistada e construída ao longo do nosso recém-casamento.

Mas, de repente, aquela rotina que nos era familiar não estava mais lá, tudo havia mudado. Passamos a viver 24 horas dentro de casa, tendo que aprender a conviver sem pausas, a interagir com os amigos apenas virtualmente, a assistir a aulas pelo computador, a seguir em teletrabalho, a comprar tudo pela internet, e, principalmente, a gestar uma vida sem saber como seria o futuro.

Dentro de um pequeno apartamento, que me parecia ainda menor naquela época, tivemos que aprender a dividir um novo cômodo da casa: a sala. Sim, a sala, que antes era habitada para curtirmos a lareira enquanto jantávamos ou para vermos um bom filme nos finais de semana, tinha passado a ser o nosso escritório. Eu ficava na mesa de trabalho, comprada especificamente para isso, enquanto meu marido tentava encontrar uma posição para trabalhar na mesa de jantar, pois não era possível termos duas mesas de trabalho, não caberia naquele pequeno espaço.

O desafio, que parecia apenas ser logístico, ganhou novos contornos. Tivemos que aprender a respeitar o momento do outro e não era fácil, não mesmo! Quando eu estava concentrada, digitando intensamente a minuta de um voto, o meu marido vinha querendo saber que horas iríamos

almoçar, e quantas vezes eu entrei de forma abrupta na sala quando ele estava dando aula ou atendendo algum partilhante (paciente). Sim, ele é terapeuta, ainda bem, porque teve que gerir várias oscilações de humor que eu tive ao longo da gestação, algumas vezes, de origem hormonal e outras decorrentes dessa fase de adaptação.

Demorou semanas para nos alinharmos, para respeitarmos o espaço e o tempo do outro, mas, após vencermos essa fase desafiadora, conseguimos aproveitar o fato de o *office* ter invadido o nosso *home*. Sim, tinha muita coisa positiva a ser vivida. Eu, por exemplo, passei a ouvir o meu corpo, o meu bebê e as minhas demandas. Quando eu estava trabalhando e as costas doíam, eu parava, descansava, e depois regressava. O mesmo eu fazia quando era tomada por um forte enjoo, ou, ainda, quando aquele sono avassalador me possuía. Só as grávidas vão entender o quanto esse sono pode nos derrubar... rsrs!

O parto se aproximava e eu sentia que era hora de me afastar das atividades laborais. Ainda que eu estivesse desempenhando de uma forma respeitosa com o meu corpo, não dava mais para dar o meu melhor no trabalho com um turbilhão de emoções tomando conta de mim. E, como dizem que mãe tem intuição forte, dois dias depois de eu me afastar, a bebê veio ao mundo, mas esse capítulo mágico, gratificante e intenso da minha vida, fica para ser contado em outro momento. Vamos, agora, avançar para o *Capítulo 3* dessa fase pandêmica.

Sim, ao final da licença-maternidade, ou melhor, das férias que eu havia emendado com a licença, não esperava, nem mesmo imaginava, que tudo estaria do mesmo jeito, com a pandemia batendo em nossas portas. Mas, como aquela situação já não era nova, ficamos mais calmos, sabendo que o meu retorno ao trabalho seria desafiante, só que seria realizado da



mesma forma como foi na sua primeira etapa, de casa, de forma respeitosa, segura e humanizada, agora não mais com o meu corpo, mas com algo mais precioso e frágil, com a minha bebê.

Confesso que o retorno ao trabalho me causou um pouco de medo, medo porque seria a primeira vez, em sete meses, que eu não seria apenas mãe. Teria que desempenhar outro papel e eu achava que não estava pronta, que não daria conta de acompanhar o crescimento da minha bebê, com todo o esforço e atenção que isso demanda, e, ao mesmo tempo, me dedicar ao trabalho.

No entanto, para minha surpresa, o trabalho passou a ser uma parte agradável do meu dia, aquele momento que eu poderia relembrar da pessoa que eu fui antes de a bebê nascer. Só relembrar mesmo, pois eu nunca mais seria a mesma depois de tê-la em meus braços e, preciso reconhecer, eu nem queria. A minha versão mãe se apresentou mais calma, focada e, principalmente, em paz para desempenhar as funções em teletrabalho, porque meu coração estava muito seguro de que a minha bebê estava lá no seu quarto, a poucos metros de mim, brincando, rindo, se divertindo com o seu pai e sua irmã *dog*.

Os dias foram passando e eu comecei a ajustar as necessidades da minha bebê com as do meu trabalho. Aprendi a conciliar: os seus momentos de aleitamento materno e acolhimento, por conta dos saltos de desenvolvimento ou das cólicas, com a minha rotina; a sua necessidade apenas de ter a mãe ao seu alcance com as minhas metas.

Mas nem sempre foi fácil e prazeroso: me recordo claramente do dia em que a minha Chefe mandou vários áudios questionando algumas coisas que eu havia escrito em um despacho, tentando entender o motivo pelo qual eu tinha adotado tal posicionamento. Enquanto isso, eu, em um movimento quase que de filme de comédia hollywoodiano, estava com a bebê

chorando em meu colo, chorando com toda a intensidade que é própria de um bebê que quer fazer um cochilo e não consegue. Nesse contexto, eu, ao mesmo tempo em que tentava escutar os questionamentos da minha Chefe sobre aquele processo de mais de 20 mil páginas, ficava cantando música religiosa na vã tentativa de silenciar o choro da minha filha ou de fazê-la adormecer. E, claro, que a minha tentativa foi totalmente frustrada, pois eu nem conseguia acalmar a minha bebê, nem entender nada do que a minha Chefe queria. E, quando eu estava prestes a chorar (sim, eu sei que não era preciso, mas eu realmente estava com lágrimas nos olhos), lembrei que a minha Chefe, lá do outro lado do telefone, não sabia que eu estava nessa situação e ela estava tranquila, aguardando uma resposta minha, por acreditar que eu estava inteira naquele diálogo. Aí foi quando eu resolvi contar para ela o meu drama e ela tranquilamente falou: “Coloca a sua bebê para dormir, com calma e sem pressa, e depois a gente retoma a correção”.

Pois é, algo tão simples de se fazer, mas que se tornou desafiador para mim, enquanto mãe de primeira viagem que tinha regressado há apenas duas semanas ao trabalho. Essa é a beleza da vida: novas fases, novos desafios e novas histórias para contar.

Como eu me sinto vivenciando tantas mudanças pessoais durante uma pandemia mundial? Uma privilegiada pelo meu *home* ter acolhido, não sem grandes desafios, o meu *office*, pois, assim, eu pude e posso viver pertinho da minha bebê nesse momento que julgo ser essencial para o seu desenvolvimento e para nossa conexão como família, sem negligenciar minha vida profissional, em um verdadeiro equilíbrio entre os papéis de esposa, mãe e profissional.

Shirley Kelyne Macêdo de Almeida



Relato sobre as (in)constâncias da vida

Quando o ano de 2020 começou, eu estava extremamente animada e positiva. Afinal, seria o ano do meu casamento. Estava cheia de planos e sonhos. Havia acabado de fazer uma viagem a Gramado com meu noivo e estávamos muito envolvidos com os preparativos da cerimônia do nosso casamento, que incluía a tão sonhada festa onde iríamos celebrar nossa união com nossos familiares e amigos.

Chegado o mês de fevereiro de 2020, eu, ansiosa que sou, já havia imprimido todos os convites e me preparava para começar a convidar os padrinhos do meu casamento. Já se ouvia falar de uma nova doença que havia surgido na China, mas que já fazia vítimas na Itália. Tudo aquilo parecia tão distante. Não tínhamos a noção da gravidade da nova doença e de tudo que estava por vir.

Março de 2020. A nova doença já chegara ao Brasil. Uma pandemia fora decretada pela OMS. O dia 13 de março de 2020 foi o último dia em que trabalhei presencialmente nas instalações do TRT-18. E foi assim, nessas circunstâncias, que eu, que nunca havia cogitado trabalhar remotamente, comecei o meu *home office*.

Os primeiros meses foram desesperadores para mim. Não bastasse toda a questão emocional desencadeada pela incerteza da realização do meu casamento, eu precisei me adaptar como pude para poder exercer minhas funções, trabalhando a partir da casa da minha mãe, com quem ainda moro.

Como estava prestes a me casar e sair da casa minha mãe, não me preocupei, inicialmente, em organizar um espaço que pudesse servir de escritório para mim. Nos primeiros três meses de pandemia, a minha cama e a mesa da cozinha eram meus locais de trabalho.

A rotina de nossa casa mudou. Aliado ao *home office*, precisei me organizar para, junto com minha irmã, fazer as compras de supermercado e farmácia para minha mãe e meu pai, que ficaram totalmente isolados.

Paralelamente a isso, a questão emocional me desestabilizava. Ver casamentos de pessoas conhecidas marcados para os meses de março e abril sendo cancelados ou adiados foi muito doloroso e angustiante. Não tínhamos certeza de mais nada.

Meu casamento estava marcado para o dia 20 de junho de 2020. Planejávamos tudo há mais de um ano meio. Mas com a data se aproximando e a situação pandêmica só piorando, fomos obrigados a tomar uma decisão.

Quando decidimos adiar o casamento, já era o mês de abril de 2020. A questão era: adiar para quando, diante de tantas incertezas? Depois de muito choro e ranger de dentes, eu aceitei a ideia do meu noivo de adiarmos nosso casamento para maio de 2021.

Só quem já sonhou e organizou um casamento sabe de tudo que envolve os preparativos. O adiamento mexeu comigo de uma forma que jamais imaginei. Eu, que sempre tive um “roteiro” de vida prontinho na minha cabeça, me vi obrigada a me adaptar às novas circunstâncias.

De março a junho de 2020, vivi dias terríveis, emocionalmente falando, tentando me equilibrar para conseguir produzir no trabalho, no meio do furacão em que todos nós fomos colocados.

Passado o fatídico dia 20 de junho de 2020, gradativamente consegui me reorganizar física e emocionalmente. Organizei um espaço de trabalho no meu quarto, voltei à prática de exercícios físicos, agora em casa, e me tornei adepta ao uso de óleos essenciais, que muito me ajudaram na questão emocional.

adaptar

De junho a novembro de 2020, vivi dias melhores, com melhor rendimento no trabalho e com mais equilíbrio emocional.

A proximidade do fim do ano e a diminuição de boas perspectivas para o fim da pandemia, no entanto, acredito eu, foram fatores que colaboraram para uma nova crise emocional. Mas agora muito mais severa que a primeira que havia vivenciado nos meses iniciais da pandemia.

Nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, comecei a sofrer de insônia, problema que nunca antes havia vivenciado. Foram dias sem dormir, o que desencadeou uma queda brusca no meu rendimento no trabalho e até na qualidade de raciocínio simples.

Havia chegado ao meu limite. Precisei procurar ajuda médica. Foi-me recomendada licença de 30 dias. Aquele atestado foi por mim recebido quase que como uma sentença de morte. Era como um atestado de fracasso, de fraqueza. Nunca antes havia me afastado do trabalho por tanto tempo, nem mesmo em férias. Mas eu estava realmente sem condições. Precisava desse tempo.

Tomei coragem e expus a minha situação aos meus gestores. Já era final de janeiro de 2021 quando me encontrei pessoalmente com a minha gestora, Cássia Maria Sebba Kafuri, para lhe entregar meu atestado e dizer que, naquele momento, precisava me afastar do trabalho. E foi aí que eu fui acolhida de uma forma tão grande que até me constrangeu. A Cássia me abraçou, me consolou, e disse para não me preocupar com o trabalho, que cuidasse de mim.

Quando ouvi dela que aquilo tudo iria passar, confesso que não acreditei. Já havia escutado isso de tanta gente, familiares e amigos próximos que sabiam da minha situação. Quando se está no meio de um tsunami e não se enxerga além dele, é difícil acreditar que o mar irá se acalmar novamente um dia.

O mês de fevereiro de 2021 foi marcado para mim como a saga dos consultórios de médicos psiquiatras. Fui a vários, até me sentir segura e acolhida para começar um tratamento. Vi a depressão se apresentar a mim, sentar na sala e pedir um café, depois de ela já ter invadido a minha casa interior e feito uma bagunça e tanto.

Como dito anteriormente, quando se está no meio do caos emocional, não se imagina que aquilo tudo será superado. Precisei de ajuda. E tive. Meus pais, minha irmã, meu noivo, amigos anjos e um médico atencioso foram fundamentais para mim nesse período.

Retomei minhas atividades laborativas, ainda em *home office*, em março de 2021. Minha melhora está sendo gradual. Mas sou extremamente grata a Deus, aos meus familiares, aos meus amigos e ao meu noivo por todo o suporte que me deram e ainda me oferecem.

Por fim, não poderia deixar de agradecer também à Cássia e aos meus colegas de trabalho mais próximos por todo o apoio que a mim dispensaram. Gratidão eterna a vocês, meus amigos!

Escrevo este texto na véspera de completar meus 33 anos e a exatos dezoito dias da celebração do meu casamento. Foi necessário adaptar a cerimônia, mudar de igreja para uma que comportasse nossos convidados com o respeito do distanciamento recomendado pelas autoridades sanitárias; e não teremos festa. Mas estou feliz. Estou em paz. E é o que importa neste momento de tantas incertezas que todos nós estamos vivendo.

A vida é uma constante transformação. Somos humanos e, exatamente por isso, estamos suscetíveis a falhas. E está tudo bem com isso. Essas são algumas das lições que tenho internalizado — a duras penas, talvez —, mas com o coração cheio de gratidão pela caminhada até aqui trilhada.

Anna Maria Távares Baía

Lotação Inusitada

Era dia 26 de fevereiro de 2020 e tínhamos acabado de retornar de Campos do Jordão. Havíamos aproveitado o feriado de carnaval para sentir um friozinho com a família e amigos nas Serras Paulistas. Cobrir o nariz e a boca naquela época era só para se proteger do frio mesmo. Voltamos todos bem felizes e bem gripados; afinal, quem vive no Goiás estranha a umidade e o frio de lá. Tudo normal e nada preocupante.

Duas semanas depois, estourava a pandemia no Brasil e no mundo. Até hoje aquele normal de viagens, encontros com amigos e resfriados despreocupados inexistem. Infelizmente, tosses e espirros podem ser sintomas da Covid atualmente e, como tal, sugerem isolamento e testes, para que o protocolo seja iniciado o quanto antes, minorando a evolução dessa terrível doença que já matou tantos colegas e amigos.

Com a pandemia foi instaurado o *home office* para quase todas as unidades do Tribunal e um novo normal em nossas vidas começou a desenhar-se. Engana-se quem pensa que *home office* quer dizer trabalho em casa. Casa em inglês é *house*. *Home* é uma coisa muito maior. Significa lar, e lar não é feito só de cimento e tijolos. É feito de pessoas, convivência e afeto, e é aí que “mora” toda a diferença.

Sendo uma pessoa de TI, diferente de muitos colegas do TRT-18, eu já possuía um belo *office* em casa. Afinal, computador para a gente não é um mero instrumento de trabalho. É um sonho de consumo realizado. Confesso que antes da pandemia meu PC era muito mais uma estação de lazer do que de trabalho. De qualquer forma, essa parte instrumental eu tirei de letra.

A parte do *home* é que ainda está em andamento; *home + office*, então, um constante projeto em construção.

Éramos 3 no início da pandemia, hoje somos 4. Sim, temos um garotão! Augusto, concebido na pandemia e que completa 4 meses no próximo dia 6. Nascido no dia de Santos Reis, veio completar nossa família, formando um casalzinho lindo com a nossa filha de 2 anos e meio, Isabela.

Minha esposa e eu somos, então, como vários servidores do TRT: pais, donos de casa e servidores públicos federais. Tudo junto e misturado, no *home* que virou *office*, nesse novo normal que estamos vivendo.

Suponhamos que essa nova unidade de lotação “*home* que virou *office*” estivesse realizando um anúncio na Intranet para conseguir novos servidores e que, de maneira hipotética, citasse algumas vantagens e requisitos para se trabalhar lá, sem nenhuma relação com o que vivi, poderia elencar o seguinte:

- Se você estiver atrasado, pode participar de reuniões de trabalho logo após uma partida de tênis, mesmo que esteja com o cabelo completamente molhado de suor. Todos pensarão que acabou de sair do banho. Lembre-se

apenas de trocar a camiseta por uma camisa e de não se levantar para ir ao banheiro antes de desligar a câmera.

- Pausas para dar atenção aos filhos são permitidas e inclusive incentivadas, desde que a carga horária seja cumprida, principalmente se a garotinha pedir com aquela carinha de gato de botas dizendo que só o papai que joga com ela.
- Trabalhar e assistir desenho ao mesmo tempo é natural e educativo, afinal quem não gosta de *Patrulha Canina* e *Masha e o Urso*?
- Não gaste mais com calçados, calças e vestuário formal. São totalmente dispensáveis para lida da casa e para a maioria das reuniões de trabalho.
- Lembre-se sempre de que a maior chefe de todas será sua esposa e que embora não exista nenhum tipo de gratificação financeira para trabalhar como seu assessor, você será demandado constantemente sempre que ela imaginar que você está “tranquilo de trabalho”.
- Dedicção exclusiva é exigida, principalmente porque o trabalho realmente rende quando todos os familiares estão dormindo.
- Todas as refeições podem ser feitas em casa com a família. No entanto, o cafezinho com os colegas e o chope depois do trabalho estão vetados, até porque não existe “depois do trabalho”.
- Trabalhar comendo ou bebendo um bom vinho pode ocorrer esporadicamente.
- Por vezes, a única estação de trabalho da unidade será demandada pela chefe *in loco* e você deverá trabalhar pelo celular ou *notebook*.
- Caso a família tenha bebês, um fone de ouvido poderá ser fornecido para os momentos mais tensos do dia; e
- A convivência saudável com os terceirizados que cuidam do lar e das crianças também é importante; afinal, passam boa parte do dia dividindo com você o ambiente de trabalho.

Acredito que muitos tenham se identificado com as características desta unidade de lotação. Espero, porém, que ela seja de caráter temporário e que não perdure por muito mais tempo; afinal, temos um Tribunal novinho nos esperando e o virtual, por melhor que seja, ainda não substituiu o presencial.

Quando esse tempo chegar, poderemos voltar a confraternizar, muito mais ligados, com certeza, aos nossos estagiários do lar, que ainda disputam diariamente, com a estação de trabalho, nossa atenção e carinho. Talvez, poderemos até levá-los ao nosso Egrégio para conhecerem, de fato, onde o papai e a mamãe trabalharão por muitos anos vindouros.

Leandro Cândido Oliveira

E viveram felizes, ou quase, em *home office*

“Prometo amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe”. Assim, repeti essas palavras, com um sorriso estampado de orelha a orelha, sem nem pedir alguns esclarecimentos. Poderia ter interrompido a cerimônia, tirado uma duvidazinha só: “Senhor, Senhor, com licença! Isso inclui pandemia? *Home office*? *Lockdown*?”.

Mas não! Estava hipnotizada pelo moço de terno azul que me olhava docilmente. E foi assim que o “viveram felizes para sempre” se transformou em um “viveram em *lockdown* para sempre”. Logo naqueles primeiros meses de casados, uma pandemia sem precedentes abalou o mundo, e, com isso, a mudança do estado civil foi acompanhada da mudança do ambiente de trabalho.

Mas não se assuste! Esse jovem casal estava transbordando de esperanças, um futuro todo pela frente, um mundo a conquistar, que, apenas de forma passageira, estava limitado ao apartamento tão cuidadosamente planejado.

Nessa programação, não faltou um belo de um *home office*. Afinal, somos um casal jovem, visionário: “*Home office* é o futuro”, dizíamos. Mostrávamos orgulhosos a mesa bonita, o espaço amplo reservado para cada um: apoio de pé, duas telas, a cadeira ortopédica dividida em tantas parcelas quanto tem durado a pandemia. “Nem perceberemos a presença um do outro”, pensavam os pobres pombinhos apaixonados. Mas, ora, ora, quem diria que o futuro chegaria tão rápido?

Nessa nova vida a dois, enquanto ainda nos adaptávamos para fazer do novo *home* um lar, o *office* chegou e sentou-se à janela, passando a ser o local mais frequentado da casa. De profissões completamente diferentes, a servidora pública que vos fala, formada em direito; e ele, engenheiro civil autônomo, passamos, então, humanas e exatas, Goiás e Vila, ariana e geminiano, a dividir o mesmo espaço, 24 horas por dia.

Nós nos descobrimos produtivos pela manhã. Acordávamos a mil, cada um tomava o seu posto. O café da manhã acontecia ali mesmo no *home office* e o momento família ficava para o almoço. Uma rotina aos poucos se estabelecia.

Eu estava acostumada com um ambiente de trabalho movimentado: um entra, outro sai; uma troca de ideias sobre um processo aqui; um cafezinho ali. Agora, o entra e sai era da cozinha e da lavanderia; trocava figurinhas com o Google sobre o cardápio do almoço. Nem a garrafa de café toda estava dando conta da exaustão física e emocional que se instalava. Por sua vez, o digníssimo já era adaptado a voar solo: era o secretário, o diretor, o marketing e o estagiário da nova empresa que nascia daquela cabeça compenetrada. Uma concentração de dar inveja, fones sempre nos ouvidos, e assim ele passava os dias satisfeito, vivendo no seu mundo paralelo.

Até tentávamos engatar os assuntos, mas as tarefas que executamos pareciam japonês em braile um para o outro. Conversar sobre a família deixaria escasso o assunto do almoço. Indicar séries e filmes, contar dos planos do fim de semana, só nos fazia lembrar do eterno *lockdown* que estávamos vivendo. Por vezes, a tensão escalava e, em um tom que jamais usaria em um ambiente de trabalho, eu saía pisando forte, resmungando: “Você é o pior colega de trabalho que já tive, nem café toma!” — e de fato, para o choque de todos, nem um cafezinho ele tomava.

A aflição do momento deixava a cabeça a mil. Eu queria movimentar o ambiente. Brotou uma ideia: “E se fossemos três? Um de quatro patas, talvez?”. Contudo, logo me lembrei do geminiano alérgico que sentava ao lado. A solução foi uma planta. Encontrei o canto perfeito no escritório e dediquei-me à pesquisa: “plantas para escritório, tudo que você precisa

saber”; “plantas que aumentam sua produtividade”; mas minha lua em peixes foi conquistada mesmo pelo “*home office*: plantas para purificar o ar”.

Foi assim que uma *Zamioculcas zamiifolia* passou a fazer parte da família. Zami, para os íntimos. O verde vivo, as folhas brilhantes: Zami revolucionou o ambiente, era o colega novo que todos gostavam. Eu dava bom dia para a Zami, conversava com a Zami, tomávamos banho de sol juntas. A esperança se renovava...

Mas matei a Zami! Nem a Zami aguentou aquela energia estocada. E, assim, aprendi no *office* uma lição que se aplicaria, e muito, no lar: até amor e cuidado em excesso fazem mal. Do lado de lá, algumas lições também estavam sendo aprendidas, e as atitudes começavam a mudar: os fones já não eram de todo dia; olhava-se mais para o lado; tirava-se tempo para explicar sobre obras e projetos; escutava-se mais; e vez ou outra, até uma piada ele arriscava para me ver sorrir.

Assim, foi caminhando 2020. Naquele primeiro ano de casados, o *home* passou a ter a nossa cara, a rotina entrou nos eixos, a divisão de tarefas foi estabelecida, e até o *home office* passou pela sua segunda reforma. Os trajes mais arrumados, fruto daquele esforço comum dos primeiros meses de casados, transformaram-se em pijamas, velhos e confortáveis. Pobres pijamas, não tinham trégua. Mesmo assim, as risadas vinham de forma natural e a música, agora, era compartilhada.

Estes colegas de trabalho aqui já faziam planos de *happy hour* pós-expediente. Combinávamos uma cervejinha, os jogos da *Champions League* eram marcados no calendário. Desligávamos os computadores, e, em apenas alguns passos, mudávamos de ambiente, abaixávamos a guarda e curtíamos a companhia um do outro.

Todavia, como toda primavera acaba, tudo se tornou um pouco sombrio com uma estadia nada rápida dos sogros por esse *home, home office*. “*Home* de toda a família agora, é?!”, “Virou casa da mãe Joana?!”. Mas não precisamos aprofundar em assuntos tão delicados.

Então, quando surgiu uma oportunidade de mudar de lotação, de mudar os ares, a possibilidade de ter uma rotina presencial novamente, não pensei duas vezes. Desse modo, terminei o ano de 2020 com novos desafios, novos colegas (muitos dos quais até hoje não conheço pessoalmente), e, por umas duas vezes na semana, uma mudança de ambiente. Graças a Deus por isso.

Quando as coisas pareciam voltar ao normal, com a virada do ano, infelizmente, o cenário não melhorou: as perdas começaram a ficar cada vez mais próximas, a saudade da família bateu forte, e a situação política trouxe uma insegurança maior para o futuro. Com regras de *lockdown* mais rígidas, voltamos a ter a companhia apenas um do outro. Apesar disso, já nos entendíamos mais, eu já não sofria tanto com a escassez de palavras, e ter certeza da presença dele ali do lado me trazia conforto e acalmava o coração.

Caminhando em altos e baixos, em certos dias, a tristeza dominou. Vez ou outra, um ficava sem a sua companhia no escritório, já que o colega precisava de espaço para retornar ao eixo, respirar e processar seus pensamentos. Nesse *home office*, aprendemos que cada um tem seu tempo, o não rendimento durante o dia pode ser compensado à noite e no fim de semana, e aqui não se questiona a necessidade do outro de trabalhar.

Agora, em meados de 2021, continuando a desfrutar do privilégio de poder trabalhar em *home office*, vejo o quanto essa experiência influenciou a nossa evolução como casal. Ao encerrar esta narrativa, que nada mais é do que uma tentativa de mostrar para vocês que é possível sobreviver aos primeiros anos de casados passando em média 24 horas por dia juntos, passo pelo meu companheiro, entrego-lhe uma xícara de café — que obviamente ele aprendeu a gostar — faço-lhe um cafuné, suspiro feliz e penso: “Que bom que o *home* virou *office*”.

Mas, também, faz bem variar de vez em quando, né?

Samara Dayane Nascimento Cardoso

entrega

Quando a agitação vira calma...

No início de 2020, descobrimos que a nossa família iria aumentar. Sim! Uma menina linda estava a caminho para completar o nosso lar! Foi um misto de sensações, comuns para qualquer família que já se considerava completa. Mas não fazíamos ideia de que essas sensações não chegavam nem perto de tudo que estava por vir. Em menos de 3 meses, fomos surpreendidos por uma pandemia e todos aqueles medos, receios e dúvidas se intensificaram.

Nesse momento, tivemos que nos recolher em nossos lares para nos protegermos e protegermos aqueles que amamos. Nosso primeiro desafio chegou! Reestruturamos os quartos para que nosso filho mais velho pudesse assistir às aulas *online* e eu conseguisse trabalhar remotamente, em meio aos enjoos, cansaço, pés inchados e um barrigão lindo e cheio de amor!

O que parecia um enorme desafio, aos poucos foi se tornando calma. Enquanto minha menina crescia dentro de mim, eu crescia como mãe bem do lado do meu filho “mais velho”.

E assim, fomos conseguindo vencer meses em casa, com muita paciência, muitos desafios, muitas adaptações, mas uma gratidão enorme por estarmos saudáveis e tendo a oportunidade de ter esse tempo nosso, inteiro e completo, antes da chegada da nossa menina.

E eis que no finalzinho de agosto, ela chegou! Linda e cheia de saúde. E como se não bastasse todos os hormônios desregulados, a pandemia ainda me deixava mais apreensiva; afinal, éramos só nos três e um bebê! Muito se fala em rede de apoio e essa era a nossa, nossa família, no sentido mais íntimo que possa existir.

E durante 6 meses, tivemos muitos dias difíceis, mas comuns para um lar que recebeu um novo ser. Tivemos noites mal dormidas que acabavam em uma manhã de sorrisos para acompanhar o pequeno na aula *online* e em um esforço e numa entrega de amor muito grande para que, além das mudanças que a pandemia trouxe, a chegada de sua irmã fosse um presente para ele.

Nosso lar floresceu, se alegrou ainda mais e os medos aos poucos foram se esvaindo...

Até que chegou a hora do retorno ao trabalho e o coração era amor e insegurança, não tínhamos rede de apoio e optamos por não ter babá.

Novamente, nos reorganizamos, a estação de trabalho veio para a sala, decorada por um lindo tapete de atividades, brinquedos, pula-pula, fios levantados, tomadas fechadas, um cadeirão (porque em meio a tudo isso, começamos a introdução alimentar), e posicionada estrategicamente para que eu pudesse ficar atenta ao filho mais velho enquanto assistia à aula *online* (atenta é jeito de falar, porque eu queria era vigiar mesmo!).

E percebendo as mudanças desse período, buscando uma organização profissional e maternal (traduzida em desespero mesmo), juntos criamos *planners* com rotinas e horários para cada um (doce ilusão e expectativa).

Os dias foram passando e as dificuldades só aumentando, até que em um dia de caos, quando nada saía como planejado, eu desisti e resolvi conversar com uma amiga para relaxar, na esperança de que ela tivesse as palavras certas para me motivar...

E ela disse: “Ah, amiga, se acalme, ainda bem que está em *home office* porque assim é mais fácil e mais tranquilo”.

Eu dei uma pausa, me arrependi da conversa, e pensei: “Como assim tranquilo?”.

E durante alguns segundos (que para mim pareciam uma eternidade), vi um filme do meu dia passando pela minha cabeça:

Tranquilo? Logo eu que saí da cama no susto às 6 horas da manhã e antes que eu me lembrasse do *planner* (levantar calmamente, orar, meditar, tomar um banho e fazer a *skin-care* das blogueiras), eu já estava era na cozinha preparando ovos mexidos, cortando as frutas e coando um café (porque só com muito café para dar conta). E enquanto o café fervia, eu corria de um lado para o outro... Acordava o menino, o colocava no banho, separava o uniforme, arrumava o quarto para a aula *online*, conectava cabo, TV e deixava tudo prontinho...

Mas no meio dessa correria, sentávamos à mesa e tínhamos nosso momento juntos pela manhã, e toda a minha agitação virava calma, o que durava cerca de 3 segundos,

porque em seguida o meu esposo saía para trabalhar, o Caio para aula *online*, eu terminava a louça e finalmente iria tomar meu banho para começar o meu “dia tranquilo”... Tranquilo? Nada disso, porque a essa altura já era hora do banho da bebê, de ela mamar, de arrotar e de brincar... E enquanto ela brincava no tapete, sofá, pula-pula (e tudo mais que você que está lendo este texto possa imaginar), eu conseguia trabalhar por algum tempo sem interrupção.

Mas logo já era a hora do lanche e a frutinha da bebê... E eu pensava: “Meu Deus, acabei de lavar tudo, dar banho e já vai começar tudo de novo”, me batia um desespero e uma vontade de chorar..., mas quando olhava para a mesa e via os dois sentadinhos me esperando, se olhando e sorrindo, toda a minha agitação virava calma, o que durava cerca de 3 segundos, porque o intervalo já tinha acabado e já era hora da soneca da manhã (que às vezes é menor do que o tempo que gasto fazendo ela dormir)...

Nesse momento, conseguia me sentar e trabalhar (claro que ainda de pijama e coque no cabelo). Então, finalmente tudo parecia estar tranquilo. Tranquilo?

Que nada, já era quase a hora do almoço e nem tinha pensado no que fazer...

Na maioria dos dias, sentamos à mesa e almoçamos todos juntos e, nesse momento, toda a minha agitação vira calma, o que dura cerca de 3 segundos, porque aí já é hora de lavar a louça e todo o resto vocês que já conhecem...

E é à tarde, com meu esposo em casa, em que começo o segundo turno, agora sim, sento e trabalho com mais tranquilidade, claro que sempre ao som da música mais linda que uma mãe pode conhecer: “Mãe, mãe, mãe, manhêêêê...”.

Poderia terminar por aqui, porque já me cansei só de pensar, mas a minha amiga ainda continuava conversando e eu pensando em uma resposta... E enquanto eu lembrava de todo o meu dia, o cansaço ia ficando distante e eu só conseguia pensar em como sou feliz por cada momento desses, por tantas oportunidades de amar e me doar e por tanto amor que recebo em troca. E eu só consegui responder para minha amiga:

“Amiga, você tem toda razão... Depois que o meu *home* virou *office*, está tudo mais fácil e mais tranquilo”.

Mas você aí que está lendo sabe: que toda a minha agitação vira calma, mas só dura cerca de 3 segundos...

Cynthia Lore Garcia de Souza Zorzetti

então

Minha parceirinha de trabalho

Minha primeira e única filha nasceu em novembro de 2019, pouco mais de 3 meses antes de estourar a pandemia do Coronavírus. Como se não bastassem todas as dificuldades pelas quais naturalmente passam os pais de primeira viagem, como as cólicas, gases, noites praticamente em claro, aquele choro cujo motivo não dá para identificar, algo ainda maior estava reservado para nós.

Em pouquíssimo tempo, nos vimos trancados dentro de casa, com medo de algo totalmente novo e desconhecido, algo que atingiu o mundo inteiro e do qual pouco se sabia. E logo começou a corrida às farmácias atrás de álcool em gel, algo que, conforme uma atendente me falou, havia virado “lenda”, e ficávamos acompanhando as notícias na TV, apreensivos principalmente por termos um bebê tão pequeno em casa.

Apesar de tudo, havia sempre a expectativa de que essa situação não iria durar muito. Um ano, no máximo, era o que alguns especialistas diziam. E nós acreditávamos; afinal, nós queríamos acreditar nisso, nós queríamos crer em algo que nos desse esperança. Mas o tempo passou e foi preciso que todos se adaptassem ao novo normal.

Uma novidade que até então não me passara pela cabeça era a possibilidade de trabalhar em casa, fazer o meu serviço diário a distância. Apesar de já acompanhar as mudanças que vinham acontecendo nesse sentido, parecia algo ainda um pouco longe para mim, particularmente, devido à quantidade de vagas em trabalho remoto disponíveis para minha seção. Porém, naquele primeiro semestre de 2020, a exceção tornou-se regra, e logo eu estava adaptando minha casa para se tornar meu local de trabalho, meu quarto, meu escritório.

E apesar de tudo o que a pandemia trouxe de ruim, preciso admitir que para mim e para minha família essa oportunidade de passar mais tempo juntos foi na realidade um presente. Apesar de trabalhar em um local com uma carga horária muito boa, principalmente em comparação a outros tipos de trabalho, eram 5 dias na semana, 7 horas de expediente, mais 1 hora de trânsito em que eu ficava longe da bebezinha mais linda do mundo, que a cada dia ficava mais esperta, a cada dia me encantava mais.

E o fato de conseguir passar o primeiro ano de vida dela tão próximo é algo pelo qual sempre serei grato. Eu podia trabalhar e, no momento de descanso, segurá-la no colo. Na volta do banheiro, podia dar um beijo na minha menina. Na pausa para o cafezinho (obrigatório mesmo em *home office*) podia aproveitar para brincar um pouco com ela.

Mas o tempo foi passando, e hoje aquela bebezinha já é um bebezão, que anda (começa a correr), está aprendendo a falar e já tem muita opinião. E preenche a casa com seus risos, seus choros, seus gritos. E que não consegue entender que o papai precisa trabalhar para sustentar a casa e comprar para ela as frutas de que tanto gosta.

Todo dia antes de começar o trabalho eu me despeço dela com um beijo, e em seguida entro no quarto e fecho a porta. Passam alguns minutos e começam as batidas, os gritos, e meu

computador nem conseguiu ligar todos os sistemas ainda. Então preciso abrir para que ela entre no meu “escritório” correndo, para me abraçar, tentar pegar o *mouse* em cima da mesa, empurrar minha cadeira, tentar subir na cama.

É uma jornada difícil, porém maravilhosa. E às vezes, preciso tentar trabalhar com ela no colo, o que se provou impossível já que ela faz questão de digitar no teclado e controlar o *mouse*. Já tentei deixar um desenho passando no celular para assim prender a atenção dela, mas descobri que nenhum desenho no mundo é mais interessante do que um *mouse* de computador. Afinal, se os adultos mexem tanto nesse negocinho, deve ser algo muito interessante de se fazer, não é mesmo?

Minhas anotações e documentos precisam ter uma atenção especial. Não consigo esquecer do dia em que deixei um papel importante dando bobeira na beirada da mesa e aquilo acabou se transformando em mais uma tela para desenhos abstratos (não se preocupem, consegui fazer uma cópia).

O fato é que misturar trabalho e rotina familiar se transformou em uma verdadeira aventura, e como em toda aventura, existem momentos de angústia e sofrimento, mas muitos, muitos outros momentos de alegria e satisfação.

Não fosse o fato de minha esposa ficar à disposição da nossa filhota a maior parte do tempo em que estou trabalhando, acredito que eu correria um sério risco de sofrer uma punição por baixa produtividade. Todo o meu respeito às pessoas que conseguem fazer isso funcionar sem um apoio forte ao lado. Não sei se eu conseguiria.

Apesar de todos os percalços afirmo que, para mim, trabalhar tão próximo aos meus entes mais queridos está sendo uma experiência maravilhosa, a qual eu não trocaria por nada. Espero ansiosamente o final desse período pandêmico, como todo o mundo, mas, quando voltar ao presencial, acredito que vou sentir muita saudade dos momentos em que estava totalmente absorto no trabalho e de repente alguém entrava correndo no quarto falando: “Papá, papá!”.

Guido Milhomem Dourado

novidade

Relatos de um trabalho remoto

Nunca quis trabalhar em regime de teletrabalho. Para mim, sempre foi imprescindível me arrumar e sair para trabalhar em um ambiente preparado exclusivamente para isso, encontrar os colegas de trabalho — muitos deles se tornaram amigos — e discutir com eles as questões jurídicas envolvendo os processos. Foram 10 anos de trabalho presencial no mesmo local, com a mesma equipe e o mesmo chefe.

De repente, me vi compelida a abandonar aquele posto de trabalho ergonomicamente preparado para mim.

Também sou professora universitária. Amo estar em sala de aula com meus alunos; afinal, são outros 10 anos de docência. E, antes mesmo que estivéssemos preparados para tanto, iniciaram-se as aulas em regime remoto.

No início, o período de quarentena não pesou tanto porque, francamente, eu não esperava que estaríamos em isolamento por tanto tempo. Mas os dias viraram semanas, as semanas viraram meses, os meses viraram ano.

Pronto! Lá estava eu, trabalhando no (des)conforto da minha casa, dividindo o tempo de trabalho e o escritório (literalmente, o cômodo da casa) com meu marido e também com o meu filho de 4 anos de idade, o Matheus, que tinha entrado na escola há apenas 1 mês e meio e agora precisava utilizar o computador para assistir às aulas *online*.

Nem preciso dizer que uma criança de 4 anos de idade precisa ser acompanhada por um adulto durante a integralidade da aula *online*, a não ser que você não se importe que seus documentos e trabalhos importantes arquivados cuidadosamente no computador sejam diligentemente apagados por um serzinho que ainda não sabe ler, mas fuça em absolutamente tudo do computador.

E assim, o *home* virou *office*, virou escola infantil, virou sala de aula universitária.

O primeiro desafio, sem dúvida, foi manter a produtividade não obstante a redução do tempo de trabalho. Como não contávamos com ajuda para cuidar do nosso filho, eu e meu marido nos revezávamos no trabalho e no cuidado com o Matheus. Não podíamos trabalhar simultaneamente — enquanto eu trabalhava, ele ficava com o Matheus, e vice-versa.

Como meu marido é engenheiro, foi logo inventando uma tal planilha de tempo para nós dois preenchermos diariamente com o horário de início e de término do trabalho de cada um — período gasto por cada um literalmente trancado no escritório — para que o tempo de trabalho fosse dividido igualmente. Ai, ai... que saudades me deu de voltar ao trabalho presencial...

Logo nos vimos brigando pelos 10 minutos a mais que um tinha trabalhado em um dia e não tinha sido compensado no dia seguinte. Pensando melhor agora, acho que eu devia ter proposto também uma planilha de tempo nos afazeres domésticos; afinal, estávamos sem a nossa diarista durante a pandemia.

Não sei dizer como, mas a produtividade não caiu, mesmo com redução do tempo de trabalho, mesmo acumulando a função de acompanhar as aulas remotas do meu filho e ajudá-lo nas tarefas, mesmo não tendo saída senão por vezes conceder ao meu filho acesso ao escritório durante meu horário de trabalho e espalhar centenas de peças de *Lego* no chão para mantê-lo ocupado.

É claro que depois de uns 20 minutos ele se cansava de brincar sozinho e já se empoleirava no encosto da minha cadeira, parecendo papagaio de pirata perguntando o que eu estava fazendo e quando ia parar de trabalhar para brincar. E lá ia ele, cheio de dedos (uns 40!) apertar os botões do teclado e atrapalhar o pouco tempo que eu tinha para fazer o meu trabalho — aquele tempo que era anotado na planilha. Era o caos!

Por falar em caos, já experimentou acompanhar aulas remotas de uma criança de 4 anos de idade? É louquecedor... Não desejo isso nem ao meu pior inimigo. Ouvem-se coisas como “Professora, meu dente tá mole!”.

Em abril de 2020 veio uma novidade — eu estava grávida do meu segundo filho. Iniciou-se mais um desafio. Não bastasse aquele sono incontrolável do primeiro trimestre de gestação, com o passar do tempo minha barriga não cabia embaixo da mesa e meu antebraço não se apoiava na mesa de digitação. Lá se foi a ergonomia do posto de trabalho. A solução foi pedir para o marceneiro arrancar as duas gavetas posicionadas embaixo da mesa. Como senti falta do meu posto de trabalho no gabinete, com meu apoio de pé e a mesa com curvatura que gentilmente acomodou minha barriga na primeira gestação.

Trabalhar remotamente enquanto estava grávida teve pelo menos uma vantagem: não precisei comprar roupa de gestante, nem umazinha sequer, porque ninguém me veria trabalhando. Exceto nas aulas ministradas por videoconferência na universidade, mas digamos que eu estava impecável da cintura para cima, que era a parte que a câmera filmava. Senti falta de estar em sala de aula e de conhecer os alunos por nome e fisionomia, pois nas aulas remotas não vemos os alunos que mantêm suas câmeras desligadas durante a aula.

E recebi uma visita surpresa de minhas amigas do TRT na calçada do meu prédio. Senti-me abraçada por elas diante de tanto carinho, embora não tenhamos nos tocado. Emocionei-me e depois chorei sozinha em casa.

Outro desafio foi a comunicação. Logo no começo do isolamento, a principal forma de comunicação era por meio de aplicativo de telefone móvel. Eram mensagens e mais mensagens

que pareciam nunca acabar. Eu não conseguia vencer aquela avalanche de mensagens que recebia diariamente. Quando eu ligava o celular de manhã, eu tinha aproximadamente 80 mensagens não lidas nos grupos de trabalho. 80! E não paravam de chegar. Depois de alguns ajustes, melhoramos a comunicação e as mensagens diminuíram.

Por outro lado, utilizamos o aplicativo para sanar dúvidas dos processos. As mensagens de áudio facilitaram muito, pois eu podia discutir os processos com meu chefe antes de iniciar a minuta de voto e isso reduziu consideravelmente a margem de erro. Uma forma de comunicação rápida, clara e eficiente, de modo que eu fazia o trabalho sabendo exatamente o entendimento a ser seguido. Aliás, eu e mais duas colegas de trabalho tínhamos um grupo para discutirmos os nossos processos para agilizar nossa produção. E deu certo!

Durante a pandemia, fui ao TRT empacotar meus pertences para fazer a mudança ao novo prédio do Tribunal. Aquela sala vazia me trouxe tristeza e empacotar tudo me fez sentir como se nunca mais fosse voltar. Fechou-se um ciclo sem que eu tivesse tempo de me preparar para a mudança.

De todos, o maior desafio foi trabalhar longe da minha equipe. Sinto saudades diariamente das conversas na copa regadas a cafezinho, das pipocas no lanche da tarde, das risadas, das comemorações, das caminhadas para almoçar nos restaurantes nas imediações do TRT, das novidades que cada um contava todos os dias. Saudades do meu posto de trabalho, com a fotografia do meu filho em cima da mesa. Saudades até mesmo das reuniões, que deveriam ser rápidas, mas duravam mais do que o esperado... saudades tão grandes da minha segunda casa e da minha segunda família que não cabem no peito.

Ludmila Feilenberger de Oliveira Martins Jahnecke

novidade

Quando o *home vira office*... ele pode ser em qualquer lugar...

O galo canta não muito longe daqui. Estamos no 25º dia de abril no ano de 2021. Ainda são 5h30 da manhã, mas Kaique, 2 anos, se mexe na rede dando o sinal de que já está na hora de levantar. Como uma reação em cadeia, Maya, 2 meses, desperta também e em seguida Tayná, a mais velha, com 6 anos. Saímos do quarto de fininho para dar alguns momentos a mais de descanso para meu esposo, que ficou até tarde terminando a louça e a roupa amontoada para guardar. Ele já deixou o café da manhã preparado, mas antes precisamos trocar as fraldas e tirar os pijamas.

Antes que eu consiga a façanha de terminar de alimentar e vestir a todos, Tayná já está no galinheiro verificando como estão as galinhas, patos e coelhos, que o caseiro logo virá tratar. Kaique também mal se apronta e já está puxando a mochila de rodinhas por aí, pedindo para ir ver os cavalos. Às vezes, dá tempo de tomar banho e escovar os dentes. Às vezes, tenho que fazer isso a prestações no decorrer da manhã.

Ainda não são 7h e meu esposo já está de pé, ou melhor, sentado trabalhando. O dia segue conciliando o tempo do trabalho com os cuidados dos pequenos. Uns dias mais fáceis, outros menos. Mas sempre uma aventura. Hoje estou de licença-maternidade, mas já vou me preparando e pensando nas estratégias que vamos adotar quando eu retornar.

Adoro trabalhar! Sou daquelas que ama uma segunda-feira e que fica com saudades genuínas do trabalho quando está de férias ou de licença. Não, não sou *workaholic*. Sei do valor do descanso e aprecio muito as férias, feriados e fins de semana, mas trabalhar é algo que me diverte e me motiva a superar cada desafio que encontro. Para mim, a gente descansa do trabalho em casa e descansa de casa no trabalho.

Ainda assim, tenho uma outra missão na vida que é personíssima e ocupa um alto grau de hierarquia: ser mãe. É uma missão desafiadora que requer tempo e dedicação como nenhuma outra que já tive. Também por isso, desde que ingressei no TRT, tinha o desejo de trabalhar em *home office* e estar mais presente na vida de

minha filha que, na época, tinha um ano e meio de idade. Infelizmente, na minha unidade, não havia ainda a cultura do teletrabalho e ainda não havia conseguido a autorização.

Tenho aprendido que a paciência é uma virtude quando utilizada de maneira inteligente. Segui trabalhando com gosto e empenho até que, no segundo semestre de 2018, em virtude de algumas complicações na gravidez do Kaique, fui autorizada a trabalhar alguns dias de casa para não descumprir as recomendações médicas e também me manter ativa mentalmente, mantendo em dia as atividades da unidade.

Kaique nasceu. Tirei todos os meus dias de licença, férias, feriados e recesso. No início de 2020, retornei às atividades laborais e estava muito animada, com muitas ideias em mente para melhorar as rotinas de trabalho. Pessoalmente, foi um período de grande adaptação, com uma criança e um bebê em casa. O desejo de poder trabalhar de casa só crescia e eu estava sempre pensando em maneiras de conciliar a rotina familiar com o trabalho para que tudo fosse feito com excelência.

E aconteceu que, muito longe, na terra da Grande Muralha, um ser microscópico passou de um morcego para um pangolim, o qual acabou por transmitir aquele vírus para seres humanos. A pandemia chegou com tudo e revolucionou a forma de nos relacionarmos em diversos níveis. Eis que, no fim de março, fomos quase todos compulsoriamente tragados para nossas casas. Para mim, foi ao mesmo tempo a realização de um desejo antigo e um período de muita tensão pois, como todos os demais habitantes da Terra, eu temia a morte, a perda de entes queridos, o sofrimento meu e dos meus semelhantes.

No início, não sabíamos muito, achávamos que seria algo passageiro e as adaptações tendiam a considerar esse caráter temporário. Mas, para mim, estava claro que precisaria me adaptar de maneira mais profunda e permanente, se era mesmo esse estilo de vida que eu buscava. Meu esposo, que já estava trabalhando remotamente desde o início do ano anterior, revezava comigo o horário para que pudéssemos cumprir nossas atividades.

As restrições do isolamento social me levaram a dispensar minha funcionária e a somente sair do apartamento para atividades essenciais. Sentia falta dos amigos e colegas, das conversas no corredor. Tudo isso era muito valioso. Mas se a vida te dá um limão, até que cai bem uma limonada. Agora, eu tinha uma outra oportunidade para aproveitar: estar presente nos primeiros passos do meu filho, amamentar, acompanhar seu desenvolvimento, estar mais próxima da minha filha e ser protagonista de sua educação.

É incrível como a gente consegue, por força da necessidade, fazer o que parecia impossível. Continuei trabalhando e, para facilitar o controle, permaneci registrando meu horário em uma planilha, como já fazia antes. Queria ter certeza de que estava me dedicando adequadamente e isso me ajudava a manter o equilíbrio. Seguindo as orientações da área de fisioterapia, adaptei meu posto de trabalho e participava da ginástica laboral sempre que possível.

Observei que, ao contrário do que eu imaginava, as interrupções familiares não eram maiores que as interrupções, tão naturais e saudáveis para a convivência, no ambiente corporativo. Consegui manter a produtividade e o fato de que todos os demais colegas também estavam em teletrabalho facilitou a realização de reuniões remotas, que acabei observando serem mais pontuais e produtivas que as reuniões presenciais.

Tudo parecia estar se ajustando, quando duas retas paralelas em um teste de farmácia confirmaram a notícia: estava grávida novamente. Se com 2 filhos a rotina era pesada, como seria com 3? Bem, cada preocupação a seu tempo. Continuei trabalhando normalmente e vencendo um dia de cada vez.

A pandemia se arrastava e parecia que chegara para ficar. As crianças, já cansadas da prisão que se tornara nosso apartamento, ficavam a cada dia mais ansiosas e irritadas. Um dia, conversando com meu esposo na rede da varanda, em um desses raros momentos de descanso juntos, que só era possível quando ainda restavam forças depois de colocar os pequenos para dormir, surgiu uma ideia maluca, para os padrões gerais, mas perfeitamente plausível,

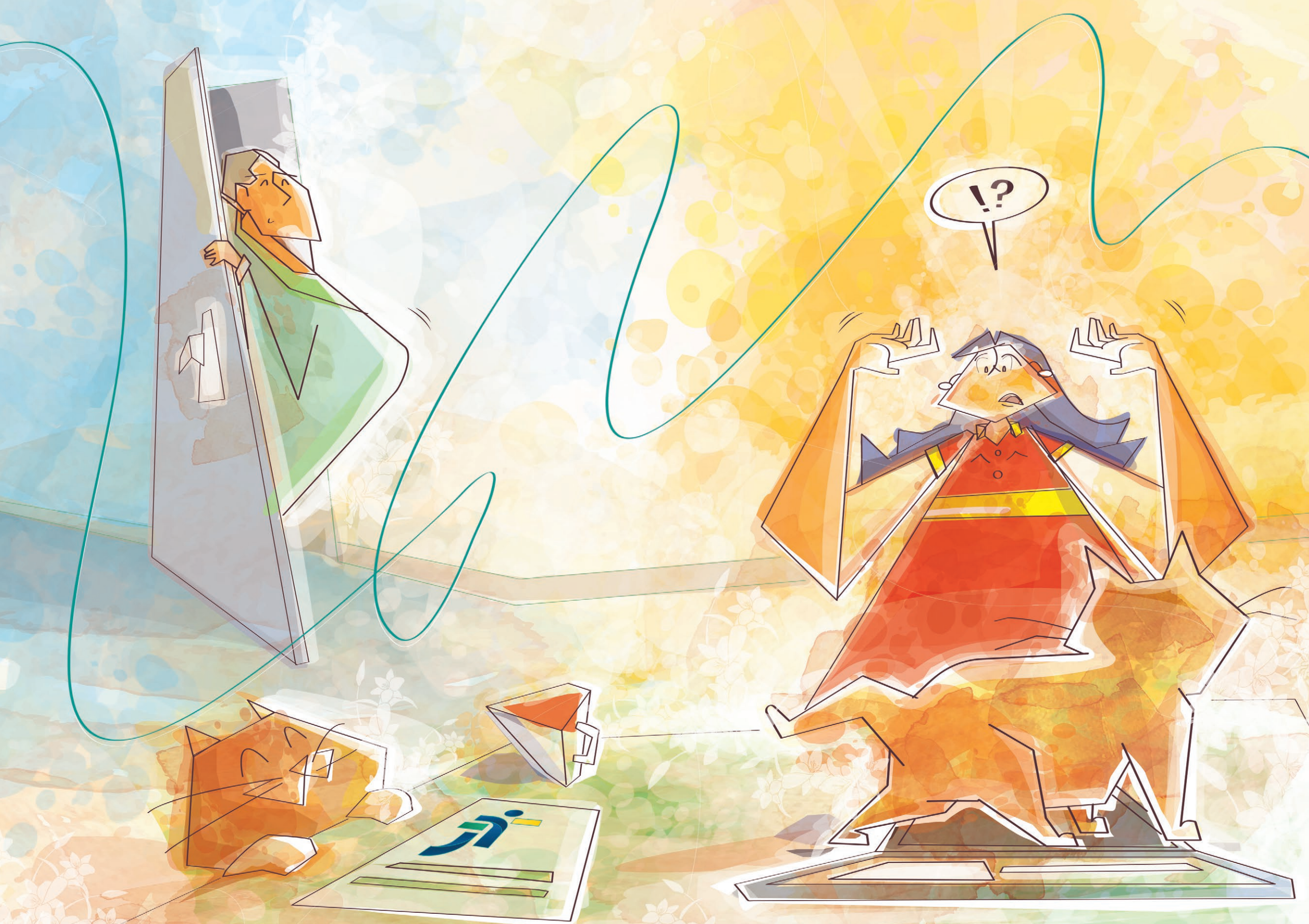
considerando nosso histórico como casal: e se alugássemos nosso apartamento e fôssemos morar em um lugar onde todos pudessemos ter mais liberdade?


Pensar, pesquisar, planejar e... viajar. Foi assim que fomos parar em Aracaju, em um condomínio de casas à beira mar, 16 km do centro. Pouca gente, praias quase desertas e mais flexibilidade para ambos trabalharmos e ficarmos com as crianças. Podíamos trabalhar melhor e ter mais recursos para entreter as crianças, enquanto o outro também cumpria seu período laboral. Conseguíamos trabalhar no mesmo horário quando o mais novo dormia ou assistia à TV. À noite ou nos fins de semana, repúnhamos as horas que tivessem faltado para completar a jornada. Cuidávamos da casa aos sábados e tentávamos já deixar pré-pronta a comida da semana, de modo a facilitar a rotina.

Mas a chegada da Maya se aproximava e preferimos retornar a Goiânia, onde já conhecíamos os médicos, maternidades e demais serviços de saúde. Além disso, tínhamos o apoio da família, conforme suas possibilidades. Foram mais de 4.200 km de carro, ida e volta. Em algumas noites, dormimos no carro mesmo, para mantermos o isolamento. Difícil, mas possível, essa vivência nos trouxe boas lembranças, bons amigos e mais experiência para a próxima aventura, que não estava muito longe.

Antes que Maya completasse 2 meses, cruzamos o país de Goiânia a Chã Grande — Pernambuco, onde agora estamos em uma chácara alugada pelo mesmo valor que gastaríamos com moradia em nosso apartamento em Goiânia. O aprendizado que se acumulou nessa jornada tão irreverente nos ajuda a lidar melhor com todos os problemas que sempre aparecem. Mesmo ainda de licença, já estou planejando o meu retorno e pensando em formas de harmonizar tudo o que almejo. O teletrabalho parece cada vez mais factível e tenho convicção de que vamos, como sempre, conseguir conciliar tudo. É só pensar. Como aprendi da sabedoria logosófica: “O esforço mental atrai a ideia”.

Thais Domingues de Magalhães





E percebemos que será preciso agarrar-se ao fio da fé para completar a travessia por novos caminhos. Caridade, amizade, cumplicidade, maturidade... tudo o que apreciávamos no passado e que trazemos para o presente para ressignificar a vida. Sigamos adiante – nosso objetivo é o futuro.

Cotidiano na pandemia

Lembro como se fosse ontem, estava numa confraternização do Tribunal na sexta e na terça já não podíamos mais fazer audiências. Trabalho no CEJUSC Goiânia (Centro Judiciário de Métodos Consensuais de Solução de Disputas) e moro pertinho do trabalho.

Com a pandemia corri para a casa de mamãe. Ficamos eu, meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs, duas cachorras e sete gatos *quarentenados*. No início, era tudo divertido, todos juntos, fazendo os melhores pratos, postando o dia a dia na internet. Lembro da esperança de que a pandemia ia passar rápido. Quando ouvia cientistas falarem que as coisas talvez voltariam ao normal em agosto ou setembro do ano passado, ficava desanimada. Mal sabia...

As audiências ficaram suspensas por um tempo. Nesse período, desenvolvemos a forma como as novas audiências seriam realizadas: a telepresencial. Foram horas testando os sistemas, treinamentos, discutindo as melhores formas. Lembro da tensão, do medo do novo. Nas primeiras, estávamos todos preocupados — conciliadores, juízes e advogados — mas as coisas se desenrolaram de uma forma surpreendentemente tranquila e organizada, e tenho escutado de vários advogados que preferem essa nova modalidade.

Quando as audiências telepresenciais começaram, tivemos que organizar a pauta para reinserir os processos que por meses ficaram suspensos. Era uma quantidade enorme, sem falar que todos os dias entravam novos.

Cada conciliador recebeu, ainda, um número funcional, então, tínhamos que atender telefone, responder às mensagens de WhatsApp, e como era tudo novo, sempre tinha alguém entrando em contato.

Com o passar do tempo, a pauta de audiência ficou em dia, o telefone que antes não parava de tocar ficou mais tranquilo e a gente também.

E como é *home office* por aqui? Normalmente, tranquilo. Exceto nas situações em que toca o interfone. Aí começa uma cachorra latindo de um lado, a outra de outro, minha mãe acompanha a muvuca e grita para elas pararem de latir, mas já desenvolvi uma técnica quando isso acontece. Já peço licença, desligo o meu microfone e espero tudo tranquilizar. Já teve participação de um dos gatos na audiência quando subiu na mesa? Já.

Quando isso tudo passar, vou sentir falta do meu pai abrindo devagarinho a porta da sala para dar uma espiadinha e ver o que está acontecendo. Ele acha incrível que dentro da casa dele estejam ocorrendo audiências.

Às vezes, parece que estamos vivendo um *looping*, em que todos os dias são iguais. Então, para sair um pouco da rotina, comecei

a estudar francês, fazer aulas de violão, continuei praticando exercício físico com *personal*, porém, tudo virtualmente. Será que quando isso tudo acabar, me tornarei uma Édith Piá... Oops, Piaf? Adoro fazer as receitas da Rita Lobo, algumas tentativas são superelogiadas, mas em outras, percebo que se esforçam para comer e não me desapontar.

Uma outra diversão são as aulas de fortalecimento pélvico que acontecem semanalmente e são oferecidas pelo Tribunal e ministradas pela fisioterapeuta Cristina. Elas são uma forma de rever algumas amigas do trabalho e de dar umas boas risadas.

Uma paixão que aprendi na pandemia foi a jardinagem. Fizemos uma mini-horta. Adquirimos várias novas plantas e a casa está bem mais verde. De todo pezinho que vejo já quero pegar a semente ou um galho. Sim, aprendi sobre o plantio por estaquia, fazer muda. Com certeza, será uma paixão que permanecerá.

Tomara que essa “jornada” — como diria Lumena, participante do BBB 21,

programa que aqui em casa estamos viciadas, algo que não ocorreria em tempos normais, — termine logo.

A vacina por aqui chegou com força: papai tomou as duas doses; mamãe, a primeira; minha irmã mais velha, profissional de saúde, a primeira; e a mais nova, que é professora, deve tomar a primeira dose em maio; e eu? Bem, os idosos, como eu, de 37 anos, ainda vão esperar um pouquinho, mas tudo bem; afinal, tenho o privilégio de trabalhar em *home office*. Aqui faço um adendo para elogiar a Presidência do Tribunal, que teve uma postura tão humana e eficiente na gestão da pandemia, garantindo a segurança dos servidores e o acesso à justiça para as partes.

Thainá Tôres de Arruda

Minha vida na pandemia

Estou em trabalho remoto há anos e já estava adaptada com a situação. Sou casada, mãe de duas crianças (2 e 9 anos), moro numa casa grande, com quintal, plantas, cachorro, gato etc. Possuía ajudante nos serviços domésticos, as crianças frequentavam a escola, tudo na mais perfeita ordem. Porém, em março de 2020, nossas vidas precisaram ser reconfiguradas. Com as medidas de *lockdown*, implementadas ano passado, fiquei sem ajudante, as crianças passaram a ter aula *online* e o marido montou seu escritório na sala de TV.

A partir de então, precisei conciliar as funções de mãe, servidora do TRT, arrumadeira, cozinheira, passadeira, professora etc. Formei-me “mulher maravilha” num curso rápido, intensivo e direto à prática, sem passar pela teoria. Escutei várias vezes o filho dizendo: “Mãe, posso sentar no seu colo e ficar quietinho?”. Então continuava a analisar processos e a redigir minutas de despacho com o pequeno no colo, aninhado e escorado em meus braços. Também foram muitos os “nãos” que meus filhos tiveram que ouvir:

- Mãe, você já terminou seu trabalho?
- Não.
- Mãe, agora você pode brincar?
- Não.
- Mãe, você pode me ensinar a tarefa?
- Agora não posso, mande mensagem no WhatsApp pra sua professora.
- Mãe, se você não fizer seu trabalho, seu chefe briga?
- (...)

Em uma noite de insônia, comecei a trabalhar às 3h da manhã. Então, gostei da estratégia e foram vários os dias em que eu começava a trabalhar por volta de 4h da madrugada, pois, quando eram 8h e as crianças estavam acordando, eu já havia cumprido metade do expediente.

Quando eu achava que estava muito difícil, sempre lembrava de uma colega lotada na mesma unidade, que mora em apartamento, não possui parentes em Goiânia e tem dois filhos, com 1 e 2 anos. O jeito que ela encontrou foi se revezar com o marido: num dia, ela trabalhava numa jornada bem extensa e ele cuidava da casa e das crianças; no dia seguinte, invertiam-se os papéis.

Adorei as meditações implementadas pela Marina Cançado e Gabriela Castro. Tentava acompanhar sempre que podia. Foi um momento muito importante: respirar e me conectar antes de enfrentar os desafios diários.

Em um dia exaustivo, decretei a divisão das tarefas domésticas com o marido: a mim, caberia fazer a comida, lavar as vasilhas e manter as roupas limpas. A limpeza da casa ficaria por conta dele. Só assim para dar conta de tudo!

As crianças também têm seus afazeres: o maior arruma a cama, põe e retira a mesa na hora das refeições; o menor molha as plantas, põe ração pro cachorro; cada um dentro de suas capacidades.

Nesse período, teve um fato um tanto quanto engraçado: um dia, eu concentrada, redigindo uma minuta de embargos, meu filho menor apareceu no escritório sinalizando que havia uma emergência, pois nossa gata Bibi estava em cima do muro e havia capturado um calango. Falei: “Vocês que se virem com a Bibi e o calango, agora não posso”. Então o filho maior pegou um rodo e ficou cutucando a gata, na tentativa de salvar a vida do calango (que era daqueles bem grandes, tipo filhote de jacaré, hehehe). A gata, então, deve ter pensado: “Ah, você quer o calango, então pega!” e soltou o calango, o qual caiu no rosto do meu filho. As unhas do calango fizeram um baita arranhão no rosto da criança. Daí a urgência que eu não fui acudir antes, precisei amparar na sequência.

Eu também contava com uma passadeira a cada quinze dias. Porém... ela contraiu o Coronavírus e, lamentavelmente, perdeu a vida para esse vírus terrível. E eu perdi uma grande amiga e a passadeira de anos.

O início da pandemia mexeu com o lado psicológico de todo mundo. Eu sempre me perguntava o que Deus queria nos ensinar com isso e que eu aprendesse logo a lição. Foi quando apareceu o desconforto por eu ter casa e comida e tantos estarem passando necessidade.

Em um grupo de ajuda, do qual faço parte (Representantes do Bem), triplicaram os pedidos de ajuda e tivemos (e ainda temos) que nos desdobrar para atender aos necessitados. O dinheiro que antes eu juntava para alguma viagem, para lazer, ou mesmo colocava na poupança, foi sendo todo direcionado para ajudar ao próximo. Não fazia sentido ter dinheiro na poupança e ver tanta gente necessitada. Nas compras de supermercado, entraram novos itens (alimentos para doação) e em cada compra adquiro pacotes extras de arroz, feijão, litros de óleo, para atender aos pedidos diários (e não é exagero, pois são diários mesmo) daqueles que tocam a campanha da minha casa em busca de ajuda.

Inclusive, a motivação para escrever este texto é que, caso eu saia vencedora, o prêmio será integralmente destinado à aquisição de cestas básicas para doação.

Tudo na vida tem um propósito e precisamos encontrá-lo. O crescimento tecnológico, científico e humanitário foi exponencial por causa da pandemia. Pessoas que antes mal faziam uma chamada de vídeo pelo celular, agora estão participando de reuniões virtuais quase que diariamente, passando de exceção à normalidade; vacinas foram desenvolvidas em menos de um ano; e doações que eram feitas apenas no período natalino, agora fazem parte do cotidiano, inclusive de muitos artistas, que, também fortemente atingidos pela pandemia, despertaram para a importância da caridade, arrecadando alimentos para doação em suas *lives*.

Que possamos tirar as melhores lições e nos tornar pessoas mais solidárias com tudo isso!

Dayana Moreira da Silva

Home office in Bahia

Eu nasci e fui criada em Salvador, mas morei em algumas cidades fora da Bahia.

Meus pais são engenheiros e eram transferidos para acompanharem algumas obras fora de Salvador. Morei, inclusive, durante um período curto em Goiânia.

Não lembro da cidade nesse período. Era muito pequena. Lembro do pátio da escola, do pastor alemão que meus pais compraram e de um episódio em que meu colega de classe prendeu a cabeça entre as grades de um portão.

Nunca imaginei que voltaria a morar em Goiás. E por lá, eu fiquei durante 3 anos antes de pipocar a pandemia.

Fui lotada em uma cidade de 20 mil habitantes. Uma cidade que me presenteou com vários amigos. Sim, é possível fazer amizade no ambiente de trabalho.

Minha nomeação para o TRT de Goiás (GO) saiu dois dias após a minha nomeação para o TRT de São Paulo (SP). O TRT paulista sempre foi minha segunda opção. São Paulo é uma selva de pedra. As varas ficam sediadas em um prédio enorme, sem aconchego. Sou uma pessoa bem calorosa e hoje tenho certeza de que escolhi o tribunal certo.

Saí de Salvador em janeiro de 2017 e percorri quase 2.000 km até a cidade onde iria morar por 3 anos.

Confesso que ao entrar na cidade, me perguntei: “Meu Pai Amado, onde eu fui amarrar o meu jegue? Será que dá tempo de tomar posse no TRT de São Paulo?”.

Saí da terra do dendê e fui parar na terra do pequi. Saí da cidade do axé, para a cidade do sertanejo. Fui de um extremo ao outro. Me adaptei rápido. Comida boa. Pessoas boas. Ambiente de trabalho bom. Completei 3 anos de Goiás em janeiro de 2020. Fiquei estável. Sobrevivi ao estágio probatório.

Nessa época, já se falava no coronavírus. Ele estava sendo devastador na Europa. Mas o que não esperávamos era que fosse chegar até o Brasil... E chegou em março de 2020, fazendo com que todos os servidores e magistrados do Tribunal fossem para suas casas trabalhar remotamente. E eu? Fui para Salvador, é claro!

Eu sabia que essa situação não acabaria em poucos meses. Mas o que fazer com o apartamento e as mobílias que eu tinha em

Goiás? Segui prontamente o conselho de meus pais: devolvi o apartamento e vendi alguns eletrodomésticos e móveis que não teria como trazer para Salvador.

Passados 15 dias, lá estava meu pai, com seu caminhãozinho, para me carregar e carregar minhas trouxas rumo a Salvador.

Ah, que sonho! Estava voltando para Salvador...

Depois de 48 horas, lá estava eu, chegando à minha cidade natal com minhas tralhas e cheia de dúvidas de como funcionaria o *home office*.

E começou o tal do *home office*. Cai internet... Entra em desespero. Faz calor, abre a janela. Voa papel, vento na cara, come cabelo e fecha a janela (de novo!). Que inferno! Que falta faz um ar-condicionado!

Começam as audiências telepresenciais: “Senhor! Me ajuda a saber me portar! Faça com que eu não passe por nenhum constrangimento”. Só me restava rezar e pedir para tudo sair nos conformes. Graças a Deus, deu e tem dado tudo certo, exceto por uma única situação que irei mencionar mais para frente.

A vantagem do *home office* é poder trabalhar bem à vontade. Mas, e aí? O que fazer nos dias de audiência? Coloque uma camisa arrumada, passe uma maquiagem no rosto, mas continue com seu *short* e com seus pés no chão.

— Você não tem medo de levantar e verem seu *short*? — um dia me perguntaram.

Caro amigo leitor, a baiana aqui tem as manhas: levante com os joelhos semiflexionados e ande como um caranguejo: de lado, tão somente! Nunca ande para trás! Andar para trás é assinar seu atestado de passar vergonha via Google Meet ou Zoom.

Durante 5 meses de retorno a Salvador, morei com meus pais, minha irmã e Genevive (uma buldogue francesa). E pedia, desesperadamente, para fazerem silêncio toda vez que chegassem em casa. Explico: quem tem cachorro, sabe! São parte de nossa família. É inevitável entrar em casa e não gritar por Genevive!

Mas, no frígir dos ovos, quem de fato fazia barulho era a famigerada Genevive, com seus rosnados e latidos.

Sim, ela já latiu em audiência. Se ouviram? Não sei! Entreguei nas mãos de Deus e me fingi de morta.

Sempre elogio meus colegas de Vara. Somos uma turma bem unida; nós nos ajudamos. E foi numa dessas que meu colega me salvou de uma situação para lá de embaraçosa.

Eu me relaciono bem com os advogados que atuam na Vara. Mas tem um(a) que particularmente me tira do sério. É aquele(a) advogado(a) que faz muita confusão em audiência e você acaba se perdendo em sua realização.

E a gafe aconteceu em uma audiência de tentativa de conciliação. Durante as tratativas, esse(a) advogado(a) fez tanto barulho que mandei uma mensagem, via Spark, para o meu colega: “Meu Deus, esse(a) advogado(a) faz uma confusão da po**a!”.

Para minha infelicidade, eu, que estava compartilhando a tela, pois estava redigindo a ata, abri o raio do Spark na tela compartilhada. E com uma frase desesperadora do meu colega, fechei imediatamente o bate-papo.

A sorte: a rapidez do meu colega e o fato de que o(a) advogado(a) estava fazendo a audiência pelo celular, o que torna as letras minúsculas. Ufa!

Passado um ano de pandemia, tenho a certeza de que ficaremos mais um tempo em *home office*. Adaptamos nossa vida (e a nossa casa) a essa nova realidade.

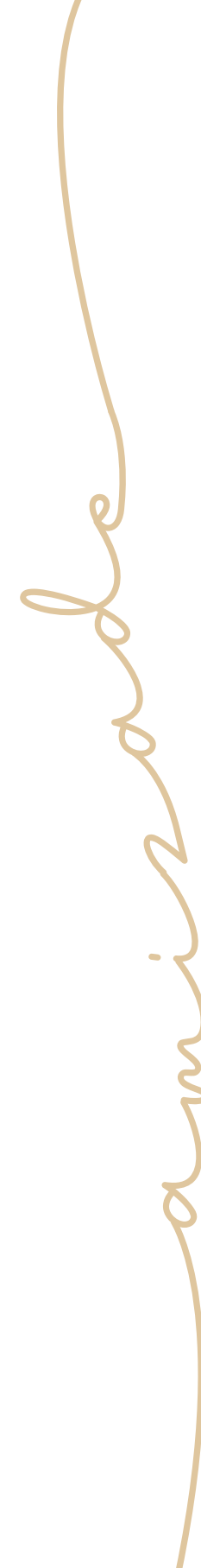
Acabaram os intervalos para o cafezinho e as comemorações de aniversário.

O que nos aproxima, hoje, são os meios telemáticos (WhatsApp, Spark e Zoom), mas confesso que após um dia inteiro de trabalho me comunicando via aplicativo e via telefone, tenho vontade de rumar o celular longe.

A pandemia nos reinventou. Tivemos que trabalhar em casa, malhar em casa, assistir às aulas em casa. Tivemos que conviver 24 horas com nossos familiares. Perdemos amigos e parentes. A pandemia segue devastando vidas e há quem a negue ainda.

Ficam as boas lembranças antes da pandemia e que possamos reconstruir nossa história quando todo esse entervero passar.

Larissa Barbosa Lemos



O provisório que se perpetuou

Queridos leitores, já começo o meu relato dizendo que não me foi dado o dom da escrita, porém, vou compartilhar com vocês a minha aventura de “Quando o *Home* Virou *Office*”.

Para que vocês entrem na história e compreendam o meu “tagarelar”, começo contando que moro com meus pais já idosos e minha “filha de quatro patas”.

Minha casa sempre foi “a casa da mãe Joana”, ou melhor dizendo, a casa da mãe “X,” e com a chegada da pandemia tudo virou de pernas para o ar. Eu comecei a trabalhar em meu quarto e todas as atividades que precisam ser resolvidas fora de casa ficaram sob minha responsabilidade.

Muitas mudanças na rotina, bastante limpeza com álcool 70, regada a água e sabão.

Meus amigos, me peguei fazendo coisas bem estranhas durante este momento tão incommum que estamos vivendo. Para alegrar vocês, queridos leitores, vou relatar algumas coisas que até se tornaram cômicas, se não fossem a minha realidade. Vejamos abaixo algumas pequenas coisas que faço, fiz ou já fazia e não tinha me dado conta:

- desinfetar as patinhas e focinho da minha filha peluda com lençinho embebido de álcool em gel após os passeios. Sim, não me julguem, a coitada fugia de mim todas as vezes e, depois de semanas, fui convencida de que talvez seria um exagero da minha parte; então, faço a limpeza duas vezes ao dia das suas preciosas e saltitantes patinhas com apenas: lençinho de bebê (rsrs);
- Me tornei a Sra. Álcool 70, sim: bato na minha mão e na de todos que estiverem perto;
- “Me inscrevi” no cargo de fiscal da máscara de proteção (chamo atenção de todos que estão perto de mim ou perto de quem fica perto de mim);
- E não menos estranho, que os relatos acima, as idas e os retornos do mercado se tornaram bem cansativas; afinal, dou banho até na embalagem de sabonete líquido.

Pessoal, não está sendo nada fácil, rs. O pior é que depois de refletir, percebi que eu sempre carreguei no meu carro e na minha bolsa um vidrinho de álcool em gel, mesmo antes da pandemia. Melhor deixar quieto isso, rs.

Para não lhes cansar, no *home office* vou adentrar.

Como todos vocês, imaginei que a pandemia passaria rápido...

Para minha surpresa e da nação, o que seria algo passageiro está perdurando um “quinhão”.

Bem, a pandemia não quis se fazer de “uva passa” e não passou, e o que era provisório se perpetuou, o que era o meu local de descanso e reflexões, *home office* se tornou.

Fico sentada em frente ao computador todos os dias, sempre verificando se existem GLPIs¹, e-mails, para dar encaminhamento e, nesse meio tempo, respondo a uma avalanche de mensagens de WhatsApp, conciliando na elaboração de textos, SISDOCs², planilhas, reuniões, eventos por Google Meet, *hangouts*, cursos etc.

¹ Sistema utilizado para a abertura de chamados entre departamentos no Tribunal.

² Diz respeito a Sistema de Controle Interno de Documentos.

As minhas semanas vão passando e estou sempre ligada ao celular ou VOIP e não tenho conseguido me desligar; às vezes, o expediente acabou e continuo a trabalhar. Vou adiando os afazeres de casa e os dias vão passando “sem pestanejar”.

Até as atividades de casa que eu realizava, antes de o “*home virar office*”, não tenho conseguido fazer. Os finais de semana nunca tiveram tantos afazeres: é supermercado, farmácia, limpeza, banho na filha peluda etc. Quando vejo, não existe mais a linha que separava a profissional, da filha, mãe, irmã, tia/dinda, *Uber*, *office girl*. Como muitos, estou aprendendo a ser todas as versões ao mesmo tempo.

E no meio de tudo isso, ao longo do dia, coisas que afagam o coração vão acontecendo. Uma delas é um serzinho puro e amável, criatura que o próprio Deus fez para nos abençoar, adentrar ao meu quarto/*office* toda serelepe, dando “narigadinhas” na minha perna para me fazer parar por um instante e acariciar sua cabecinha de pelo marrom cor de chocolate.

Ao decorrer dos dias, recebo diversas visitas ao meu “novo local de trabalho”. Visita dos meus queridos e amados familiares.

Às vezes, papai vem à porta do meu “*office* quarto” e me pergunta alguma coisa, pede orientação ou apenas dá uma olhadinha e sai. Todo início de mês, ele pega uma cadeira, senta-se ao meu lado no computador e pede para eu olhar a conta dele no banco e fazer seus procedimentos bancários.

Em alguns fins de tarde, aparece uma pequena garotinha, que mesmo a mãe e a avó dizendo que estou trabalhando, entra no meu quarto e diz: “Dinda, só vou mexer nas suas coisas, não vou te atrapalhar a trabalhar... rs”. Entre um trabalho e outro, os olhos na tela e outro na pequena, acabo sendo bombardeada de perguntas e pequenos sorrisos. Ah, as crianças são a manifestação do amor, inocência e bondade de Deus na terra!

Veza ou outra, mamãe dá uma passadinha na minha nova estação de trabalho, sempre discreta e procurando não atrapalhar. Às vezes, deixa um copo de suco e sai, sem nada falar.

E os dias vão se passando e os rostos que antes eu via com frequência nas dependências do Tribunal quase não os vejo mais.

Os tempos são outros, não podemos nos aglomerar. O abraço caloroso já não é mais possível expressar. Entre um dia e outro, vamos caminhando e buscando forças para não parar.

Por fim, eu e vocês que me leem temos que ter fé e não nos deixar abalar. Por aqui me despeço e lembro que mesmo em tempos difíceis, devemos acreditar que ainda há esperança e que em breve um futuro abençoado Deus nos trará.

Emmanuelle Lima Catulio

O ano em que eu voltei a morar com os meus pais

De repente, tudo que conhecíamos como determinado em nossas vidas se tornou incerto e indeterminado. Quando tudo isso começou, eu jamais imaginei que tomaria essa dimensão, que essa pandemia fosse retirar da gente a possibilidade de planejar a vida, a semana, o mês, o ano.

Lembro que na semana do dia 16 de março de 2020 tudo virou de cabeça para baixo. Aquilo que parecia distante estava cada vez mais perto das nossas vidas e famílias e, de repente, nosso trabalho perdeu aquele espaço físico outrora tão conhecido e seguro, e a nossa casa, local de descanso e aconchego, também se tornou o ambiente de trabalho e compromissos virtuais.

Para mim, isso foi ainda mais forte e impactante, uma vez que eu e meu esposo somos servidores. Justamente por isso, a conciliação do tempo e espaço físico para o desenvolvimento dos nossos afazeres laborais é contínua.

O meu caso foi bem peculiar. Quando foi decretado o fechamento de tudo em Goiânia, eu e minha família (esposo e dois filhos), mais que rapidamente, pegamos nosso material de trabalho e partimos para a casa dos meus pais, no interior do estado, especificamente em Cocalzinho de Goiás, aproximadamente 120 km da capital. Até então, esse era o nosso local de descanso aos finais de semana e feriados. A casa dos meus pais, na qual eu cresci, tem 3 quartos, áreas grandes e espaço no quintal. Um deleite para crianças que vivem em apartamento.

Chegamos aqui à noite no dia 20 de março de 2020. Tudo era muito novo e incerto. Viemos para passar uma quarentena de 14, 20, 30 ou 40 dias talvez. Ninguém sabia ao certo o que significava quarentena. Nisso já estamos aqui há mais de um ano.

A casa deixou de ser o local de lazer e de descanso de outrora. O quarto que antes abrigava objetos do passado, hoje tornou-se o escritório. Na primeira semana, não tínhamos nem mesa adequada. Lembro do marido indo até uma loja da cidade e comprando uma mesa para ele mais ergonômica e apropriada para as longas horas de trabalho que estavam por vir. Eu, no início, relutante em acreditar que o tempo de estadia seria longo, resolvi montar a minha estação de trabalho numa mesa de bar, dessas que tem em toda casa praticamente. Ali fiquei por meses até que as costas não aguentaram mais e eu, finalmente, entendi que aquele quarto havia se tornado o meu escritório e aquela quarentena não tinha data para acabar. Cada vez que ia à Goiânia trazia algo para incrementar a minha estação de trabalho. Aos poucos, o ambiente ganhou ares burocráticos com direito a mesas ergonômicas, cadeiras especiais, duas telas, cabos e fios, agendas, livros, códigos, anotações por toda parte. Quando vi, o quarto que era parte do lazer, havia se transformado numa extensão do Tribunal.

A sala de estar foi adequada para abrigar um quadro e mesa para as infundáveis aulas *online*. Na parte da manhã, tento conciliar a minha função de assistente de juiz com a nova atribuição de professora de alfabetização. Entre um parágrafo e outro de algum processo, sou constantemente solicitada pelo meu colega mirim para explicar porque o “s”, às vezes, tem som de “z”.

Quando eu penso que o raciocínio vai deslançar, vem a caçula com toda sua beleza e ternura com aquelas mãozinhas pequenas escaldando a minha perna e pedindo colo porque caiu ou se desentendeu com o irmão.

A essa altura do dia, eu já percebi que o trabalho se prolongará um pouco mais noite adentro. Não mais é possível uma jornada rígida, com aquele horário de início e término. As demandas das crianças se misturam com as demandas laborais e eu, num ato de malabarismo, vou acomodando as questões mais urgentes. Os compromissos do trabalho são diluídos durante o dia e avançam o anoitecer.

E aos poucos, tudo foi se transformando. Não foi somente o espaço físico que mudou. O emocional está diferente. Além das preocupações corriqueiras com o trabalho, há o medo da doença, da morte, de perder quem amamos. Há a ansiedade em lidar com tantas situações novas para as quais não estávamos prontos.

É inegável que isso também se refletiu na vida dos meus pais. Os ilustres hóspedes de finais de semana agora são moradores perenes. Compartilhamos não só o espaço físico, mas também as emoções e angústias cotidianas.

O cuidado com as crianças é compartilhado com os avós, que carinhosamente assumiram esse papel, para nos auxiliar no melhor desenvolvimento do nosso trabalho. Meus filhos crescem tendo a oportunidade de conviver com os avós em tempo integral, uma infância no interior, com quintal, cachorro, galinha, terra e alguns doces... pois é sabido que avós amam dar esses mimos aos netos.

Como se já não fosse suficiente tudo isso, eles ainda pavimentam o nosso dia a dia com seu amor e cuidado. Todo dia à tarde, somos agraciados com o café especial feito pelo meu pai. Cabe ao meu colega mirim abrir a porta do quarto/escritório e anunciar: “O café está pronto”. É o momento de que ele mais gosta. Nunca tem só o café! Tem risadas, amor, cumplicidade, união, parceria. A pausa é acompanhada de um encontro à

mesa com todos os moradores da casa, momento em que reabastecemos o espírito e ganhamos força para mais algumas horas de trabalho.

Sem a ajuda dos meus pais, eu já teria perdido a sanidade. Não é só o cuidado com os meus filhos. É a força e segurança de estar com eles. A proteção por eles oferecida transcende o tempo. Eu simplesmente esqueço que já sou adulta e me entrego aos cuidados deles.

A consequência dessa rede de segurança e apoio é a possibilidade de desempenhar um trabalho melhor, mesmo diante de tantos obstáculos e adversidades.

Quando o meu trabalho se estendeu para além dos limites físicos do Tribunal e passou a ocupar a minha casa, para acompanhar essa mudança foi necessário o engajamento de toda a família, inclusive daqueles que nessa altura da vida tinham um papel transitório. Como consequência, eu ganhei a possibilidade de passar mais tempo com todos. Além de trabalhar naquilo que me realiza, sou agraciada por desempenhar essa função no conforto e segurança do meu lar, compartilhando os momentos com aqueles que eu amo e, sem dúvida, facilitam e colorem a minha jornada diária.

Diante de tudo isso, eu parei de me preocupar com o tempo em que ficaremos nesse formato de trabalho.

A união da minha família reduziu o impacto negativo de toda essa mudança. A configuração da nossa estrutura familiar favoreceu a criação de um ambiente de trabalho de cooperação e harmonia com a possibilidade de desenvolvimento de novas habilidades e formas de trabalho.

O aprendizado que tiro de toda a situação até aqui é que não importa o lugar em que o trabalho é desempenhado ou o tamanho da tempestade, mas sim, quem te acompanha nessa jornada.

Ana Claudia da Costa

cumplicidade

“Enquanto isso, na sala de justiça”, quer dizer, de estar, quer dizer, de audiências...

De repente, não mais que de repente, a mesa de refeições da sala de estar se torna meu posto de trabalho (onde o *modem* está mais bem localizado e possibilita melhor conexão de internet no momento das obrigatórias videoconferências).

Pois bem.

Moro sozinha com meu filho, Gabriel (3 anos de idade), e uma cachorrinha, Nikita (fox paulistinha).

Em frente à minha mesa, um sofá, uma cadeirinha de refeição e uma televisão. Logo depois, a varanda.

Atrás de mim, a cozinha, onde ficam a campainha e o interfone. Apartamento de cima em reforma.

Às 9h da manhã, impreterivelmente, o caminhão de coleta, sem qualquer reserva, passa na rua.

Poderia ser um cenário comum para qualquer pessoa em *home office*, mas não para mim, que sou secretária de audiências...

Sim... a realidade de juízes e secretários de audiências é completamente diferente da dos demais que trabalham em *home office*, não há dúvida.

Às 7h, levo o Gabriel para a escolinha, que fica bem em frente ao prédio onde moro.

Às 8h30, geralmente começa a primeira audiência, às 10h, a segunda, e às 11h30, a terceira.

Nikita a postos em cima do encosto do sofá, me encarando freneticamente como quem diz: “Distraiu, eu lato”.

Sinto-me ameaçada, “Aqui estou mais um dia, sob o olhar sanguinário do vigia” — Racionais MC’s.

Ligo o áudio e a câmera, entro na reunião.

Na mesma hora, começa uma espécie de furadeira ou algo monstruoso vindo do apartamento de cima.

Desesperada, desligo o áudio e a câmera, e corro para o interfone (“Mas o porteiro é novo, ele não me conhece” — Só Pra Contrariar).

Sim, porteiro novo. Explico que auxilio nas audiências e peço, na verdade, imploro, para que ele informe ao apartamento vizinho para cessar o barulho estrondoso por um tempo.

Consigo e prossigo.

Momento de tentativas conciliatórias.

Às 9h, caminhão de coleta reciclável (impossível não notar/ouvir sua presença). Desligo o áudio.

Tento me comunicar, ninguém responde, ligo o áudio. Audiência encerrada.

Às 10h, segundo desafio do dia.

Momento de conciliação, áudio desligado... Campainha toca!!! Nikita late desesperadamente.

Eu, com cara de paisagem, desligo o vídeo, levanto correndo, prendo Nikita no quarto (ela morde) e abro a porta... Uma mulher: “Fulana?”. “Não, senhora, não mora ninguém com esse nome aqui”. “Nossa, desculpe, foi engano”.

Meu Deus do céu, tinha que se enganar logo aqui, logo agora???

Tento restabelecer meus batimentos cardíacos, volto à audiência, como se não houvesse amanhã (e há?).

Encerrada a instrução, busco Gabriel na escola antes da derradeira audiência do dia (com a ilustre presença da minha criança abençoada). Preparo um arsenal de guerra: televisão ligada no volume mínimo.

Na cadeirinha de refeição, o almoço posto, suco, água, pirulito, brinquedos e tudo mais que o faça não lembrar de mim por pelo menos uma hora.

Após longa conversa sobre não me interromper enquanto eu estiver com o fone, sento no meu posto de trabalho, “um olho no gato e outro na frigideira”.

11h30, audiência iniciada.

Impossibilitada a conciliação, instrução.

50 mil testemunhas. Para o processo apenas 3, mas para o meu estado emocional, não.

A audiência dura cerca de uma hora e meia e, surpreendentemente, nem parecia que tinha criança na casa.

Comeu tudo, brincou, foi ao banheiro, se virou sem mim! Neste momento, percebo que estou no caminho certo.

Sempre digo: não há como sair ileso, em diferentes níveis, de uma pandemia... Seja profissionalmente, financeiramente, emocionalmente ou fisicamente.

Crianças, adolescentes, adultos ou idosos e até bichinhos de estimação, ninguém escapa.

Todos se reinventam, obrigatoriamente. Questão de sobrevivência.

“Você não conhecerá novos caminhos andando pelos mesmos lugares”. Então, que tornemos a nova caminhada em algo engrandecedor em todas as áreas das nossas vidas. Não é fácil, mas completamente possível.

Pelo tom exagerado, peço desculpas desde já.

É que gosto de colocar minha alma em tudo o que faço!

Helena Saddi Mendes

caminhos

Labor em casa e os casos inusitados

E de repente, começamos o *home office*!

Forma de trabalho muito nova e, por muitas vezes, não compreendida por nossos familiares que acham que trabalhar em casa não é oficial. Acham que podemos ir ao supermercado no meio da jornada de trabalho e que tiramos cochilos no meio da tarde. Nossos filhos também pensam que podemos deixar o computador a qualquer momento para atendê-los. No entanto, sei que tais dificuldades acontecem com todos que começaram o *home office*.

Acontece que, além da adaptação à nova rotina de trabalho, ainda acontecem alguns momentos inusitados.

Na minha primeira reunião telepresencial, deixaram a porta da casinha do *hamster* do meu filho aberta e ele subiu na minha mesa, e ficou andando pelo teclado do computador. Fiquei com olhos arregalados, acompanhando o *hamster*, sem saber exatamente o que fazer, sem coordenação motora para desligar a câmera, com vontade de gritar para meu filho e pensando que as pessoas da reunião estavam vendo a cena. Embora o episódio tenha durado cerca de um minuto, pois meu filho logo viu e pegou o bicho, para mim durou uma eternidade. Mais tarde, contei o acontecimento para toda família e demos boas risadas.

Apesar de certas dificuldades no início do *home office*, posso, em certos momentos, ver meus filhos passando de um lado para outro, ouvir a voz deles, trocar uns beijinhos rápidos. Tais momentos são preciosos e fico agradecida a Deus por, em meio do caos em virtude da pandemia, poder desenvolver um trabalho perto da minha família e longe da contaminação, proporcionado com todo cuidado por nosso TRT-18.

Tânia de Almeida Silva Cruvinel

Pandemia! Do limão à limonada!

Para descrever os desafios enfrentados quando o meu *home* virou *office*, tenho que dividir em etapas as adaptações e ajustes:

Etapa 1: Quando o meu home virou office

Quando o meu *home* virou *office*, ah, o motivo, meu Deus, a Pandemia, que é isso? Que foi que aconteceu? Que assustador, que temor, quase pavor.

Em casa, o ajuste da máquina, montagem das peças, a rotina.

Avisar a família todinha e dar um jeito que entendam que eu estou trabalhando, embora estejam pensando, que agora estarei devoluta.

Preciso avisar, é engano, do mesmo jeito que antes, preciso cumprir meu trabalho e que continua a labuta!

Passados os primeiros ajustes, meu Deus, que maravilha!

Home office era o que eu queria, precisava e não sabia.

Eu que até pouco tempo, para chegar ao trabalho, na minha rotina diária, enfrentava todos os dias, a estrada, o trânsito, as vias só pra cumprir a jornada de ida e de volta eu vencida mais de 100 km por dia.

Quem me conhece bem sabe que é a mais pura verdade que todo dia eu saía enquanto ainda muitos dormiam.

E quando chegava mais tarde, já findado o dia, era tamanho o cansaço que a cama era o que eu mais queria. E além de todo o desgaste, era só nos finais de semana, que a família eu curtia.

Mas agora que tudo mudou, o que eram os meus desafios? Apenas a adaptação e ajuste da nova rotina diante da carga pesada e da correria que eu vinha?

Naquele novo momento:

Comecei a repensar em tudo o que estava ganhando no aconchego do lar.

Comecei a experimentar o que nunca um dia podia: trabalho e conforto e família.

Mas olhem que paradoxal:

De um lado a distância social, a crise na saúde e economia mundial, já em casa a proximidade e a companhia dos meus, calmaria voltando e o tempo sobrando!!!! Tudo ajustado, meu Deus!

Etapa 2: Quando outros homes também viraram office.

As professoras, as babás, as ajudantes do lar.

Quando ocorreram outros *homes*, eu aqui no meu lar, mais uma vez de repente, tive que me ajustar.

Isso porque agora, eu sendo avó não deixei, de ser mãe como todas, quando eu vi necessário, a ajuda não pude negar.

É que as coisas apertam. As professoras, as babás, as ajudantes do lar, também tiveram o momento do devido resguardar.

Mas no trabalho do filho aconteceu diferente, essencial o trabalho não poderia parar.

E eu, sendo mãe duas vezes, como bem diz o ditado, tive que ajudar: — Traz a netinha pra cá!

Mas a resposta do filho: — É mesmo mãe, vai ser bom! Tendo trabalho tranquilo, tempo não vai lhe faltar! — Deu vontade de xingar!! O inocente não sabe que para eu trabalhar, preciso me concentrar!!!

E lá vou eu de novo, mãos abertas sacrificar, aquele tempinho sobrando, pra da netinha cuidar. Ah, mas com o muito amor que eu sinto, um jeito há de se dar.

E então foi bem assim que a etapa 2 começou. Mas a netinha gostou e começou a apegar. Aí só queria a vovó. Comer, dormir e banhar. E toda hora queria. E dizer não eu não podia, que ela não entenderia. Melhor me reajustar, já que o trabalho a mim pago não podia prejudicar.

Mas aí veio estratégia. E isso minha mãe já dizia. O cobertor só é dado, conforme vem a friagem. E eu dizendo pra mim: “Você tem muita bagagem. É hora de reinventar”.

Montei no meu escritório, já existente em meu quarto, brinquedoteca, a escola da minha sapeca lindinha e a cachorrinha Chanel, pra ela sossegar. E eu conseguir trabalhar.

Etapa 3 (atual):

Então foi assim que depois de muito me esforçar, para ajudar, trabalhar e não me estressar, consegui ajustar a rotina e de novo me organizar. E a calma voltou, ainda que em novo avistar.

E comecei a refletir. Oh Meu Deus, quantas as bênçãos!

Apesar das dificuldades, vividas nesse período, no mundo externo, lá fora, e da distância de amigos, além das batalhas travadas, no âmbito familiar, pela pandemia maldita, no fim vivo o que sempre quis e não pude viver, estar presente em casa e acompanhar a infância do filho me culpando ausente, hoje ganhei de presente, além do trabalho amado, o bom sustento da casa, na companhia dos meus e no conforto do lar!!!

A presente narrativa não parece ser verdade, mas é a pura realidade que resolvi contar de uma forma diferente, grata a Deus e a toda gente, resolvi poetizar!

Home, sweet home office!!!

Adriana Moreira de Almeida

presente

Caos work

Em meados de maio de 2020, enquanto a pandemia ainda era algo novo, eu acabava de retornar da licença-maternidade e havia uma urgência em minha família pelo respeito ao que sabíamos: distanciamento social e álcool em gel, agora, eram necessidades primárias.

A maior preocupação eram os idosos e pessoas com comorbidades. Em meu caso, a minha avó: 80 anos e, naturalmente, possuidora de um temperamento que não admitia contrariedades.

Havíamos combinado de nos afastar dela; afinal, a previsão era de que rapidamente a vida voltaria ao normal e a manteríamos protegida. Ressalto que quando falo “havíamos combinado”, refiro-me a mim e aos demais descendentes da minha avó... sem comunicá-la.

É necessário registrar que, para ela, a vontade de se submeter às regras impostas por seus descendentes é inversamente proporcional à participação que ela teve na decisão.

Então, alguns dias após “nossa” decisão, minha avó nos comunicou de que “certamente estava com Covid-19”, pois cansava ao subir as escadas. Bastava esse sintoma para que ela se autodiagnosticasse.

Diante de tal informação, minha família lidou com o assunto com muita maturidade: criamos um grupo em um aplicativo de mensagens para que, quem tivesse acesso a ela, compartilhasse as fotos do dia a dia e, com isso, afastássemos o diagnóstico, dado empiricamente pela paciente.

De toda forma, por cautela, foi feito exame e iniciado o protocolo preventivo prescrito pelo médico de plantão.

Friso que, até esse momento, o *home office* mostrava-se oportuno e conveniente. Eu havia providenciado um espaço adequado, segui todas as orientações do setor de fisioterapia, estabeleci uma rotina, providenciei me matricular em cursos a distância, enfim, tudo parecia sob controle.

Foi, então, que surgiu a ideia!

Sugeri à minha irmã, que também estava em *home office* e com a mesma sensação de completude, apesar do temor do desconhecido, que fôssemos passar uma semana na casa de praia com nossa avó.

O objetivo era permitir que nossos filhos tivessem mais espaço e nossa avó, convivendo com eles, ficasse mais tranquila e reconhecesse que não estava doente.

Descobrimos mais essa vantagem no *home office*: a liberdade.

Felizmente nossos maridos também estavam em *home office*, o que fez com que não houvesse oposição à ideia.

A única ressalva foi feita por meu esposo: não poderia ser interrompido quando estivesse sendo entrevistado na *live* promovida pela Universidade Federal.

Concluímos que isso não seria um obstáculo. Já estava tudo funcionando perfeitamente na cidade, bastava transferir a mesma dinâmica para a praia.

A realidade foi a seguinte: 3 crianças, morando de frente para o mar, mas sem a possibilidade de ir para a praia ante as restrições impostas pelos governos, mostrou-se, no mínimo, problemático.

Algumas adaptações precisaram ser feitas. Nossa tão organizada rotina sofreu com a influência da *playlist* mais variada da história da pandemia: só tocava *Baby Shark*. A Rádio TRT foi substituída. Logo percebemos, fisicamente, que seguir as orientações do setor de fisioterapia não era somente uma recomendação.

A análise de prazos, agora, era feita com a trilha sonora que intercalava gritos com a melodia “tranquila” da única música tocada. Passamos a chamar nossa sala de *home office* de *caos work*!

Apesar de tudo, como previsto, minha avó não mostrou qualquer sinal de que estava doente e o grupo do aplicativo de mensagens foi esquecido. Resolvemos ficar o tempo anteriormente estabelecido.

No dia da entrevista, só precisávamos controlar as crianças por uma hora. Isso significava que não poderia haver barulho, música, choro ou grito. Somente então que percebi a inviabilidade do projeto. Disse a meu marido que faríamos o possível, o que era verdade, e que facilmente controlaríamos as crianças, isso era mentira.

Resolvemos proibir o acesso de qualquer pessoa a nosso *caos work* e acessamos a *live* para acompanharmos a entrevista. Então, pudemos acompanhar ao vivo o fracasso da tentativa de “controlar as crianças”: minha sobrinha interrompeu a entrevista para perguntar ao meu marido onde eu estava e, vendo que ele estava “conversando com outras pessoas pelo computador”, sentou-se no colo dele e resolveu conversar também.

Após as apresentações necessárias de uma criança de 4 anos à comunidade acadêmica, ela foi me procurar em outro ambiente, deixando a entrevista transcorrer sem maiores problemas.

Com a maturidade que me é inerente, haja vista a criação do grupo de troca de mensagens sobre a “pseudo-doença” da minha avó, ao fim da entrevista, fiz o que o bom senso manda: fingi ignorância.

Por sorte, a repercussão da intromissão de uma criança de 4 anos foi positiva e voltamos à nossa programação normal: barulho, música única, pré-tendinite.

Ao fim da semana, voltamos para casa com a certeza de que o “home office de praia” era um oxímoro. À exceção das crianças e da minha avó, todos estávamos verdadeiramente exaustos.

Nós, os usuários do *caos work*, por unanimidade, resignificamos o *home office* e passamos a reconhecer seu limite: a porta de casa! Agora, definíamos aquela tão festejada vantagem antiga, anteriormente chamada de liberdade, como “liberdade mitigada”.

E, assim como as relações sociais foram rapidamente modificadas com a inserção das redes sociais, nosso entusiasmo com o retorno para casa sofreu ao som da mensagem do ressurreto grupo do aplicativo de mensagens: o resultado do teste da minha avó havia dado positivo e nós precisaríamos cumprir a quarentena, juntos, no nosso *caos work*.

Marcela Gomes de Lima Lisboa

A vida acontece no possível

Lembro de ler nos jornais, em um dia qualquer, que um novo vírus havia aparecido na China, na cidade de Wuhan, nome que, até então, me era completamente desconhecido.

Mas não dei maior importância ao evento, além da simples curiosidade pelo desenrolar dos acontecimentos.

Não sei como nem quando foi noticiado que o vírus havia chegado à Itália e estava espalhando morte e pânico.

E a OMS falava em epidemia, já apontando o risco de uma pandemia.

E contrariando todos os estudos, que apontavam que o vírus era potencialmente contagioso mas de baixíssima letalidade, as mortes na Itália atingiram níveis absurdos, o sistema de saúde colapsou e as pessoas foram trancadas em casa para conter o contágio.

Aquilo me aturdiu e assustou. Que diabinos estava acontecendo? Até que foi confirmado o primeiro caso no Brasil.

E, antes que me desse conta, já se falava em pandemia e o pânico estava espalhado.

Subitamente, a cidade foi fechada, meu local de trabalho foi fechado e eu fui fechada em casa.

E foi aí que tudo começou.

Um *notebook* capenga, uma telinha adicional, um milhão de processos para analisar (tá, exagerei um pouquinho) e uma cabeça que

se recusava a se concentrar naquelas páginas intermináveis.

Mas missão dada era missão cumprida. Ou mais ou menos cumprida. Ou de cumprimento tentado. Ou... pelo amor de Deus, mulher, presta atenção no que você está lendo!!!

Sem a fiel escudeira de todos os dias, que também estava isolada, com casa, cachorro e marido para administrar, sentava à frente do computador e tinha vontade de chorar.

Chorar pela situação, pelo estranhamento de tudo, pelo medo, pela ausência das amigas, pela vida que me fora tirada e pelo computador que se recusava a funcionar 2 dias seguidos sem travar.

Lá pelo terceiro ou nono berro de ódio, o marido, que também fora fechado, capitulou: “Vamos comprar uma máquina nova pra você, eu não aguento mais seu mau humor!”.

Ele é um lindo, né? Pois é.

Mas a máquina demorou quase duas semanas para chegar, o que me rendeu mais alguns berros e uns cafés a mais do que o razoável.

Máquina nova, monitores novos, teclado e *mouse* sem fio, estava pronta para a batalha processual.

Só faltava uma cabeça nova, daquelas boas de concentração e foco, e capazes de

administrar tudo o que me caiu no colo do dia para a noite.

Acordar, fazer o treino que fosse possível, necessário para a sanidade mental, fazer o café da manhã da família, lavar a louça, passear com a cachorrinha, preparar o almoço, lavar a louça, deixar a casa minimamente habitável, coloquei ração para a pequena? Preparar o lanche da tarde, lavar a louça, tirar a roupa da máquina, ué, cadê a roupa que devia estar aqui? Preparar o jantar, lavar a louça...

E, entre uma louça e outra, analisar processos e elaborar minutas. E não surtar.

E não esquecer de agradecer por ser servidora pública e não correr o risco de perder meu emprego.

E me solidarizar com a dor de todos que tinham seu ganha-pão ameaçado.

E com o desespero das mães que, além de tudo o que eu fazia, acompanhavam as aulas *online* dos filhos.

E aí aconteceu que o que era para ser por 1 mês, 2 no máximo, se estendeu por mais de 1 ano.

Uma nova rotina precisou ser criada. O medo precisou ser posto sob controle. A saudade precisou ser amenizada com videochamadas. O abraço precisou ser limitado ao imprescindível para manter a condição humana.

As notícias ruins se tornaram cotidianas, a angústia pelo futuro se fez companhia certa, a esperança se mostrou tênue, tremelizando a cada internação conhecida, a cada morte mal chorada.

Mas a vida continuou. Dentro do possível. E o possível passou a ser fonte de alegria e de força.

Uma nova temporada daquele seriado passou a ser celebrada com macarrão e vinho. Receber as compras do supermercado, sem nenhum errinho, passou a ser motivo de festa. WhatsApp virou ponto de encontro.

E a cabeça precisou se adaptar à nova rotina. O pijama voltou a habitar apenas o horário de dormir, um horário para trabalhar foi estabelecido, limites foram colocados, as rotinas foram adaptadas, os obscuros caminhos da informática foram iluminados e a banda da internet ficou mais larga.

Só a cachorrinha não se adaptou. Em caso de trovão ou foguetes, não tem conversa: a análise dos processos e a digitação das minutas é feita por cima do seu corpinho trêmulo, que só se acalma no colo e por ali mesmo vai ficando.

Com 6 meses de pandemia, frustradíssima com tudo aquilo, concluí, irada, que, ao contrário do que vinha lendo nas redes sociais, o vírus não tinha me ensinado nada. Eu sabia que minha vida era boa e era grata por isso. O vírus só tinha me tirado um bom pedaço do viver e me enchido de dor.

E este ano, celebrando meu segundo aniversário depois do início do caos, em ambos, trancada em casa e longe de todos, nos períodos mais críticos do isolamento, peguei-me pensando que a vida acontece no possível.

Então, se tudo isso não serviu para nada, serviu, ao menos, para me ensinar que a vida acontece no possível. E, quanto mais rápido me adapto ao possível, mais rápido paro de sofrer e volto a viver.

O *home* virar *office* nunca foi, e nunca será, a melhor opção.

O tempo de descanso e de trabalho se confundem, a saudade dos amigos machuca e as orientações ficam mais difíceis.

Mas economizo a roupa do trabalho (economia que nunca vai ser bem compreendida e aceita pelas mulheres), o combustível e o *stress* do trânsito (sobra *stress* para outras coisas, mas isso não é importante agora) e descubro alguns prazeres que nem sabia que existiam.

É que, pensando bem, estar em casa, junto e misturado com tudo o que há nela, acaba trazendo algum aconchego.

É só prestar atenção nos pequenos prazeres que passaram a compor a rotina

do trabalho: a pausa para o café sentada na sacada, vendo o movimento e deixando o pensamento voar, o intervalo que vira brincadeira com a cachorrinha ou um encontro com o marido na cozinha.

Porque a vida acontece no possível. E o *office* em *home*, sendo a única opção possível, acaba fazendo a vida acontecer. Da forma possível. Da forma que é possível ser feliz.

E, olhando bem, no meio do caos, a vida acaba sendo boa demais.

Então, mulher, dá um sorriso, respira fundo e volta para os processos. E não surta!

Tais de Neves e Sousa Bottazzo



Adaptação, força e fé

E eis que todos nós fomos pegos de surpresa.
 E o que não era tão comum virou nosso cotidiano.
 Já faz mais de ano
 que o trabalho migrou para dentro de casa.
 Mas você me pergunta:
 — Como assim? Em casa, já não tinha trabalho suficiente?
 Sim, tinha. Mas esse é diferente.
 É igual na semântica, mas é muito diferente...
 Se é que me compreende...
 Não, não consegue?
 Pois é, meu filho pequeno também não entende.
 É que mesmo estando em casa, não estou disponível para as tarefas do lar,
 ao contrário do que muitos podem pensar.
 No tempo que é de *office*, teoricamente não estou em *home*.
Office é *office*.
Home é *home*.
 Deixa ver se eu consigo explicitar.
 Precisa de arroz? Não sou eu quem vai comprar, pois estou a trabalhar.
 Criança quer brincar? Infelizmente vai ter que esperar, pois estou a trabalhar.
 Cachorro trouxe a bolinha? Não é hora de fazer gracinha,
 vai ter que deitar e se acostumar.
 São tantas coisinhas...
 a distrair...
 a aprender...
 a resignificar...
 Não está acontecendo apenas comigo, isso é fácil notar...
 Basta ao redor olhar...
 O mundo todo está a se adaptar...
 O que não se pode negar é que tem que funcionar,
 com a nova realidade precisamos acostumar,
 pois a justiça do trabalho não pode parar,
 conosco ela está a contar.

Muitos podem nos criticar,
 mas os números estão a mostrar,
 que não estamos aqui pra brincar..
 Não deixamos a peteca cair...
 O que precisamos é nos unir...
 Para não deixar nosso mundo ruir...
 Fazer a nossa parte,
 sem fazer alarde.
 São tantas coisinhas...
 Mas de uma coisa podem ter certeza.
 Contem com a nossa presteza.
 Não somos a realeza,
 somos humanos e falhamos,
 mas sempre tentando acertar.
 Essa é a beleza...
 E se me permite concluir,
 estamos tentando evoluir...
 Falta suporte em casa,
 chama a TI...
 E num piscar de olhos,
 ela está aqui,
 dentro de minha casa,
 na tela do meu computador...
 Não nos falta interação,
 estamos sempre em reunião...
 Não falta boa intenção.
 Por isso, quero dizer à população:
 Não esperem estagnação...
 mas determinação...
 suor...
 e amor pela profissão...

Daniela Pereira Cesar Furtado de Azevedo

Eu, o *home office* e a família

É interessante, às vezes, preocupante, ou até mesmo, engraçado, como nossas vidas podem mudar de repente. Um exemplo disso é a pandemia da Covid-19 que iniciou um *show* de horrores do qual não pagamos ingressos para participar. Tudo mudou, 24 horas em casa agora! O primeiro sentimento foi de perda com distanciamento dos colegas de trabalho, todavia a comunicação continuou através das telas. Bem-vindo ao teletrabalho!

Tudo começou com a tão sonhada nomeação em 2019, no TRT da 7ª Região e da permuta em 2020, para o TRT da 18ª Região. Fiquei muito emocionada por trabalhar neste Tribunal e perto da minha família. Trabalhei nos meses de janeiro, fevereiro e março presencialmente, e a pandemia se alastrou pelo mundo. Então, aconteceu: o *home* virou *office*!

Mas como foi isso? Trabalhar em casa? Vamos receber a mesma remuneração? (aconteceu uma chuva de perguntas em minha cabeça). Cada um de nós vivenciamos uma realidade neste novo contexto de trabalho. Assim, vou contar a minha história de “Quando o *home* virou *office*” na versão família:

Quando o *home* virou *office* com minha mãe: primeiramente, uma breve descrição de Dona Maria: aposentada, dona de casa, TOC por limpeza. Adora delegar tarefas a seus subordinados: Eu, meu pai e a Amora — minha cachorrinha. Ah, sim! Não posso deixar de falar que ela é uma mulher extraordinária.

A pessoa mais favorecida pelo meu trabalho remoto foi a Dona Maria, como ela mesma disse: “É como ganhar na Mega Sena”, não posso discordar disso. Virei uma Secretária Particular. Quem não quer ter uma secretária particular?

Pude realizar pequenas tarefas para Dona Maria, como atender ligações, resolver problemas de bancos, fazer estimativas de despesas e receitas (Ah! Foi então que descobri o porquê que ela tinha dificuldade com isso). Isso mesmo, ganhei mais atribuições com o teletrabalho! Só que recebi em troca carinho, afeto e um olhar de gratidão! Com essa recompensa, é claro que consegui associar todas as tarefas com o teletrabalho. E, por último, e não menos importante, minha mãe me fez descobrir a empregada doméstica que habita em mim, lavar louças passou a ser um talento/ *hobby*.

Quando o *home* virou *office* com meu pai: uma breve descrição do Sr. José: aposentado, tem como *hobby* cultivar seus próprios vegetais sem agrotóxicos e é o responsável por fazer o melhor café.

Tanto tempo em casa, interessei-me pelos *hobbies* do meu pai, posso dizer que ele adora plantar verduras. Ah, é difícil descrever o cheiro daquela horta, um ar puro, que me renovava durante as pausas do trabalho remoto. Com esse grande homem, aprendi que tudo que se cuida com carinho, cresce e floresce, e que podemos encontrar a felicidade nas pequenas tarefas. Resumindo, nos intervalos do trabalho, deliciava-me com aquele cafezinho feito pelo Sr. José e, além disso, pude compartilhar bons momentos com um homem extraordinário, meu pai!

Quando *home* virou *office* com a Amora – Minha cachorrinha: um pouco da personalidade da Amora: ela gosta de mimos, adora o sofá, morde qualquer um por um petisco de churrasco.

No início do trabalho remoto, ela ficava me olhando por horas, eu sentada em frente ao computador. Ficava deitada aos meus pés, como se fosse duas pantufas que os aqueciam. É claro que eu adorava isso, nada melhor do que trabalhar com os pés quentinhos. Posso dizer que ela foi minha assistente particular (que adora receber um carinho na barriguinha) e que me fazia companhia durante o trabalho e nas reuniões pelo Google Meet. Resumindo: amei minha assistente particular, a Dona Amora, e ela adorou a minha companhia humana.

Quando eu virei *office*: de repente em casa, no trabalho e com a família. A primeira adaptação foi o estilo de roupa, todo mundo sabe que nunca foi tão fácil e rápido se arrumar para ir ao trabalho. Agora ninguém se importa com o visual durante o trabalho.

Em um segundo momento, necessitava de um ambiente adequado para o trabalho. Então, resolvi fazer o método de tentativas e erros:

1º *Lugar: quarto x trabalho:* lugar bom, silencioso e propício para uma soneca. Já podemos imaginar que o quarto não é uma boa opção para trabalhar durante 7 horas. Mas o lugar foi analisado adequadamente e tirei a conclusão de que podemos trabalhar cerca de 2 a 3 horas até a chegada do sono. Depois disso, procure outro lugar.

2º *Lugar: a sala e a área de lazer x trabalho:* bom lugar, confortável e de grande interação familiar. Devidamente analisado, foi concluído que é um ótimo lugar para o trabalho até a chegada do lanche da tarde. Depois disso, procure outro lugar.

3º *Lugar: cozinha x trabalho:* um ótimo lugar para se tornar uma pessoa gordinha, nem vou falar que engordei uns quilinhos. Tive que fazer uma escolha difícil: eu ou a geladeira, nem preciso contar que a geladeira venceu. Conclusão: depois de trabalhar e comer umas guloseimas, procure outro lugar ou se entenda com a balança.

Não consegui ficar 7 horas seguidas em apenas um lugar da casa, todavia me adaptei muito bem aos diversos lugares do meu lar e a essa nova modalidade de trabalho. Tive benefícios com isso, como exercícios diários de levantamento de *notebook* e uma caminhada suave em direção aos novos ambientes de trabalho.

Por fim, posso dizer que compartilhei excelentes momentos em família. O trabalho nessa modalidade foi essencial para proteger e cuidar das pessoas que amamos durante essa terrível crise sanitária. Nesse período, aprendemos e compreendemos que é necessário dar mais importância aos pequenos momentos, as boas companhias e apreciar cada vez mais os detalhes proporcionados pela vida.

Diário pandêmico: um descanso na loucura

“Doutora, desculpe o horário, mas... você poderia me atender? Não estou aguentando...”. Meu marido reconhece em meus olhos que o jantar está encerrado, e eu vou para o escritório... É só mais uma noite de quarta-feira, como tantas deste último ano.

Desde que o mundo virou uma distímia, a rotina dos profissionais de saúde em guerra contra tantos vírus, além do tal Sars-Covid-2, revolveu todas as lógicas possíveis. Não fui só eu retirada de uma rotina, de um espaço organizado de escuta do sofrimento... Fomos todos nós, de um lado e do outro da tela. Além do vírus para o qual já se conseguiu desenvolver uma vacina, há, contudo, outros, invacináveis, da ignorância, do desespero, da intolerância, e que têm causado estragos tão irreparáveis quanto os do Corona.

Há um ano um espaço diferente daquele que fui treinada e preparada para utilizar como *setting* de tratamento se desmantelou... Num atendimento eu indago: “Onde você está? Lugar estranho...”, e a resposta: “No meu carro, na garagem do meu prédio... é o único lugar onde posso falar com você em paz”. Outro dia, “Doutora, posso mudar meu horário? Meu filho não dormiu, está chorando muito, não consigo parar agora. Te aviso se ele ou eu algum dia pararmos de chorar, ok?”. E a postura do terapeuta, sempre no controle, sempre resiliente e continente foi pro espaço. Para os cafundós, pro beleléu. Só

me resta responder: “Sem problemas, estou por aqui se precisar”.

No início, ainda havia uma rotina. Horários marcados, organizados. Um horário de trabalho, que está lá no sistema de ponto. Mas que ponto há agora? Agora, no auge do tiroteio da batalha, o jeito é dar ponto quando dá, sem muita pontualidade. O escritório antes era um lugar de produção, de estudo. Agora é lugar de escuta. Na cadeira, numa poltrona. A escuta vem pela tela de vídeo do celular, pelo *notebook*, ou por chamada telefônica. Como der... E se acaba a energia, o *wifi* morre? Vamos de 4G mesmo. Porque a dor do outro não tem dado trégua, não espera a energia voltar... e em tempos de guerra, soldado não passa lerdo!

Com tantas mortes, tantas perdas, há de se buscar vida onde der... Guimarães Rosa me ensinou que “qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”. E a escuta, hoje, nesses tempos de tanta cólera é mesmo só um pouquinho de amor. Para descansarmos juntos nessa loucura, dentro dela, já que não há muito como sair lá para fora. Estamos todos, na loucura.

Entre um atendimento e outro, as reuniões sobre assuntos administrativos passaram, já eram, mas pioraram, a significar uma pessoa a menos para ajudar, de fato, a sobreviver. E o preço passou a ser ainda mais alto neste último ano. “Doutora, já se passaram 2 meses da morte do meu pai por Covid-19. E só

hoje, no cartório, ao pegar a certidão de óbito é que eu pude me despedir dele... lá no cartório, caí em prantos e foi a primeira vez que eu chorei”. “Doutora, ontem meu peito começou a arder tanto, que eu comecei a me cortar... aliviou. Será que eu estou doida?”. E eu, aqui, só posso nesse momento, a distância, me aproximar da tela, e continuar: “Quem é que não está doido hoje em dia? Me conta da sua doidera, vamos ver se ela dá em algum lugar...”.

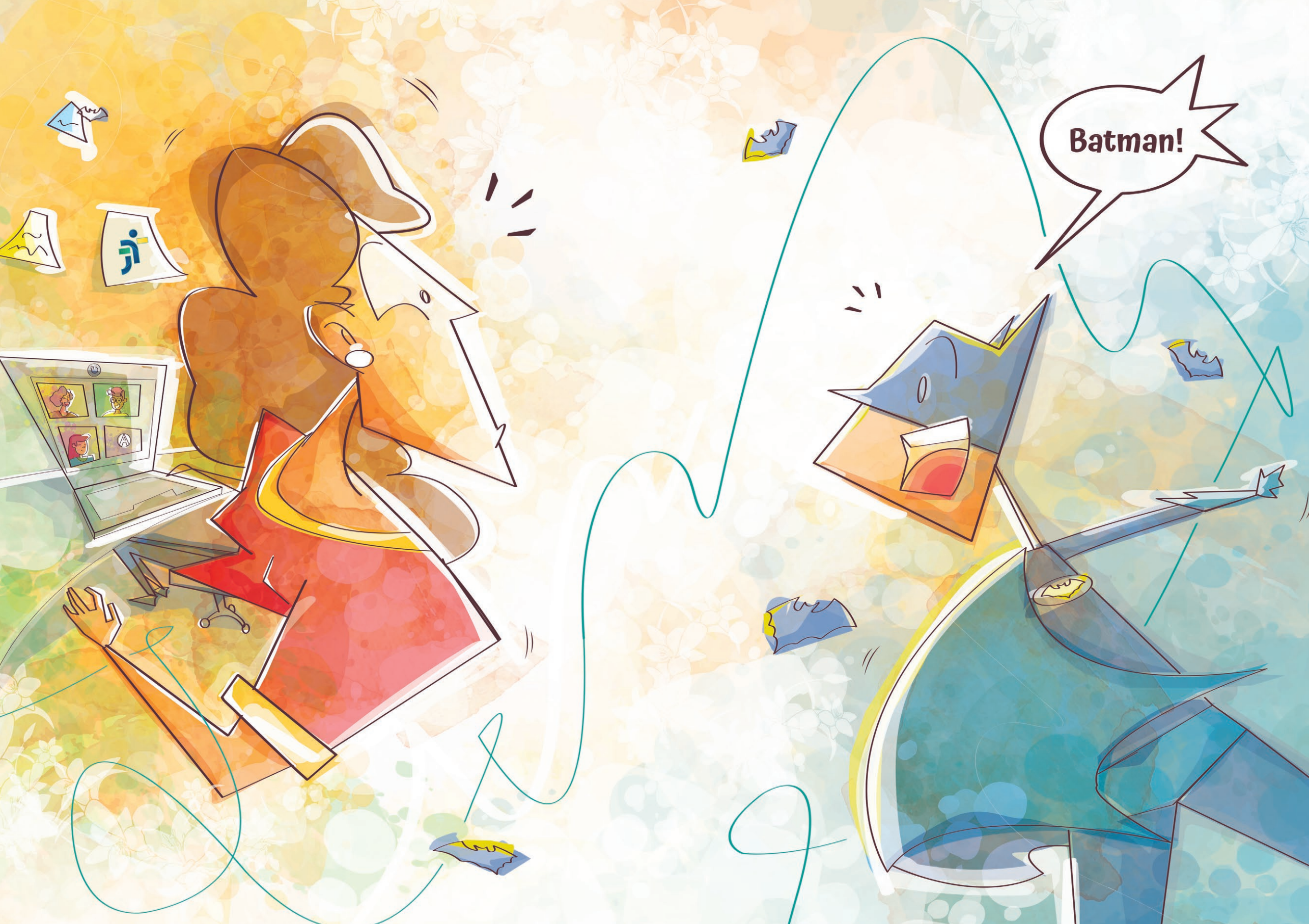
Entre uma escuta e outra, tem o almoço a ser feito, as roupas para tirar do varal, os cachorros para levar para passear. “Doutora, você está num lugar diferente hoje, onde é?”. “Ah, vim para o meu quintal te atender daqui, estou ao lado do pé de jabuticaba. Você gosta?”. E vou buscando vida onde só parece haver morte...

Voltando ao início, para o atendimento da noite de quarta-feira: “Doutora, não é que eu queira mesmo me matar... Só não aguento mais sentir essa dor dentro de mim. Só quero que isso passe, eu fico ouvindo vozes, brincando com elas...”. Nesse momento, eu soltei um grito: “Freud, cala a boca!”. “Doutora,


você também ouviu? Freud falou com você?”. Demorei uns instantes para entender o que estava acontecendo... Eu respondi: “Não... quer dizer... Me desculpe, devia ter desligado o microfone. Freud até fala comigo sim, quando eu leio seus textos, mas o Freud de agora é outro. Quer conhecê-lo?”. O paciente me olha pela tela, certeza de que começou a pensar que a psicóloga estava mais doida que ele. Eu volto para a tela com Freud nos braços. Ele cheira e lambe o celular. “*Voilà*, esse é o meu Freud”. O paciente cai na risada: “Não é que parece? Tem até barba! – É... parece que falar com você até diminui a dor... Acho que aguento mais essa semana. Obrigado, boa noite!”.

Mas o que se há de fazer? Eu sei que vai passar... mas demora... Freud ganhou um petisco. Pensei: “Pronto, arrumei um coterapeuta”. Nesse dia, funcionou. Nem sempre funciona. Em tempos assim, o jeito é inventar. Como não há como consertar o que vai muito mal... o jeito é, do jeito que der, por quais meios puder, de onde for possível, concertar.

Marina Junqueira Cançado



Batman!



O mundo mudou drasticamente e o fio continua desenrolando-se. O malabarismo para equilibrar a nova realidade pode ser sentido em todos os nossos dias. Bom humor, afeto, beijos e um largo sorriso, especialmente se for de uma criança, podem trazer um especial aprendizado: ainda somos humanos!

Lar, doce lar

Era só mais um dia de trabalho e recebemos um aviso: “A partir de amanhã, cada um trabalhará em sua casa”. A notícia foi recebida com um sorriso no rosto, uma mistura de medo e alívio. Estranho pensar que em um dia podíamos almoçar todos juntos na copa da vara e, exatamente no dia seguinte, não poderíamos sequer dar um aperto de mãos. Era como se tivéssemos dormido saudáveis e amanhecêssemos “seres radioativos”.

No dia seguinte, a escola também mandou as crianças para casa “por 15 dias” e a diarista já não viria mais. Tudo aquilo que há mais de 10 anos era minha rotina, não mais existia. Pensei: “São só 15 dias, passa rápido”.

Minha sensação pessoal foi de que logo tudo se resolveria. Numa tentativa vã de não sofrer, comecei a negar a situação que estava à minha volta; decretei férias às crianças e me concentrei no trabalho. Todos os dias tinha brigadeiro de colher e as crianças ficavam diante da TV. As atividades escolares? Ah, quando as aulas voltassem, a escola teria que se virar; afinal, eu não sou professora!

Os trabalhos domésticos logo começaram a se acumular e a minha “ficha foi caindo”. O tempo foi passando e a situação provisória ficou cada vez mais permanente. Eu parei de ir à academia, já estava com três quilos a mais e meus filhos não diferenciavam os dias úteis dos fins de

semana. O trabalho? Bem, eu não conseguia mais manter o foco, uma vez que o caos estava instalado ao meu redor.

Era necessário retomar as rédeas da minha vida. Percebi que uma nova rotina precisava ser definida e “abri minha cabeça” para as aulas *online*. De repente, a casa que só tinha um *notebook*, abrigava dois estudantes *online*, sendo um em alfabetização, e dois trabalhadores em *home office*. Celulares se transformaram em quadros-negros e o *notebook* tinha horário de revezamento.

A vida foi tomando outra forma e, quando me vi, estava matriculada em aplicativo para malhação, assistia a *shows* em *lives* e participava de chás de bebê por videoconferência.

De repente, um novo desafio me atropelou e, a essa altura, só me cabia aceitar as novas situações. O famoso “aceita que dói menos” passou a ser meu lema. A diretora da vara me mandou mensagem dizendo que eu poderia buscar um computador, câmera e microfone no tribunal, pois já estavam publicando a portaria que regulamentava as audiências por videoconferência.

O primeiro pensamento que me veio à cabeça é de que, não bastasse minha vida caótica em casa, agora ainda teria plateia. Na primeira noite nem dormi, imaginando que me transformaria em “meme” em pouco tempo — a boa notícia é que não viralizei. Eu que tenho — ou

tinha — aversão a aprendizados tecnológicos, estava conectada a aulas *online*, Google Meet, WhatsApp Business, Softfone, VPN e Zoom.

Nos bastidores, alfabetizava meu filho, que já não conseguia assistir às aulas *online*. Comprei até um quadro-negro e adquiri um *videogame* para as crianças. Sobre ter câmeras em casa? Vivi algumas situações inusitadas.

Certa vez, estava em audiência e desliguei a câmera (como uma criança que tampa os olhos e acha que se tornou invisível) para dar algumas broncas nos meninos e, quando retornei, percebi que as partes haviam ouvido tudo: eu havia deixado o microfone ligado o tempo todo. Em outro momento, fui surpreendida pelo “mini-Batman” dançando ao fundo da audiência. Isso sem contar a vez em que tive que interromper uma videoconferência para socorrer criança vomitando. Enfim, muitas histórias para contar.

Comecei a me consolar ao perceber que, apesar da distância, as famílias de todos os lugares estavam passando pelos mesmos desafios. Eu estava sozinha em casa, mas não estava “fora do mundo” como no início da pandemia pensei estar, pois agora esse era o novo mundo.

Havia advogados que não desativavam os microfones e, ao fundo, tinham um som de *Baby Shark* e choros de crianças; outros pediam

licença em alguns momentos por estarem participando de mais de uma audiência ao mesmo tempo (sim, desafiamos até as leis da física e agora podíamos estar em mais de um lugar ao mesmo tempo).

Comecei a perceber que eu não era a única que fazia audiência com a máquina de lavar ligada e o barulho da panela de pressão ao fundo. Enfim, um ano de muito aprendizado, de altos e baixos, momentos de revolta e de gratidão.

Ver exposta, de certa forma, a rotina de cada um que entrava na sala de audiência, me trouxe a sensação de não estar caminhando só. Havia a percepção de que todos temos nossas vulnerabilidades e estamos tentando fazer o nosso melhor para que as coisas deem certo.

Percebi que a verdadeira adaptação aos novos tempos é “não se adaptar à rotina alguma”, é estar aberta a mudanças, pois a única coisa que não podemos dizer é que “não podemos”. Eu tinha uma falsa sensação de controle da minha vida e talvez meu maior desassossego tenha sido admitir que esse controle nunca foi meu. Apesar de muito mais adaptada, ainda espero, com ansiedade, a vida normal — com almoço na copa da vara antes de buscar os meninos na escola.

Paula Alves da Silva Medeiros

recomendado

equilíbrio

Os pratos vão cair

Eu não sabia, mas 13 de março de 2020 seria o último dia daquele ano em que eu sairia do TRT, buscaria os meninos na escola/berçário e iríamos embora para casa, felizes, cantando. Dois dias depois, domingo, recebi a notícia que mudaria, bruscamente, a minha vida: em razão da pandemia do Coronavírus, a partir de segunda-feira, as aulas no estado de Goiás estavam suspensas. Não consigo descrever exatamente o que senti naquele dia... É como se eu tivesse perdido o chão. Nem nos meus piores sonhos eu havia imaginado viver em um mundo “sem escolas”.

De repente, me vi com um bebê de 11 meses (ainda o amamentando) e uma outra criança de 4 anos, todos trancados em um apartamento pequeno, sendo mãe em tempo integral. Coincidentemente, meu marido começou o *home office* no mesmo dia em que eu. Foi desesperador. A única pergunta que me vinha à mente era: “Como vamos conseguir trabalhar com duas crianças em casa?”. Embora não tenha encontrado a resposta nos primeiros dias, respirei fundo e repeti meu mantra: “Tudo passa”.

Como até então tudo era muito desconhecido, acreditei (de verdade) que a “quarentena” duraria no máximo uns 4 meses e, passado esse período, as coisas se ajustariam... Ledo engano! A cada mês que se passava, as coisas estavam muito piores e o retorno para escola se tornava cada vez uma realidade mais distante.

Logo no primeiro mês de confinamento, li um texto de uma escritora de que eu gosto muito (Roberta Ferec), cujo título era: “Os pratos vão cair”. Recebi como um presente. O recado, de forma bem resumida, era o seguinte: “Eu sei que você achava que dava para ter tudo. Não dá. Com rede de apoio: os pratinhos vão cair. Sem rede de apoio: os pratinhos vão se estilhaçar — e você ainda vai cortar o pé com os caquinhos”. Embora eu ainda não tivesse chegado a essa conclusão sozinha, nesse dia percebi que eu teria que me adaptar à nova realidade, ciente de que não daria conta de tudo. Eu precisava encontrar o equilíbrio. A única certeza, até

então, é que não daria para ser ao mesmo tempo uma ótima mãe, esposa, profissional e filha nos próximos meses.

As primeiras semanas foram de “testes”. Eu e meu marido tentamos alguns “modelos” de revezamento, mas nada dava certo. Afinal, para elaborar minutas de despacho e sentenças, eu precisava, no mínimo, de um ambiente tranquilo para continuar analisando os processos com muito cuidado e responsabilidade.

Algum tempo depois, encontrei a solução: trabalhar enquanto os meninos dormiam! Como meu esposo é da iniciativa privada, o início e término da jornada são bem rígidos. Ou seja: flexibilizar o horário de trabalho dele não era uma opção para a gente. Para mim, sim: trabalho por produção e, para o Tribunal, felizmente, é indiferente que eu trabalhe de dia ou à noite... O importante é produzir!

Cheguei à conclusão de que, durante o dia, eu precisava “ser dos meninos”. Eles ainda eram muito pequenos e não tinham mais ninguém além de nós. Se, para os adultos, foi difícil recomeçar, tenho certeza de que para as crianças os desafios foram ainda maiores, pois tiramos deles, sem qualquer aviso prévio, tudo que eles tinham antes: escola, passeios e amigos.

Como convivemos com meus pais, que são do grupo de risco (meu pai, além de idoso, é imunodeprimido), optamos por fazer um isolamento bem rigoroso: não temos vida social e as crianças não convivem com outras pessoas além do nosso “time”.

Desde então, fico com os meninos durante o dia e começo minha jornada depois que coloco a segunda criança para dormir. Às vezes meia-noite, às vezes um pouco mais tarde... E durante o horário comercial, trabalho apenas com os processos urgentes que não podem esperar pela madrugada.

Embora seja desgastante, trabalhar durante a noite tem suas vantagens: a principal delas, para mim, é não ter nada disputando pela minha atenção. O telefone/interfone não tocam, os

vizinhos não fazem obras, as crianças não precisam de mim... Na madrugada, a paz reina! A desvantagem é lutar contra o sono e, para espantá-lo, trabalho muito bem acompanhada da rádio TRT (“O Tribunal não dorme!”).

Durmo, em média, das 6h às 11h. Às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos. Das 8h às 11h, meu marido faz um verdadeiro malabarismo para participar das reuniões, sozinho, com as duas crianças.

Graças a Deus, minha rede de apoio é excepcional. Fazem parte dela: meu marido (e parceiro de vida!), que divide comigo as atividades domésticas e 100% dos cuidados com os meninos; meus pais, que me socorrem, diariamente, das mais diversas maneiras (seja nos presenteando com o almoço na casa deles, para que eu possa dormir até mais tarde e não tenha o compromisso de cozinhar em casa; seja buscando um dos meninos quando as coisas por aqui apertam e meu marido não consegue conciliar as reuniões mais longas com os dois meninos; seja levando uma das crianças para dormir na casa deles nas noites mais tumultuadas) e nossa diarista, que nos ajuda duas tardes na semana.

Como não tenho escritório em casa, tivemos que adaptar nossa sala: minha “estação de trabalho” é uma mesa pequena, em que, antigamente, fazíamos nossas refeições, e meu “colega” de frente é meu marido. Ao lado da mesa, temos uma “casinha” de plástico, de aproximadamente 3 m² e um escorregador. Ah, e as paredes são decoradas com os mais variados adesivos infantis!

Hoje o meu “bebê” já tem 2 anos e o meu filho mais velho está aprendendo a ler, na “aula do computador” (como ele carinhosamente chama a aula *online*). Embora as escolas tenham retomado as aulas presenciais, optamos por continuar com o ensino a distância, pelo menos, até meus pais serem vacinados e as estatísticas melhorarem. Ou seja: seguimos em casa, por tempo indeterminado.

Foi fácil? Nenhum dia! Me sinto cansada? Exausta, em tempo integral! Já chorei? Diversas vezes! Reclamo? Nem por um minuto! Tenho plena consciência de que, em meio ao caos em que

o mundo se encontra, milhares de pessoas queriam estar no meu lugar: trabalhando de casa, com saúde, e acompanhando o crescimento dos filhos, de pertinho.

Os pratinhos continuam caindo? Diariamente! Se em uma semana consigo equilibrar com maestria os pratinhos 1 (filhos) e 2 (carreira), logo percebo que os pratinhos 4 (casa) e 5 (saúde) estão à beira de um penhasco. Trato de evitar que eles caiam, e quando percebo, olho para o lado e... Ploft! O pratinho 3 (amor) está no chão. E assim tenho vivido: equilíbrio dois pratinhos daqui, pego os que caíram ali, volto a equilibrá-los, deixo cair outros... E está tudo bem!

Embora esse período não esteja sendo fácil, faço o possível para que os meninos se lembrem desses dias com muito carinho. Me reinvento, sempre, para que eles não sintam tanta falta de conviver com o mundo lá fora. Por sorte, meus pais têm uma chácara pequenininha aqui perto de Goiânia e, aos finais de semana, é para lá que vamos renovar as energias. Apesar de todas as limitações que o momento impõe, temos construído muitas memórias lindas!

Eu e meu marido costumamos dizer, brincando, que envelhecemos 5 anos nos últimos 12 meses. E isso, para nós, não é um problema. Apesar de tudo, temos conseguido conduzir com leveza isso tudo. A gratidão por termos saúde, família e emprego, no meio desse turbilhão, é maior do que qualquer cansaço.

Por motivos óbvios, a minha produtividade não é a mesma da época em que o mundo girava sem o Coronavírus. Aproveito para agradecer aqui, publicamente, ao meu chefe que, desde o primeiro dia da pandemia, se solidarizou com a minha situação, pegou na minha mão e não largou mais: ele não exige de mim mais do que eu consigo oferecer.

Convicta de que dias melhores estão por vir e com o coração cheio de gratidão, termino cada dia no “*home* que virou *office*” com a certeza de que tenho feito o melhor para equilibrar os “meus pratinhos”.

Barbara Barbosa Damasceno

equilibrar

valores

E, de repente, o *home* virou *office*. Será só isso?

Em março do ano de 2020, mês inesquecível para mim, pois é o mês do meu aniversário, surgiu com mais veemência o nome Coronavírus nas nossas vidas. Naquele 16 de março, foi editada uma Portaria determinando a suspensão dos serviços presenciais no Tribunal. Despedi-me dos meus amigos de gabinete com um “Até breve!”, e ainda brinquei: “Ah! no dia 18, não viria mesmo trabalhar, pois é meu aniversário”. É que, no nosso estimado gabinete, no dia do nosso aniversário, temos folga.

Ninguém poderia imaginar que ficaríamos tanto tempo sem ver uns aos outros, nenhum colega se despediu como deveria, nós não nos abraçamos, não nos pegamos nas mãos, pois achávamos que seriam apenas 15 dias. E hoje percebo quanta falta fez aquele abraço não dado e aquele aperto de mão que não ocorreu. Saudades infinitas dos meus amigos e companheiros de gabinete.

Saudades das conversas, das discussões, por vezes acaloradas, sobre os processos e entendimentos da Turma, das vezes que compartilhamos experiências pessoais, méritos dos nossos filhos, desafios frente à educação deles, trocávamos ideias, experiências e conselhos com os mais experientes. Oh! Quanta falta isso faz! Ah, saudades dos nossos lanches, quase todos os dias um amigo levava alguma coisa para lancharmos; saudades dos risos soltos e da alegria que sempre esteve presente naquele gabinete.

Passaram-se os 15 primeiros dias e outras Portarias foram sendo editadas pelo então Presidente Dr. Paulo Pimenta¹ (homem que teve uma sabedoria e clareza de pensamento admirável para tomar as decisões em uma época que ninguém sabia ao certo qual seria a decisão

certa a tomar), alterando o prazo do trabalho remoto. Mais de um ano se passou e ainda estou trabalhando em casa e percebi que o *home*, de repente, virou *office*.

Aqui em casa, o *home* virou *office* e ao mesmo tempo virou *school*; ah, também virou *gym*. Tínhamos que nos adaptar à nova realidade, pois ao mesmo tempo em que eu tinha que trabalhar para entregar os processos dentro do prazo, as crianças tinham que assistir à aula rotineira de manhã e duas vezes na semana assistir à aula de inglês; e ainda não podia deixar de fazer os meus exercícios físicos (comprei corda para pular, elásticos para fazer exercícios, colchonete e enchi garrafas PET de areia para serem meus pesos).

De repente, o meu escritório virou gabinete, o quarto das crianças sala de aula e a sala de TV virou academia. Todos, de uma hora para outra, tivemos que aprender a participar de aulas *online*, de reuniões *online*, de sessões virtuais. Aprender a usar o Cisco Webex, Google Meet, o Zoom, o Google Classroom, e, isso tudo, sem nenhum curso ou aviso prévio de que algo parecido poderia um dia acontecer.

De repente, me vi sozinha fazendo os meus processos e tentando resolver, da melhor maneira possível, as questões processuais, pois meus amigos já não estavam presentes para discutirmos as dúvidas e o meu marido, que é advogado, assumiu o papel de debatedor pessoal.

De repente, me vi como professora dos meus filhos, pois eles com 7 e 9 anos, não tinham a maturidade necessária para acompanhar as aulas por uma tela de *notebook*, sem interação com os colegas e professores. Tive que fazer o papel de professora para ensinar meus filhos, papel de diretora para poder chamar a atenção e mostrar o quanto os

¹ Desembargador, Presidente do TRT Biênio 2019/2021. Exerceu o cargo de Presidente até 5 de fevereiro de 2021.

estudos são importantes, e continuar com o meu papel de mãe auxiliando-os e tentando entender os comportamentos e novos sentimentos que surgiam diante desse novo cenário de incertezas.

Não tinha computador aqui em casa, apenas um *notebook*, o qual tive que compartilhar com minha filha. Não trabalhava de manhã, só a tarde. E à tarde ainda tinha que ajudar meus filhos a entender a matéria e a fazer as tarefas de casa. O mais velho pegou o *notebook* do meu esposo e assim íamos nos desdobrando para poder dar conta de tantas novidades e desafios. Chegou um ponto em que não estava dando para trabalhar só à tarde, então fui ao Tribunal e peguei o meu computador, o qual foi disponibilizado tão gentilmente pela Administração.

O tempo se passou e o *home office* foi ficando cada vez mais meu *home* e meu *office*, com aprendizados que me serão úteis por toda a vida, pois foi preciso aprender a trabalhar escutando as professoras ensinando as regras de acentuação, falando em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, a tabuada vinha sendo cobrada dos alunos, falaram em fotossíntese, em descobrimento do Brasil, em sistema solar e nos planetas, dentre outros tantos temas que fui lembrando e matando a saudade de como foram bons os tempos em que eu vi tudo isso na escola, junto com amigos que até hoje fazem parte da minha vida e, saudosa, vi que meus filhos foram tolhidos dessa experiência, tendo que viver e aprender dentro de casa interagindo com os colegas e professores através da tela de um computador.

E, aos poucos, meus filhos foram entendendo que eu precisava trabalhar para entregar os processos dentro dos prazos. Por muitas vezes, eles perguntaram: “Mamãe, já entregou o seu processo para a Raquel?”, “Mamãe, já está terminando o seu processo?”, “Mamãe,

você recebeu muitos processos essa semana?”. Passaram a compreender como era minha rotina de trabalho.

Por vezes, meu coração doeu, houve angústia, incertezas, dores, medos, mas com paciência, resiliência e com muita fé em Deus e esperança de dias melhores fui vencendo cada batalha, aprendendo que o meu lar é *home*, mas pode ser *office*, pode ser *school*. Aprendi com os meus filhos que os desafios da vida podem ser encarados de forma simples e com uma leveza que só as crianças podem ter.

E termino este texto com lágrimas nos olhos e uma vontade de chorar. Choro às vezes de tristeza por ver e por imaginar a dor daqueles que perderam alguém para essa cruel doença, tristeza por ter perdido amigos da família TRT, como o Elifas e a Cida, tristeza por ter deixado de conviver com amigos e familiares que me eram tão próximos, tristeza por não ver os filhos dos meus primos e amigos crescerem, tristeza por ver tanta gente passando fome e sem emprego.

Mas também choro de alegria, pois foi um tempo em que aprendi a ter mais paciência, a esperar com mais tranquilidade, a apreciar meu lar e saber que é um lugar sagrado, a conviver com meus filhos e companheiro hora após hora, a ver quão importante é minha família, a valorizar e cuidar dos meus pais e da minha avó, e a me preocupar com a fome e o desemprego de pessoas desconhecidas, a questionar os valores que antes eram tão importantes e que de repente não se mostravam mais tão valiosos, a valorizar coisas simples, como ver um filme em casa comendo pipoca em que o público era de apenas 4 pessoas, a ver um pôr do sol e reconhecer a grandeza de Deus, a escutar mais as pessoas, a valorizar as viagens e a administrar melhor o meu tempo.

Aline Ramos Queiroz Cardoso

valores

Adaptações da vida moderna

A grande mesa da sala não serve mais a esperada refeição
e agora ganhou novos objetos de decoração

A pequena mesa da cozinha com delícias para saborear
tem agora uma conturbada rotina escolar

O vaso colorido e cheio de flor
deu vida a um enorme e preto computador

O forro de mesa bordado e os guardanapos sumiram
e no seu lugar papéis, livros e cadernos surgiram

A sala de jantar se apagou, e não foi porque a energia faltou
mas sim porque num eficiente escritório se transformou

O uniforme sério e discreto deu lugar ao pijama
e a ginástica laboral agora é na minha confortável cama

Não existe mais o medo de o chefe aparecer na hora errada
mas sim receio de, por acidente, no Google Meet me ver desajeitada

Dúvidas sobre geografia e ciências existem em excesso
enquanto eu nada mais respondo sobre processo

Na copa do café eu tinha muitos colegas para conversar
mas agora o tempo de lanche é para a casa ordenar

A reunião, antes presencial na sala do chefe, agora é via plataforma Zoom
e pelo menos ninguém vai mais notar um inconveniente e atrevido pum

E assim a rotina da vida segue com frequente adaptação
mas sempre com muito humor e esperança no coração.

Renata Emídio dos Santos

Meu trabalho, minha casa e vice-versa

Metas, escola, estatísticas, precisão...

Juntei meu trabalho com as pessoas que fazem parte do meu coração,
Hoje eles sabem mais de mim e sobre eles sei muito mais também,
Eu, que por tanto tempo me afastei, hoje sou muito mais feliz, amém!

Reunidos no almoço, sentados junto à mesa,
Entendi que meu trabalho faz mais sentido, quanta nobreza!
Meu computador, minha cadeira, meu espaço adaptei,
Meu trabalho, minha família, um tanto a cada me doe.

Webcam ligada, agora tenho reunião,
Ratifico ou retifico a apresentação?
Tudo pronto, internet cai,
Logo tudo volta e minha careta da tela sai.

Depois de perder amigos no meio da pandemia,
Entendi, pela dor, o real sentido da vida,
Para cada familiar ou amigo deixo uma reflexão,
Insistindo que usem máscaras, se protejam, lavem as mãos.

Marcos Antonio de Souza Silva

seu

O dia mais feliz da minha vida

Meu filho tem um costume que eu acho bem interessante. Sempre que faz algo de que gosta, que o deixa contente, pode ser a coisa mais simples, ele diz: “Hoje foi o dia mais feliz da minha vida”. Um dia de brincadeiras com os primos, ou em casa se divertindo com os pais, uma comida diferente, até mesmo uma ida ao *shopping* basta para ele repetir, com um sorriso largo, que aquele dia foi o mais feliz da vida dele.

Não importa se já disse ontem, se falou hoje, amanhã ele dirá novamente sem comparar um dia ao outro. Observo que realmente ele considera que aquele dia foi o melhor de sua vida, que não interessa o que aconteceu no dia anterior e, muito menos, o que vai acontecer no amanhã. Não são apenas palavras, é um estado de alma que ele vive e expressa dessa forma.

Quando me dei conta de que ele sempre fazia isso, fiquei feliz e curioso ao mesmo tempo. Juro que pensei em perguntar: “Filho, você falou isso ontem e hoje também; afinal, qual dia foi o mais feliz?”. Seria uma insensatez da minha parte, mas eu queria entender a lógica na cabecinha dele. Como diria

Saint-Exupéry, as pessoas grandes têm sempre a necessidade de explicações detalhadas.

Ele completou 7 anos de idade um mês antes de o mundo ser abalado pela pandemia da Covid-19. Foi a última vez em que reunimos todos os amigos e parentes. De lá para cá, diversas vezes, em situações tão banais (aos meus olhos), ele ousa repetir, sem dar bola para as severas restrições: “Hoje foi o dia mais feliz da minha vida”.

Um dia desses, um dia normal de pandemia aqui em casa, minha esposa trabalhando fora, eu no *home office*, meu filho novamente reproduziu seu tão intrigante lema. Meio sem entender, resolvi perguntar por que aquele dia — para mim tão enfadonho — era o mais feliz da vida dele. A resposta foi singela: “Hoje eu brinquei muito com você, passamos o dia todo juntos, por isso...”. Lembrei que realmente tínhamos brincado de várias coisas. Jogamos nosso jogo preferido, fizemos lutinha em cima da cama, assistimos a *Caçadores de Trolls*, nossa série predileta. Tudo isso misturado com trabalho remoto, aulas *online* e afazeres domésticos.

Em outra situação, fiquei surpreso quando ele, olhando para a tela do meu computador, perguntou o que eu fazia no trabalho. Tentei simplificar e disse que comprava as coisas para o Tribunal. Desde aquele dia, no final da tarde, ele me pergunta: “Pai, o que você comprou hoje para o Tribunal?”. Esforço-me para lembrar em qual objeto trabalhei naquele dia e, além de dizer o que comprei, preciso explicar qual a finalidade da compra. Agora sempre preciso estar preparado para a auditoria do meu filho, que nunca desiste de uma pergunta e é bastante exigente com as respostas.

Mesmo depois de um dia todo dentro de casa, de semanas sem visitar ninguém, de meses sem ver os amigos, primos e os avós, longe do esperado abraço da professora, ele continua sendo aquele menino que enxerga o mundo de uma forma tão peculiar.

Confesso que não consigo ver as coisas como ele. Eu queria mesmo era que tudo fosse como antes, queria sair de casa, ir ao trabalho, encontrar os amigos, pegar o carro no fim de semana e viajar com minha família, visitar minha mãe, fazer um churrasco na casa

da minha sogra, ir à praia, enfim, queria viver uma vida normal novamente.

Ora, o que ele vê que eu não vejo? Talvez eu deveria ver quando, ocupado com meu trabalho, ele passa sorrindo e vem correndo me abraçar, quando escuto suas grandes gargalhadas com os amigos na aula *online*, quando pulamos na cama para fazer uma grande bagunça, ou quando fazemos bolos de aniversário e comemoramos com direito a velinhas e luz apagada. Enfim, talvez eu deveria tentar ver carneiros através de caixas, como faria o pequeno príncipe.

Imagino que, na maioria das vezes, não consigo enxergar esses momentos porque estou olhando para trás, ávido tentando agarrar o que já não existe mais, ou quem sabe porque estou fixado no que virá, preocupado com as sombras de um futuro incerto. Enquanto estou nesse estado, mesmo que de olhos abertos, não contemplo o essencial e, consequentemente, não vivo plenamente as pequenas alegrias. Como as pessoas grandes, esqueço o segredo da sábia raposa: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

Gildásio Santilo Silva

Home office: uma nova filosofia de trabalho

Jamais imaginei que o trabalho remoto seria uma realidade tão próxima
De repente, nossas estações de trabalho invadiram nossos lares
Viver uma pandemia é passar por transformações e dar a volta por cima.

Foi preciso adaptar, reinventar, estudar e superar
Hoje dou outro significado à palavra engajamento
Pois apenas com espírito de equipe conseguiremos atravessar este momento.

Tive que redimensionar meu tempo
Home office, família, casa
Difícil foi ter um passatempo
Ou qualquer coisa que extravasa.

As telas nunca foram tão bem-vindas
Uniram o que antes pareciam separar
Permitiram encurtar saudades
E o trabalho executar.

Da estrutura de TI eu não pude reclamar
Computador, teclado, *mouse*, tudo aqui é excelente
Neste ponto, tenho algo para contar
Tanta coisa boa tem explicação
Meu marido é da tecnologia da informação.

Sabe aquelas três telas de computador que ele havia comprado e eu criticado?
Foi aí que eu dei valor!
Sistema de Metas do CNJ em uma tela, Hórus 18² em outra, e Sigest³ ao lado
Uma comparação exata de dados eu tinha que fazer
O Prêmio Diamante o Tribunal não podia perder.

De cara, eu ganhei uma estagiária
Um ano de idade, pós-graduada em *Peppa Pig*, comunicativa e interessada
Das reuniões virtuais ela participava de forma voluntária
O Presidente do Tribunal, à época, já reconhecia e vivia a falar
Dr. Paulo para lá, Dr. Paulo para cá.

² Sistema de BI (*Business Intelligence*) que agrega informações estratégicas, táticas e operacionais do Tribunal, de diversas fontes de dados

³ Sistema de Gestão

Muitas coisas ela me ensinou, mas o que mais aprendi foi a dividir
Mouse, teclado, fone de ouvido, cadeira de trabalhar tive com ela que partilhar
Confesso que tive medo de uma mensagem absurda para meu chefe chegar
Mas a resposta eu já tinha para dar
Minha filha aprendeu a digitar.

O local do escritório representou um desafio
O computador fica ao lado da televisão
No início gerou confusão
Ao som de *Dona Aranha* e *Baby Shark* eu tive que trabalhar
Redigir, conferir, orientar e de reuniões participar.

Com minha filha eu me entendi
E a ensinei que eu precisava me concentrar
Até que um dia me surpreendi
Ao me ver longe do computador ela começou a falar:
“Mamãe, você tem que trabalhar!”

É claro que outras peripécias também tenho para contar
A tela compartilhada para os membros do CGOV⁴ não era a adequada
A câmera, minutos antes da videoconferência, parou de funcionar
A gravação da reunião iniciei atrasada.

A minha sorte é que o suporte de TI estava bem ao meu lado
E me salvou adoidado
Uma coisa vou confessar
Quando o *home* virou *office*
Uma coisa agradei
Ter me casado com um homem de TI.

O tempo foi passando e eu já estava adaptada
Afinal, do que eu poderia reclamar?
Com as três telas eu estava deslumbrada
E, feliz, conseguia meu serviço executar.

⁴ Comitê de Governança.

Certo dia, meu marido também passou a trabalhar de casa
Um colega de sala testou positivo
Passamos a viver situações de entendimento e amadurecimento
De alguma forma, mudamos nosso comportamento.

Na verdade, o que mais me incomodou foi ceder as três telas
E ao *notebook* recorri tão singela
Foram tantas as reuniões de TI que eu escutei
Sala cofre, *switch*, PDTIC⁵ dominei
Quanto a ele, não teve como não escutar: riscos, processos,
Governança, estratégia, projetos.

Quando me dei conta, quinze dias viraram um ano
Quantas coisas eu aprendi
Softfone, OBS Studio, Zoom, Google Meet
Disciplina, concentração
Paciência, atenção...

E passei a dar novo valor às coisas
Ao sorriso do colega
Ao abraço apertado
À reunião com pão de queijo
Ao *feedback* lado a lado.

Descobri talentos
Aprendi a reelaborar
Enfrentei meus sentimentos
E encontrei uma nova forma de trabalhar.

Redescobri as brincadeiras
Valorizei meu lar
Reconheci as arrumadeiras
Revi meu pilar.

Que falta faz o Tribunal
E a grandeza de um chefe presencial
Mas sei que tudo isso vai passar
O sonho em comum é poder se libertar e nos encontrar!

Flávia Ramos Queiroz Oliveira

Preso em casa

Início de pandemia e eu pensei: “Como sobreviverei trabalhando em casa, com os filhos em aulas remotas, esposa dividindo a área de trabalho, *preso em casa*, reuniões remotas, horas de WhatsApp, *preso em casa*, ansiedade, barulho de crianças, medo da Covid-19, *preso em casa*, enfim, sem ter o meu tão precioso tempo comigo mesmo”. Um turbilhão de emoções. Mas dias, meses e até ano passaram e hoje tenho muita coisa para contar. Muita coisa aprendi, muito deixei para lá, desaprendi outras, e, ah, outras ainda estou tentando entender.

Ah, muita coisa acontece no meu coração, e fora dele também. A tão sonhada casa nova e o dia esperado para nela habitar chegaram. Apesar de ter relutado. Sou daqueles que diz: “É necessário planejar, avaliar e mitigar todos os riscos”. Nesse caso, já estava me encontrando no meu cantinho de trabalho, mas aceitei a mudança.

Bem, antes da mudança, tenho algo para contar, vamos lá. Precisávamos desfazer dos móveis, pois não os levaríamos para a casa nova, e aí, tudo que estava em lento processo de adaptação falhou. Os móveis se foram e nós ficamos. Como o trabalho nunca parou, nos adaptamos, vi esposa trabalhando no chão da sala, participando de reuniões *online*, crianças ao lado vendo TV, praticamente sem som. Me vi trabalhando trancado no quarto do filho, rindo muitas vezes, quando éramos interrompidos por um: “Mamãe, venha aqui, pode me limpar?”, ou “Papai, a TV travou”, ou simplesmente “O interfone tá tocando, vai logo”. Hoje dou gargalhada quando lembro, muitas vezes, que esposa e filhos entraram no quarto após o expediente e foram vistos de pijama em alguma reunião.

Mesmo com aqueles atrasos esperados, mudamos. Queria poder dizer que tudo agora são flores, mas, como imaginam, não são. Tenho um espaço bom para o trabalho agora, mas o *home* não é mais *home*, mesmo sendo *home*. Ele é *office*, e como é. Me concentro hoje no barulho de furadeiras (sim, em um prédio novo tem muitos vizinhos fazendo suas reformas, com todo tipo de som se propagando); às vezes nem percebo o grito das crianças, ou até as brigas; falo mais alto ainda para ser ouvido nas longas reuniões de trabalho; trabalho antes mesmo de me levantar da cama; minhas conversas com a equipe no WhatsApp vão comigo à cozinha, à varanda e até ao banheiro. Pois é, o meu *home* virou *office*, todo canto virou *office*. Muitas vezes, tem até um puxão de orelha: “Papai, mamãe, vamos almoçar, deixem o celular”. Eles estão certos, há dias em que o trabalho nos acompanha almoço a fora.

Mas, mesmo não sendo fácil, vou descobrindo um novo eu, penso ser uma versão melhorada, alguém que às vezes surta, ri, chora, mas sabe que no fundo os motivos são de gratidão pela vida, pela saúde, por estar com os meus, e, apesar de não ter espaço entre o trabalho e o lar, aqui está o meu aconchego. Assim, mesmo *preso em casa*, vou vivendo, e não apenas sobrevivendo.

Robaldo José Santos Alves

No aconchego do lar

Celular.

“Doutor, pois não? Deixe-me verificar o processo”.

Interfone.

“Um instante, por favor”.

Corri até a cozinha. Celular na mão. Retirei o interfone do gancho.

— Senhor, tem uma encomenda aqui em seu nome.

Coloquei o celular no outro ouvido.

“Sim. Já foi pago sim. Trinta mil”.

— Senhor, não tem cobrança nenhuma não. Está tudo certo. Sei que não é da minha conta, mas que encomenda cara é essa? — indagou-me o porteiro.

— Um minuto.

“Então, vamos mandar para o arquivo”.

— Senhor, é para jogar no depósito mesmo?

“Não! Um minuto! Não, doutor! Não era com o senhor. Era o funcionário da portaria me avisando de uma encomenda”.

— Posso jogar no depósito ou não? Trinta mil é muito dinheiro, hein?

“Não. Pode deixar que eu mesmo arquivo”.

Confusão comunicativa. Ou comunicação confusa? Não sei.

Encerrei o atendimento com o causídico e desci para buscar a encomenda. Era um simples e delicioso pedaço de rosca que a minha avó encaminhou-me pela minha mãe.

Por motivos óbvios (leia-se “pandemia”), não fui buscar a guloseima e ela se sentiu ofendida. Mandou que a filha, minha querida genitora, fizesse as honras da casa. Agradei a Deus por garantir o lanche da tarde das crianças e voltei ao expediente.

Ao entrar no pequeno quarto adaptado para escritório, deparei-me com minha filha de 10 anos sentada em meu posto de trabalho. Queria saber, a qualquer custo, o que era PJe (Processo Judicial Eletrônico). Expliquei-lhe que era um sistema de informática bastante funcional e que me esperava ansiosamente para ser utilizado. Pedi-lhe licença. Ela

olhou para mim com um semblante de piedade tão grande que não resisti. Pedi-lhe que ocupasse uma cadeira ao meu lado. Já era sexta-feira, com os ponteiros do relógio esbarrando nas 18 horas. Não havia nada de mais em dar-lhe um pouco da atenção que ela tanto merecia.

— Filha, agora papai precisa de silêncio porque vou olhar umas respostas Sisbajud (Sistema de Busca de Ativos do Poder Judiciário).

— Respostas da tia Lud?

— Sisbajud.

— E que é isso, papai?

— O papai busca dinheiro nas contas de quem deve e, achando, bloqueia e tira o dindim, colocando o valor no processo.

— O senhor tira dinheiro dos outros?

— Sim. É preciso.

— E quem faz isso não é ladrão?

— É por uma boa causa.

— Tipo Robin Hood, então?

— Mais ou menos, filha. Isso é uma parte do “fazer justiça”.

— Que coisa feia, papai! “Tadinho” de quem tem o dinheiro tomado. Não é justo.

— É sim.

— Não. Não é. Não mesmo! Nunca imaginei isso do senhor.

Levantou-se e saiu. Nada resignada, foi ter com a mãe. Desabafou a sua indignação com minha esposa, enquanto eu desbloqueava os centavos das contas dos devedores vasculhados.

Fim do expediente. Nem só de trabalho vive o homem. Sexta-feira é um oportuno convite a uma taça de vinho, uma boa massa e uma *live* com música de excelente qualidade no Instagram. Enquanto um servidor do Tribunal, talentoso cantor, fazia seu tributo ao samba e à MPB, eu curtia a família. A apresentação artística gratuita seguia sempre denotando bom gosto musical. Peguei o celular para pedir-lhe uma música *online*. Quando comecei a digitar, “pintou” uma ligação no WhatsApp

Business. “22h. O que será?”. Atendi. É... Confesso que incorporei o costume. E, como o hábito faz o monge — e o monge é paciente por natureza —, fiz-me paciente.

— Boa noite. Pois não.

— Boa noite. Desculpa pelo horário. Só lembrei de ligar agora. Quero saber informações sobre o andamento do meu processo.

— Nosso atendimento pelo WhatsApp é das 8 às 16 horas.

— Sim, mas o senhor atendeu.

De fato, eis um fato notório e incontroverso. Havia atendido. Talvez estivesse agora refém da situação. Minha esposa olhou para mim com um olhar inquisidor. Ela sabia que eu me renderia e correria para o computador. Assim o fiz. Eu bem sabia que haveria uma “DR” motivada por um desejo exacerbado de prestar um atendimento de excelência.

Entretanto, resolvi pagar para ver.

Entrei no escritório. Realizei o atendimento em 30 minutos. Quando retornei à sala, a garrafa de vinho já havia sido recolhida da mesa. Sentei-me no sofá, olhei-a detidamente e, ciente do meu deslize, perfeccionista, pedi-lhe desculpas.

— Amor, não me venha com essa. Isso acontece toda semana. Você até parece médico pediatra atendendo mãe de criança doente.

— Querida, precisei atender o reclamante. Lembra que desci para buscar a deliciosa rosca hoje? Foi o tempo que perdi no trabalho. Fiz uma compensação justa.

Ela deu-me um sorriso pouco sincero. Peguei o vinho, enchi os cálices, aceitei a razão do descanso semanal remunerado e relaxei. Tudo voltou ao novo normal de novo.

O fim de semana transcorreu na quietude serena de um aconchego familiar.

Na segunda-feira, o despertador tocou às 6h45. Pulei da cama, tomei um banho rápido, vesti uma bermuda e uma camisa social, segui pela via expressa do corredor e, sem tráfego algum, cheguei rapidamente ao escritório. Eram 7h e pouco e já estava pronto. WhatsApp Business.

Uma mensagem não lida. Horário? 4h30. “Jesus, como alguém pode precisar de atendimento em um horário assim?”. Retornei o contato. Nada. Absolutamente nada. Liguei o computador e comecei a jornada.

Por volta de meio-dia, um cheiro terrivelmente delicioso de bife acebolado entrou por baixo da porta e azucrinou minhas narinas, provocando-me uma salivação persistente. Minha filha mais velha, 17 anos, chamou-me para almoçar. Neste momento, o celular tocou. Videochamada. Um senhor de aproximadamente 65 primaveras na telinha do celular. Parecia incrivelmente disposto.

— Bom dia. Liguei mais cedo, mas o senhor não atendeu.

— Estou atendendo desde as 8h.

— Ah, sim. Liguei por volta de 4h30.

— Nesse horário, eu durmo, não atendo e não há expediente — sem querer ser rude.

— Entendo. É que sofro de insônia. Mesmo tomando remédios, não tem sido fácil dormir. Além do mais, é um assunto urgente. Aliás, o senhor dorme bem?

— De 6 a 8 horas por noite.

— Que inveja!

— Em que posso lhe ajudar?

— Então, quero saber o horário da minha audiência aí.

— Qual o processo?

— Tenho não.

— O senhor sabe o dia da audiência?

— Não, senhor. Sei que é no final do mês que vem.

Retirei o celular do ouvido. Suspirei. Depois de uma breve reflexão, constatei que a urgência é algo relativo por natureza. O que poderia soar urgente para o outro não o seria para mim. E vice-versa. Continuei com o atendimento, demonstrando cordialidade.

Quando *home* vira *office*, situações diversas (e algumas, adversas) acontecem!

Leonardo Craveiro da Costa Campos

Um dia qualquer trabalhando em casa

Plim plim plim plim plim plim
 Só mais 5 minutinhos
 Eita! Hora de levantar!
 Bom dia pra você também, meu bem!
 Humm, que café gostoso. Com esse pão, então!!
 Bom dia, filha linda!

Mamãe, qué mamá!
 Toma, filha! E agora a mamãe vai trabalhar, tá bom!?
 Bom dia, colegas.
 Nossa! Tenho que entregar hoje esse material.
 Deixa eu ver o *e-mail* primeiro. E o GLPI.

Hahahaha, muito engraçado esse vídeo, esse povo inventa cada uma!
 Eita, lá vem as tias com os bom-dia-de-flor, deixa eu achar uma florzinha também.
 Nossa, quanta gente morrendo! Será que está tendo vaga nas UTIs da cidade?
 Nova mensagem. Vixe! Já vou mandar!

Espera, filha, a mamãe tá ocupada, tenho que enviar um trabalho agora!
 Eita, derramou tudo na sua roupa. Tenha mais cuidado, filha!
 Vamos trocar essa blusinha!
 Agora dá um abraço na mamãe. Humm, que abraço mais gostosinho.
 Quero ver desenho, mamãe!
 Qual você quer? *Heróis de Pijama* ou *Patrulha Canina*? *Patrulha, Patrulha, Patrulha...*
 Pronto, agora a mamãe vai trabalhar.

Deixa eu revisar esse texto antes de enviar. TRT-18 tem hífen ou não?
 Alguém sabe como estamos grafando TRT-18? Estou na dúvida sobre o hífen!
 Ah, eu prefiro sem, pois fica muito mais *clean*!
 Ah, não, eu prefiro com, e olhei aqui e vi que o TRT-2 usa com hífen.
 O que acha, chefe? Vamos padronizar isso. Vamos usar com hífen mesmo.

Mãe, eu tenho que entregar uma redação sobre movimentos que negam a vacina.
 Eita, filha. Espera só um minuto para eu terminar um trabalho aqui e te ajudo.
 Lembra que antes de escrever sobre um tema você tem que estudar sobre ele.
 Dá uma pesquisada na internet sobre o assunto e daqui a pouco eu te ajudo.

honraa

Mãããeee, o desenho acabou!
 Filha, vai lá arrumar o desenho da sua irmã!
 Pronto, já posso enviar esse trabalho!
 Vou começar logo esse outro texto porque tenho que publicar hoje ainda!
 Teoria maior da desconsideração da personalidade jurídica?
 Que diabos é isso? Vamos lá, Dr. Google!
 Por falar em doutor, acabei de lembrar que hoje é o dia da consulta da minha mãe.
 Deixa eu ligar pra confirmar o horário.
 Oi mãe, já confirmei sua consulta, vai ser às 15 horas. Vou acompanhar sim.
 Não esqueça de levar seus exames.

Mãããeee, qué maçã cortadinha! Tá bom filha, já vai. Vamos lá fazer.
 Hummm, vou comer um pedaço desse bolo gostoso.
 Nossa, acho que estou acima do peso!
 Só mais um pedaço. Amanhã eu emagreço. Hoje vou ser feliz! Nhac.
 Mãe, eu já pesquisei sobre as vacinas da Covid, e agora?
 Agora você inicia seu texto!
 Lembra de colocar já no primeiro parágrafo as ideias principais.

Vamos lá! Mais um chamado. Vixe, esse é urgente. Vou fazer agora.
 Meninos, eu preciso ficar sozinha aqui pra fazer um trabalho importante.
 Qualquer coisa que precisarem aí, peçam para tia Ester.
 Vou colocar uma música de fundo para ajudar na concentração.
 Vamos de Chopin, aquela peça do pianista, *Nocturne* em dó sustenido menor.
 Como é bom estar em casa, com a família, com saúde, vivos!
 Eiii, já falei, estou ocupada. Não é possível que não tenha paz pra trabalhar!
 Por favor! Mais tarde eu te ajudo, eu já disse.
 Nova mensagem. Oi chefe! Já estou terminando aqui e te mando.
 Prontinho, vou mandar agora. Ufa!

Nossa, hoje tem prova de Direito Processual Civil. Putz.

Deixa eu ver aqui. Ah, vai ser de dupla! Vou fazer com a Cristina!

Ai, minhas costas, vou alongar um pouco.

Oh, Deus, obrigada por mais esse dia com saúde, por guardar minha família, meus amigos, te peço que abençoe a cada um que neste momento precisa de ar em seus pulmões. Abençoe também cada família que passa dificuldade e precisa de Ti.

Meu Deus, quando teremos a cura para essa doença!

Nossa, deixa eu voltar ao trabalho!

Nova mensagem. Gente, estão lembrando de nossa reunião pelo Google Meet? Meninos, vou ter uma reunião agora, mamãe não pode conversar por agora, ok?

Oi, gente, tudo bem! Tá sim, tudo tranquilo aqui em casa.

Estou adorando o *home office*. Acabo tendo mais tempo com os meus filhos.

Isso não tem preço! Ah, sem contar a comidinha caseira de verdade!

Sinto falta sim!

A gente acaba não valorizando as coisas boas pensando que elas são para sempre.

Ah, aquele barulho de vassouras varrendo folhas na entrada do Fórum e aqueles “bons dias” tão lindos dos nossos terceirizados.

Sem contar os seguranças da entrada, que nos recebem tão bem!

Uma risada com os amigos no café e uma conversa pra falar qualquer coisa.

Ah, aquele biscoitinho do Maranhão com aquele “bom dia” dele tão cheio de vida!

Tudo é saudade! O lanchinho na Asjustego. A ginástica laboral com os colegas.

Mas a saudade fica ainda mais forte quando a gente se dá conta de que há amigos que não veremos mais. A Cida da Licitação, o Elifas dos Cálculos Judiciais...

E também há gratidão por aqueles que ficaram, como a Geisa da Judiciária...

Também fica a saudade daquele amigo e daquele familiar que a Covid nos levou.

Cada um órfão à sua maneira...

Não sabemos quando tudo isso vai passar.

Mas é fato que a pandemia nos deixou mais fortes, mais sensíveis e humanos. Aprendemos a valorizar pequenas coisas, como um abraço carinhoso dos filhos. Aprendemos também que não precisamos de muito para ser feliz.

Ter um trabalho que nos garanta o pão de cada dia e saúde para sobreviver basta.

Aprendemos também a repartir. Quem tem mais auxilia quem tem menos.

Nada do que temos é nosso. Quando partirmos daqui, nada levaremos.

A pandemia nos ensinou muito!

Tudo bem! Casa virou trabalho. Trabalho virou casa.

É uma nova forma de trabalhar e de viver. A Justiça não pode parar.

Quem necessita de Justiça não pode esperar.

E agora trabalhamos de qualquer lugar para entregar aquilo que o cidadão precisa, seja informação, seja um recurso, uma sentença ou uma conciliação.

É uma nova realidade. Um novo mundo. E vamos ter que lidar com ele.

Essa pandemia vai acabar, sim. Mas novos problemas vão nos desafiar.

Aqui estamos para aprender e nos adaptar.

Essa pandemia partiu muitos corações e destruiu famílias.

Mas nós, sobreviventes, com certeza sairemos mais fortes e mais humanos.

E assim honraremos todos aqueles que se foram antes de nós!

Lídia Cristina Neves Cunha

Home, sweet office

Era fevereiro de 2014 quando eu tomei posse no TRT-18. Recém-casada, recém-empossada na minha cidade natal, todos os dias eu me vestia e saía do meu apartamento recém-montado rumo àquele bonito prédio de vidros escuros no coração do Setor Bueno.

Em 2018, com um bebezinho de 6 meses no colo — o pequeno Caetano — nos mudamos para o Rio de Janeiro e minha nova casa já era também meu novo local de trabalho, me havia sido concedido o benefício do trabalho remoto. E ali, meu novo *home* virou também meu novo *office*. “Aaah, mas então ela já tinha 2 anos de *home office* quando a pandemia se instalou! Tirou de letra”. Corta para 2020.

Mais um fevereiro, mais precisamente 11 de fevereiro de 2020. O Rio de Janeiro já havia ficado para trás, agora moramos em Barueri, na Grande São Paulo. Foi aqui na terra da garoa que nasceu Igor, nosso caçulinha, exatamente um mês antes de a OMS decretar a tão famigerada pandemia de Covid-19. Da noite para o dia, me vi completamente isolada com um bebê recém-nascido, uma criança de quase três anos privada da escola, dos amigos e dos avós, vendo meu marido trabalhar como nunca. Ainda assim, eu pensava: “Pelo menos, foi no começo da minha licença-maternidade, até eu voltar a trabalhar, as coisas já devem ter voltado ao normal”.

Bom, eu não preciso contar que as coisas não voltaram ao normal. Mas eu voltei ao trabalho. Aqui isolada em meu querido *home*, que de repente voltou a ser *office*. Agora, com duas crianças em casa em tempo integral, ainda sem saber lidar muito bem com os efeitos desse isolamento imposto.

Dia após dia, trabalho em processos administrativos enquanto amamento, avalio a beleza de uma pintura que mãozinhas pequenas fizeram (tá lindo, mamãe?), faço paradas não planejadas para acudir um machucado ou aguardo o marido chegar para finalizar o que precisa ser feito naquele dia.

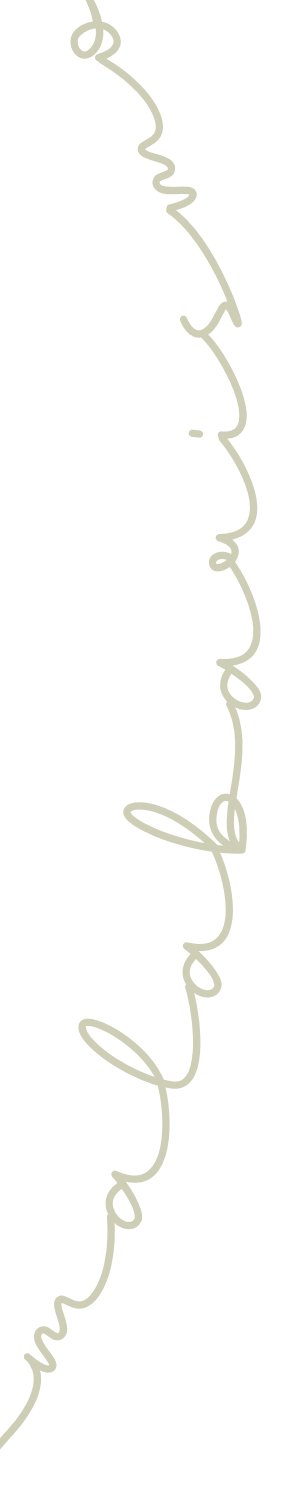
Eventualmente, quando um ou outro contratempo se soma à pandemia, me vejo sozinha com os dois em um dia de trabalho. Aí, caro leitor, haja malabarismo para equilibrar tanto pratinho! Já botei o *notebook* dentro do berço para continuar ouvindo a reunião enquanto trocava fralda, já elaborei planilhas enquanto uma criança tocava uma minibateria a meio metro de distância, já tentei fazer a tela do Siafi (Sistema Integrado de Administração Financeira) parecer um universo encantado cheio de números com o objetivo de ganhar uns minutinhos, antes de atender a olhinhos suplicantes por um lanchinho.

Parece insano, né? E às vezes, é. Mas tem o outro lado. Dia desses, percebi que Caetano se sentia sozinho enquanto eu trabalhava, aquela solidão que só a mamãe pode

preencher. E assim, o quartinho que eu divido com as vassouras (e que virou meu posto de trabalho oficial depois que chegou o segundo pimpolho) ganhou mais uma função: virou também o escritório do Caetano. Papai perdeu o espaço de sua escrivadinha, mas fazer o quê? Meu pequeno trabalhador também está em *home office*. Foi assim que nosso espaço ganhou duas novas decorações: um cartaz da Mulher Maravilha escrito “Mamãe” e um do Hulk escrito “Caetano”, ambos pintados pelo meu promissor artista. Agora, trabalhamos lado a lado — enquanto ele pinta o número 3, eu lido com somas um tanto maiores.

A despeito das dificuldades impostas pela pandemia, sou muito grata ao teletrabalho. Tenho plena consciência do quanto essa condição me permite estar perto dos meus filhotes de um jeito que não seria possível se eu passasse horas por dia enfrentando trânsito e trabalhando presencialmente. Pude amamentar Caetano até mais de 2 anos e estava ao lado quando Igor deu seus primeiros passos. Eles sempre podem contar com um beijinho da mamãe para sarar o dodói e entre um processo e outro é possível abrir espaço para um chamego. Saúde emocional para a família toda: esse é, sem dúvidas, o maior ganho do teletrabalho. E seguimos assim, nessa loucura deliciosa, aqui no nosso *home sweet office*.

Talita Rodrigues Telles



Casa, escola e toga: infinito particular pandêmico

De cara, empolguei-me ao ler a metáfora “Quando o *home* vira *office*”. Genial. Mas escrever sobre ela trouxe um desafio. Qual o tom da narrativa? Supus que quem teve o *insight* da expressão “quando o *home* vira *office*” apropriou-se da esperança, do amor e do humor como bússola. Peguei carona nesse *feeling*, então, e alinhei minhas palavras numa versão “corona-poética” da vida atual.

Peço licença para me apresentar. Sempre fui um ser analógico. Até hoje, uso lápis de madeira. Não tenho uma relação muito boa com a tecnologia. E, em matéria de fazer audiência, sou convicto de que nada substitui o “olho no olho” e o “cara a cara”. O que mais me excita em ser juiz é perceber a atmosfera da audiência. A troca de olhares entre todos. Os silêncios que reverberam até milhas e milhas para além do fórum. A felicidade estampada em um sorriso após a celebração de um bom acordo. E a paz que emana depois de uma conversa franca entre as partes, quando elas colocam “tudo para fora” e saem dali leves, de alma lavada, mesmo que sem nada no bolso.

Eu sempre gostei de gente e de refletir sobre a psiquê do homem. De tentar entender as dores das pessoas, seus medos e o que move o conflito antes de ele ser precificado através do “valor da causa”. E uma boa audiência permite essa troca de humanidade, por mais austero e pesado que o clima possa ficar, às vezes.

Mas veio 2020, precisamente o mês de março. Sr. Corona apareceu no processo. Creio que o Código de Processo Civil catalogaria sua participação no capítulo da “intervenção de terceiros”. E que terceiro tinhamos. Fez fechar a justiça em todas as suas instâncias e esta teve de se reinventar da noite para o dia. A vara virou o Zoom e o tribunal o Google Meet.

Pois bem. Primeira audiência nessa dinâmica. Nem sabia como me vestir, para ser sincero. Se de terno completo ou bermuda, camisa

social e gravata. Afinal, eu estava em casa. Ou eram as partes, advogados e testemunhas que adentraram ao meu lar? Vai saber, né? Como diz a Física, “tudo depende do referencial”. Enfim... Optei pelo traje total. Tive medo de virar “meme” e viralizar na internet. Meus 15 minutos de fama — que nunca os tive — não queria desperdiçar como chacota na *web*.

Se é caminhando que se faz o caminho, este é repleto de pérolas. Eram latidos de cães e miados de gatos no meio dos depoimentos; era *Vale a pena ver de novo* passando ao fundo da câmera de quem estava sendo inquirido (confesso que sou noveleiro e me desconcentrava da instrução ao ver o drama de Camila, Helena e Edu, em *Laços de família*); era parte deitada na rede, o que me deixava com inveja — confesso — ora, eu também queria ficar assim à vontade em um ato processual; ou era aquele bom e velho “parei o carro” e vou resolver atender ao juiz, que insiste em querer me ouvir.

Apesar dos percalços, um novo mundo se abriu para mim e eu nunca estive tão perto do jurisdicionado, por mais paradoxal que pareça. Como atuo no interior de Goiás, conheci, através da tela do celular das partes — e sem nenhum pedido de licença ou cerimônia — suas casas, fazendas, ranchos, sítios e escritórios. Adentrei, como nunca, à zona rural de Rio Verde e região, levando a tão esperada tutela do Estado para aqueles que precisam. É indizivelmente belo ver a cidadania chegando de maneira tão rápida e eficaz sem que o trabalhador ou a empresa tivessem que pegar qualquer meio de transporte.

É certo que há males que vem para o bem. A frase clichê aqui cai como uma luva, um outro clichê. A adversidade nos fez pensar fora da caixa. E, mais uma vez, a nossa Especializada se mostrou vanguardista, comprometida e incansavelmente diligente em montar um quartel

general para que o ramo mais social do Judiciário não parasse. E ele não parou. Mais que isso, avançou. Nunca fez tanto sentido o *slogan* “Justiça, esse é o nosso trabalho”. Quanto orgulho em fazer parte dessa história! Quanto orgulho em pertencer a um tribunal trabalhista!

Mas a realidade do *home office* não é assim tão simples de ser gerenciada, caro leitor. A amálgama da vida profissional com a pessoal a que fomos impostos subitamente passa por um período de adaptação. Como muitos sabem, sou pai de trigêmeos. Não, não foram planejados! Não, não fizemos tratamento! Genética mesmo. Pois então, diletos, o *home*, além de *office*, também virou *school*. Tudo junto e misturado, ao mesmo tempo e agora.

A maioria de nós tem um cômodo na casa batizado de “escritório-zinho”. Eu também o tenho. Mas divido com minha esposa, servidora do TRT, e igualmente em *home office*, e outras com 3 criaturinhas de 6 anos que estão na alfabetização e precisam de um lugar para fazer dever de casa e assistir à aula. Exatamente! Aprendendo a ler e escrever no meio da pandemia! Como se já não bastassem as audiências virtuais, a gente teve que dar conta das aulas *online*. Surreal, eu diria. Por diversas vezes, era fazendo audiência no meu *notebook* e rolando, atrás de mim, 3 aulas *online* concomitantemente, pois, por questões didáticas e pedagógicas, eles não são da mesma turma. Até tentamos, mas não dava. Não se concentravam juntos. E segue o baile, né?!

Nas linhas anteriores, eu dei o *spoiler* da rotina aqui de casa há 12 meses. O que escrevi é só um *trailer* do nosso dia a dia. Porque se eu

vejo o que se passa na casa dos jurisdicionados, a recíproca é mais do que verdadeira. Por isso, aproveito para pedir desculpas às partes e advogados por toda interrupção em forma de “Papai, como escreve avião?”; “Papai, o Marcelo me bateu”; “Papai, o Miguel mexeu no *tablet* e eu não consigo mais ver a tia”; “Papai, preciso de um rolo de papel higiênico para a aula de artes”; “Papai, o Matheus não quer me emprestar a borracha”. Meu amigo, se você tem apenas um filho, ou mais de um, mas em idades diferentes, e reclama da aula *online*, repense sua opinião. Você é feliz e não sabe: #ficaadica.

“As abóboras vão se ajeitando com o andar da carruagem”. Li isso em algum livro e a frase sempre me vem à mente, dada a lucidez de seu conteúdo, lembrando-me de que devemos ter fé, paciência e resiliência. E, nessa toada, sempre atuais os versos de Aldir Blanc, mais uma triste vítima da Covid-19, que, em *O bêbado e a equilibrista*, disse que “a esperança equilibrista sabe que o *show* de todo artista tem que continuar...”. Sigamos, então, cultivando a crença em dias melhores, porque não há noite que dure para sempre.

E finalizo, assim, minha crônica-comédia-da-vida-real com a poesia de Chico, Alceu e Cazuzu, na certeza de que “Amanhã vai ser outro dia”. Sim, será, e “Eu já escuto os teus sinais”. Apesar de você, Coronavírus. Apesar de você, pandemia. Apesar de você, seja lá quem for, mas que atravanca a felicidade da vida. Porque “Estamos, meu bem, por um triz, pro dia nascer feliz”. E que assim seja!

Pedro Henrique Barreto Menezes

humanaidade

Cotidiano

Sonolento, estou deitado em minha cama quando ouço uma voz: “Papai, já é dia!”. Logo em seguida, outra: “Papai, vamos para a sala?”. São meus filhos, Miguel e Murilo.

Levanto. Os primeiros feixes de luz da manhã adentram pela casa e junto de meus filhos caminho até a sala de TV. Coloco em algum programa infantil e pergunto o que eles querem. Miguel junta as mãos e pede um “pão assim” (gesto nosso em referência a preparar o pão na misteira) e suco. Murilo pede uma bisnaguinha e suco.

Vou até a cozinha e no caminho passo pela sala onde há uma mesa na qual estão instalados meu computador e demais dispositivos para o trabalho. Quase que inconsciente, já ligo a máquina.

Enquanto preparo o lanche das crianças, fico de olho no PC observando a inicialização dos programas. Tudo pronto, volto para a sala de TV e entrego a elas o café da manhã. Retorno para a cozinha e novamente, ao passar pelo computador, faço os acessos necessários aos programas (PJe, Gabinete Virtual, Avaya, dentre outros) e, em seguida, vou passar o café e fazer meu desjejum. Ao terminar, me arrumo e sento na cadeira para iniciar o dia de trabalho.

Analiso processos, faço intimações, confecciono documentos, meninos passam correndo, brincam, advogado ligando pedindo informação, “Papai, quero um biscoito”, “Papai, quero água”, outro atendimento, mais intimações, pique-esconde, os filhos entram debaixo da mesa, novos documentos, converso com o chefe e colegas, “Vamos brincar lá fora na varanda?” — falam as crianças; chutam bola, brincam de carrinho, de corridas, telefone toca, passo mais informações, ofícios, intimações e certidões, “Papai, me empresta o celular?”, “Como está o Pou?”, “Não é hora, meus filhos, papai está no trabalhinho”. Almoço pronto! Enfim, um tempo.

Almoçados, os meninos descansam. Chega o meio da tarde, quase fim de expediente. “Papai, vamos brincar?”. “Daqui a um pouquinho, estou quase terminando”. “Posso te ajudar?”, é Miguel. “Também quero”, é Murilo. Risos, gargalhadas. “Papai, conta uma historinha”, vem Murilo, com um livro na mão. “Papai, fica pertinho de eu”, é Miguel na sala. Abraços, carinhos e beijos.

E nessa hora percebo que é o *Office* que vira *Home*.

Mário Silva Siviero

Quarta ou quinta?

Abro as janelas e, por um momento, observo o naco de céu quadriculado atrás das telas de proteção do 22º andar. Um horizonte luminoso se insinua em tons gradientes de laranja e vermelho. Sons indistintos ressoam de algum apartamento vizinho (alguma música do Djavan?). Prevejo mais um dia quase idêntico aos anteriores. Nessa sina coletiva, a humanidade trancafiada em espaços reduzidos, parece que também fomos capturados por uma armadilha do tempo. Igual o Bill Murray no Dia da Marmota do filme *Fetiço do Tempo*.

Afinal, hoje é quarta ou quinta? Faço menção de pegar o celular para me certificar quando lembro: é quarta! Dia da reunião agendada há uma semana no grupo de WhatsApp do trabalho. Em breve, o *link* para acesso ao Google Meet estará disponível. Me adianto para tomar o café recém-coado, enquanto o marido troca a fralda da neném. O pão dá um salto da torradeira. Passo manteiga e geleia na fatia, sorvendo uma dose de pingado. Na pressa, deixo rastros de leite com café no azulejo da cozinha.

Sinto uma conhecida pressão nos joelhos. É a neném, de fralda limpa, rosto amassado e corpo mole de quem ainda não acordou completamente. Se entrega para meu beijo de bom dia estalado na curva do pescoço. Curiosamente, o pequeno cangote ainda exala a sabonete de calêndula, apesar da fina camada de suor que meus dedos percorrem.

A reunião está prestes a se iniciar. Vou até o quarto improvisado como escritório após o início da pandemia. A bebê segue no meu encaixo. “Sinto muito, amor. Mamãe precisa trabalhar agora”. Fecho a porta com delicadeza, porém firme no meu propósito. O familiar sentimento de culpa materna cresce na mesma proporção dos gritos e do choro de protesto atrás da porta. Meu marido tenta acalmá-la e desviar sua atenção para a *Galinha Pintadinha*. No meio da tarde e à noite, trocamos os papéis: ele trabalha, eu olho a criança. Nessa atrapalhada coreografia cotidiana, sujeita a inúmeras interrupções e pedidos de

socorro às avós, nos movemos à margem do ideal, e dentro do nosso possível.

Minha soberba em acreditar que poderia forjar o futuro próximo — bastaria planejamento, ora essa — foi dobrada em mil pedacinhos e jogada no lixo. Isso a pandemia me ensinou: não temos o controle sobre nada. A nova conjuntura que chegou sem pedir licença, grita na cara: “Minha filha, se recomponha e agradeça pelo privilégio de trabalhar em casa, de ainda poder trabalhar!”. A partir daí, remodelei a rotina para abraçar as demandas do Tribunal, os encargos domésticos e os cuidados que uma criança de 2 anos incompletos exige. Urgente dizer, reajustar a vida ao cenário pós-Covid-19 só foi possível com uma equânime divisão das tarefas do lar.

Primeiro, ligo o *nobreak*, comprado para evitar raiva desnecessária na eventualidade de uma queda de energia quando analiso processos ou redijo documentos. A ventoinha do aparelho faz um barulho constante. Geralmente, abafo esse incômodo com a música da Rádio Web TRT Goiás que, de quebra, me isola dos ruídos da casa. Minha programação favorita – “Ritmo in Blues” e “A vez do Jazz” – imprime a frequência perfeita para manter o foco.

O computador está iniciando e percebo, no reflexo na tela, que ainda estou de pijamas. Confesso que isso nem seria problema para um dia normal de teletrabalho. É, eu sei, mesmo em *home office*, dizem que é da maior importância manter os hábitos de antigamente, inclusive, o de “se vestir para ir trabalhar”. Um ótimo e valioso conselho! Excelente para pessoas sem filhos pequenos fazendo a enésima birra na sala. Ou sem louças se multiplicando na pia e adjacências. Ou sem um varal coalhado de calças, máscaras, toalhas e roupas de cama clamando para serem recolhidas e passadas. Ou sem nódoas suspeitas nas paredes do corredor: massinha, restos de banana ou meleca de nariz?

Fato é que, diante da iminente reunião com todos os colegas da equipe, achei sensato me aprumar, mesmo na correria. Volto ao escritório de camisa branca e batom nude, ao invés do puído conjunto estampado de rosinhas e a cara lavada. O *link* do encontro já foi enviado para minha caixa de *e-mail*. Entro na sala virtual. Desta vez, sei que é preciso pressionar o dispositivo da câmera acoplada na parte de cima do *desktop* para ativar o vídeo. Na primeira videoconferência realizada na pandemia, eu não sabia, digamos, nem onde

se localizava a tal da câmera do computador. Naquela ocasião, participei apenas em voz, titubeios e um punhado de caracteres no *chat*.

Aceno um “Oi, pessoal” para as pessoas que aparecem na tela, materializadas por milhões de *pixels*. Me cumprimentam de volta. Algumas imagens travam ou ficam meio borradas, mas consigo distingui-las pelos nomes descritos abaixo de cada uma delas. Por alguns minutos, aguardamos mais dois colegas entrarem no ambiente virtual para que a reunião, de fato, comece. Enquanto isso, conversamos sobre amenidades, numa tentativa de resgatar as interações sociais tolhidas pelas muralhas de isolamento que nos circundam. Alguém graceja. Ouço a risada de uma das colegas, que reverbera com a mesma intensidade que contagiava os corredores do Tribunal. O sonoro riso solto, quase palpável de tão próximo, dispara uma profunda saudade dos relacionamentos de carne, osso e abraços que irradiam pulsão de vida.

Naturalmente, nossas aglomerações virtuais não têm o mesmo calor humano e a espontaneidade das presenciais. As conversas tocam a superfície. Refletem a quebra do convívio diário e os diálogos praticamente restritos a mensagens instantâneas e chamadas de

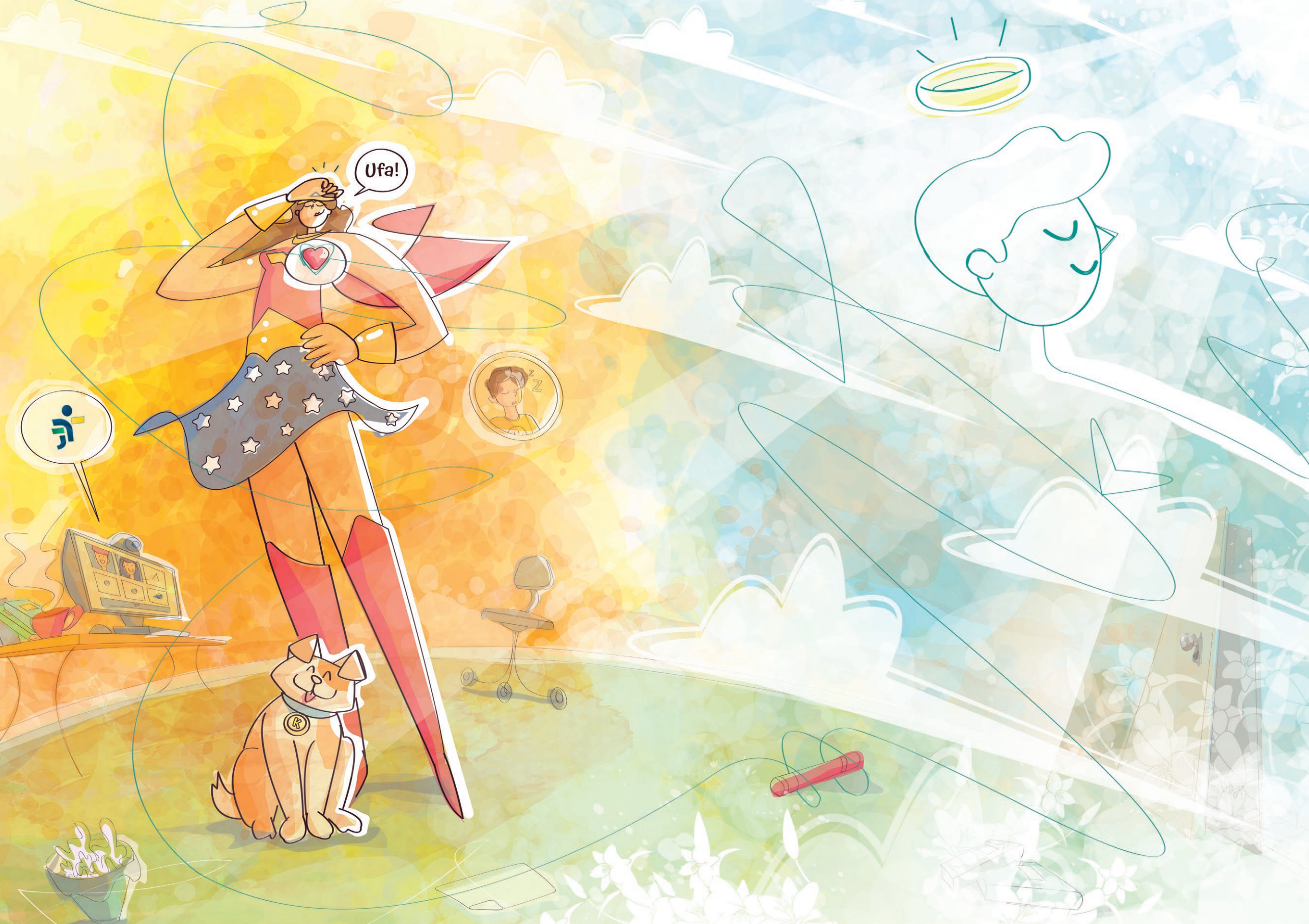
voz. Adentramos no assunto pautado. Após as discussões, trocamos um uníssono “Até breve” para, então, lidarmos com nossas respectivas caixas de processos e urgências.

Tão logo me vejo encarando a tela vazia, acesso a intranet e o sistema eletrônico para dar continuidade à análise de um processo sob minha responsabilidade. Volta e meia, os pensamentos se empilham numa torre de babel. Paguei a terceira parcela do IPTU? Incluir na lista de mercado: 2 frascos de álcool 70 e fita dupla face. Será que descongelei o feijão? Perguntar qual o PIX do *delivery* de hortifruti. Lembrar de regar as plantas espalhadas por todos os cantos, parte da minha estratégia de sobrevivência entre as paredes de um apartamento. Pesquisar no *site* de busca: meias antiderrapantes tamanho 22. Ar livre. Pé na areia. Banho de mar. Folhas ao vento. Aquela viagem.

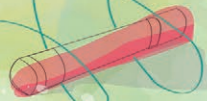
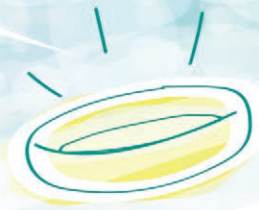
Um burburinho traz minha atenção de volta à realidade. Entreabro a porta e observo a cena sem conseguir segurar o riso: o marido girando a bebê no colo numa dancinha mam-bembe, ao som de *Nightshift*. Fecho a porta e retomo o foco. Trabalho a distância também tem suas vantagens.


Isadora Carvalho Vilela França

cuidados



Ufa!





A perda de amigos e familiares pesa e a impermanência da vida motiva nossa busca por soluções possíveis. O fio ainda se faz presente. Socorrer aqueles que amamos, focar em nossos sonhos, usar ternura na construção de relações verdadeiramente afetuosas – nunca compartilhar foi tão preciso...

A supermulher adaptável

A história que vocês vão ler agora é a história de uma mulher sonhadora que nasceu em Fortaleza, no Ceará: Eu!

Eu me considero uma pessoa muito adaptável, porque, ao longo da vida, fui me adaptando a muitas situações inusitadas. Adaptei-me a sonhar com um futuro diferente, mesmo estando inserida numa realidade de pobreza e falta de oportunidades; adaptei-me a querer ser formada por uma universidade pública federal, sendo que ninguém na minha família tinha sequer se formado; adaptei-me a querer ser servidora do judiciário federal, tendo sido estudante de escola pública a vida toda. E de uma coisa eu tenho certeza: se estou aqui contando a minha história hoje, é porque eu consegui, eu me adaptei a ser uma vencedora!

E por esse motivo, de agora em diante, neste texto, me intitularei como a “Supermulher Adaptável”! Como pano de fundo de toda essa adaptação, sempre existiu um super-herói da vida real, meu “Superpai”, e foi ele que, desde sempre, foi incutindo na minha cabeça que “estudar era a única saída para pessoas pobres como nós” e eu simplesmente acreditei, e quanto mais eu acreditava, mais os sonhos iam se tornando uma linda realidade.

Formei-me na Universidade Federal do Ceará, com o filhote ainda bebê, e levei minha família para comemorar comigo na festa de formatura. O “Superpai” estava lá, olhos marejados e sorriso bobó no rosto, melhor visão da vida! Aí achei pouco, decidi ser servidora da Justiça Federal do Ceará, e o primeiro lugar no concurso de Técnico Judiciário veio, e, com isso, *outdoors* espalhados com minha foto pela cidade de Fortaleza. O “Superpai” estava lá no dia da nomeação, e de novo tive aquela visão, olhos marejados e sorriso bobó. Que satisfação!

Começou a rotina de adaptação à nova realidade, fui morar no interior, o filhote com apenas 4 anos de idade foi junto comigo, era nós dois contra o mundo. Passamos por quatro cidades até conseguirmos voltar para Fortaleza, finalmente. Aí, eu achei que já estava na hora de sonhar novamente e o TRT da 18ª Região foi o sonho da vez: Analista Judiciário – Área Administrativa era o nome do sonho, que se tornou também uma doce realidade, com a graça de Deus. E o “Superpai”?

Ah! Como vocês já podem imaginar: olhos marejados e sorriso bobó. Ele não pôde me acompanhar nessa nomeação porque tive que mudar novamente, agora também de estado. Fomos novamente, somente eu e o filhote, para novas adaptações. Chegando a Goiânia, cidade do meu profundo agrado, resolvi sonhar mais um bocadinho e entrei na Universidade Federal de Goiás, para cursar direito. Mais uma vez, o “Superpai” ficou todo orgulhoso dessa nova conquista.

É aí que a vida vem e me prega uma peça. Quando eu estava me achando a “Supermulher Adaptável”, morando em Goiânia com meu filho, cursando direito, trabalhando no TRT, eis que surge um fato novo, a pandemia da Covid-19, terríveis momentos de incerteza e tensão. Mas tudo bem, lembram que me adapto a tudo? Foi aí que vi que tudo o que antes eu achava muito, tornou-se em nada, porque ainda tinha uma grande adaptação na vida que eu nunca quis fazer: adaptar-me a viver sem o “Superpai”, que foi levado pelo Coronavírus logo no início da pandemia. O mundo caiu, meu chão desabou e a única coisa que eu queria era ir pro céu junto com ele, continuar a sonhar de lá. Mas ainda não tinha chegado a minha hora; pelo contrário, ainda tinha minha mãe para cuidar, depois de um casamento de 50 anos com o “Superpai”, que acabou de forma abrupta, sem permitir ao menos uma despedida; ainda tinha meu marido que precisava muito de mim; ainda tinha o filhote; ainda tinha o resto da vida; e ainda tinha o *home office*.

O *home office*, antes tão querido por mim, pois iria me ajudar a voltar para casa, tornou-se “obrigatório”, e nem me deu um tempo para adaptação, pois com o falecimento do “Superpai” fui para Fortaleza urgentemente. Agora, eu estava numa casa que não era a minha, sem estrutura alguma, internet de péssima qualidade, e tendo que trabalhar. Lembro que o início foi trágico, todos achavam que eu estava à disposição e agiam como se o fato de eu estar sentada ali no meio da sala, em frente ao computador, fosse um mero detalhe.

Passsei um tempo bem triste, até que a “Supermulher Adaptável” voltou à ativa. Aluguei uma casa, organizei um cantinho para eu trabalhar e trouxe minha cachorrinha, a Kayla, de Goiânia para Fortaleza, para morar com a gente, e foi aí que o *home office* realmente ficou

interessante, porque a Kayla jura que é minha assistente, passa o tempo inteiro deitada nos meus pés e se eu levanto para tomar água, ir ao banheiro, ou para atender à campainha, ela chora para eu voltar pro *home office*. Às vezes, eu penso que ela é uma fiscal do TRT infiltrada na minha casa para me vigiar e me levar a atingir as metas do CNJ.

Todo o resto da história daqui para frente será baseado no fato de as pessoas da minha casa, e da Kayla, acharem que eu sou uma “Supermulher Adaptável Total”. Acrescentei o *total* ao meu título porque estou totalmente envolvida na trama criada por eles de que eu consigo ser mãe, mulher, filha, mãe de cachorra, estudante de direito e servidora do TRT, sem surtar, além de amiga, confidente, parceira de séries, filmes, animes e futebol, além ainda de passeadora oficial e diária da Kayla. Como vocês puderam ver, realmente houve a necessidade do acréscimo do *total* ao meu título.

Então, vamos aos fatos: pela manhã, eu acordo cedo, faço café e começo a árdua tarefa de acordar o filhote pras aulas remotas da escola. Ele agora já está com 14 anos, mas parece que quando se encontra com Morfeu, o deus do sono, se entrega de corpo, alma e espírito, dando início a um estado de hibernação, por vezes, só finalizado com um movimento mais brusco da minha mão no corpo dele. O que alguns chamariam de palmada, eu nomeio apenas como “estado de necessidade”.

Vencida essa etapa, todos alimentados, chega o momento de dar início ao meu *home office*. Ao perceber que estou partindo para meu escritório adaptado no quarto, a pequena Kayla (não tão pequena, porque na pandemia ela ganhou alguns quilinhos, coisa pouca, só uns 6) inicia uma corrida para chegar primeiro ao nosso destino. Parece até que ela tem um ponto para bater, pois o objetivo de vida dela é chegar antes de mim ao escritório. Algumas vezes, quando esqueço disso e ousar ir na frente, quase caio, quando ela corre em direção à linha de chegada (embaixo da minha mesa) como se fosse o Usain Bolt.

Ok! Chegamos as duas ao escritório, ela primeiro e eu logo atrás. Início o trabalho com muita satisfação porque simplesmente amo trabalhar no TRT, enquanto ela se entrega aos prazeres do sono, prostrada em cima dos meus pés, como forma de garantir que eu não vou me levantar sem ela perceber, ali ela ronca, rosna, faz tudo que der vontade nela, enquanto eu trabalho. Como vocês já sabem, se eu me levantar, rola uma ceninha, um choro falso, para me obrigar a voltar pro *home office*.

Por volta das 13 horas, as coisas começam a mudar, a atmosfera fica muito estranha porque as pessoas, que antes estavam nos seus afazeres, movidas pela fome e pela vontade de almoçar, iniciam uma peregrinação ao escritório. Elas entram, elas saem, elas abrem a porta e perguntam se está tudo bem, elas me olham com olhar do gatinho do *Shrek* e chamam a atenção de todas as formas para que eu lembre que está na hora de almoçar. Essa hora, a Kayla se junta a eles porque comida é o assunto preferido dela, comida é o nome dela, e *home office*, o sobrenome.

Após o almoço, volto para o *home office*, acompanhada da Kayla e deixando-a ir na frente. É lógico, para minha própria segurança, dou continuidade ao meu trabalho até às 16 horas, quando novamente tem início uma movimentação estranha das pessoas em busca do lanche da tarde.

Finalizo meu *home office* e chega o tão sonhado momento de me deitar, descansar, assistir a um filme, é isso? Claro que não! A “Supermulher Adaptável Total Versão 2021” ainda tem muitas aulas da faculdade para encarar, isso tudo acompanhada da Kayla, dos olhares dos outros moradores famintos da casa e da voz da professora chamando meu nome na chamada, bem na hora em que eu achei que dava tempo de ir tomar água!

E assim vou vivendo os prazeres e as agruras do *home office*, mas preciso admitir: o prazer de estar com minha família tem sempre o maior peso na balança do meu *home* que virou *office*!

Ana Cristina Rebouças Torres

vida

Minha casa no trabalho

De tudo que sei, *home* é onde o coração deve estar,
E nessa realidade o TRT faz parte do meu lar.

Eu sei que é *home* quando ouço a máquina de lavar que não para de funcionar,
Mas sei que é *office*, pois por detrás desse som no meu teclado não paro de digitar.

Eu sei que é *home* quando no meio da jornada me alegro com o beijo do marido, de bom dia,
Mas sei que é *office*, pois na sala vazia a conversa pelo Spark é minha companhia.

Eu sei que é *home* quando interrompo o trabalho para atender os correios,
Mas sei que é *office* quando um despacho não assinado aumenta os meus anseios.

Eu sei que é *home* quando sou interrompida por um grito: “Mamãe, mamãe cadê meu bico?”
Mas sei que é *office* quando minha internet para por atingir seu pico.

Eu sei que é *home* quando paro o trabalho para socorrer a criança no banheiro,
Mas sei que é *office*, pois os processos caem na pasta o dia inteiro.

Eu sei que é *home* quando a visita chega de forma inesperada,
Mas sei que é *office*, pois minha atenção nela não fica concentrada.

De tudo que sei, o *home office* é um desafio diário a enfrentar,
Mas mesmo quando a pandemia passar, com o processo eletrônico ele veio para ficar.

Gabriela Rabelo Bandeira

O cotidiano e o inusitado dentro de casa

Dois mil e vinte, um momento singular. Tudo novo, como se fosse outra era. A era da pandemia que trouxe de volta um passado já vivido, quando outras pestes assolaram parte do planeta e, ao mesmo tempo, trouxe o futuro, onde o *home* virou *office*, propiciado pela tecnologia. A respeito, surgem meus sentimentos sobre:

Os colegas de trabalho

Entre mim e eles, há agora, uma máquina. O riso, a ajuda, a conversa fiada (rsrsrs), até mesmo a implicação com a roupa ou com a mão fechada do colega, na hora de soltar a grana para o lanche... faz falta!

A sala de trabalho cheia, a correria para chegar ao trabalho, com receio de estar atrasado;

A possibilidade de ver o rosto, saber de suas expectativas, de suas reclamações;

A fome batendo e o colega que vem para combinar de almoçarmos juntos ou dividir a marmita, também faz falta!

A casa

Ah, a casa, nosso doce lar, aonde chegamos e deixamos de ser colega para ser o pai, a mãe, o filho, o neto, o esposo ou esposa...

A casa, tão familiar! O sofá, a TV, a cama, o fogão, a geladeira...

O banho restaurador, o lanche, o jantar...

Lugar onde evitávamos conversar sobre trabalho para podermos descansar.

A casa cujas paredes ouviam nossas preocupações com contas a pagar, nossas alegrias e angústias...

A casa que era apenas uma casa e virou um refúgio sagrado sob o mantra: “Fique em casa”. Mas era preciso ganhar o pão. E se não fosse a máquina, a tecnologia? Como seria, então?

A tecnologia

Uma mesa improvisada, o *notebook*, um segundo monitor, fios atrapalhando no corredor.

Os meninos da TI. Alô... me ajuda aqui, como eu faço para me conectar...?

Agora podemos conversar e, com o *hangout*, a distância não é mais problema. Marcaram uma reunião pelo Google Meet, o elo. Surge a oportunidade de ver e falar com os colegas, num quadradinho na tela do computador. Vergonha do desalinho, se arruma rapidinho, só do ombro para cima, cabelo arrumado, mas nos pés o chinelo, e um *short* desbotado (rsrsr)...

O improvisado

Nossa, agora não preciso mais sair, só ficar aqui no doce lar, e aí começa a confusão: computador é televisão... dá certo não.

Os parentes ficam felizes por você estar por perto, vão lá conversar bem na hora da reunião... e a gente gesticula e diz: não...

O filho com fome, querendo almoçar...

Onze da manhã, um olho na tela e outro na panela... Uma colega confessou que os filhos tanto brincam, como gritam e jogam coisas que acertam bem no alvo — a cabeça dela (rsrsrs).

Se concentrar em meio à confusão, eis o desafio, tem que ter um jeito de organizar esse turbilhão.

À noite é hora de pensar e descobrir formas de se organizar...

O professor Google dá um monte de sugestão. Peguei algumas, mas personalizei:

Arrumei um cantinho meio escondido, mas de frente para a cozinha que é para monitorar esse local preferido.

Para me lembrar da miscelânea, tem o Kanban ou outros métodos, com a divisão de tarefas: do lar e do trabalho. Sigo um cronograma lógico. A palavra de ordem é conciliar.

Aprendi a me concentrar na desconcentração. O pensamento vira uma gangorra: vai lá, no *home*, e vem cá, no *office*, tudo no mesmo lugar.

Uso o despertador com lembrete no celular para não esquecer as coisas do lar.

Coloco o grão de bico de molho e vou trabalhar. O despertador toca, vou lá pôr para cozinhar. Volto para a mesa de trabalho e mando mensagem no *hangout*: “Bom dia, colega!”. E quase sai a pergunta: “Você conseguiu fazer o grão de bico? Digo, o relatório?”. Kkkk

A criatividade

A rotina e o “não poder sair” cansam. Estava ficando triste... e agoniada.

Costumo dormir cedo e acordar cedo. De manhãzinha, vou rezar em um altazinho improvisado, depois medito com um método que eu mesma criei (e dá muito certo), em seguida tem a aulinha de *yoga* (lancei mão das aulas a distância). Coloco o tapetinho no cantinho do quarto. Pronto, já comecei o dia bem! Duas vezes por semana, saio para caminhar! Volto e preparo o café.

Antecipo o almoço, converso um pouco com a família e pronto!: hora do trabalho. Vou para meu cantinho, que arrumei do meu jeito, e bem pertinho do tapetinho de *yoga*. Se as costas doem, eu aproveito o tapetinho para me alongar. Checo o Kanban: com coisas a fazer / fazendo / feito. Tenho um *post-it* e uma caneta espalhada pela casa e sempre que me lembro de algo, escrevo e colo ali mesmo, onde estou. À tarde, junto tudo e colo no Kanban. Procuo esquecer da casa. Agora, a casa virou trabalho. Minha mente já se acostumou com o “dois em um”.

Foco no computador. Se bate a fadiga visual, é hora de aproveitar e fazer algo na casa. Dez minutos e arrumo, limpo e volto para a tela. Quase sempre vem uma ansiedade, mas procuro controlar.

Se cansei de tudo, então, coloco uma pisadinha (um tipo de forró) e danço ali mesmo para desestressar. Em casa pode, apesar dos olhares surpresos que expressam, tipo: “Ficou doida?”.

Volto ao trabalho e, se há coisas urgentes da casa para fazer, deixo o *office* e resolvo o que der no *home*. Volto ao trabalho novamente e, para compensar, trabalho por produtividade e fico por ali até terminar o que era preciso.

O aprendizado

Neste processo de trabalho em casa, aperfeiçoei algumas habilidades: gerenciar tarefas muito diversas, focar, filtrar os pensamentos, simplificar a casa para ficar mais fácil gerenciar, delegar tarefas (milha filha gerencia os pagamentos de contas), então, não atrasam mais.

A saudade

Se bate a saudade, me pego vendo as fotinhas de perfil dos colegas e das colegas de trabalho no WhatsApp. Aos domingos, converso com os mais íntimos por redes sociais.

Fazemos planos de nos encontrar. Participamos de alguma atividade por plataforma juntos. E agora temos planos de enviar, por Uber, um bolo feito com carinho ou um lanchinho por *ifood* à colega, com um recadinho especial. Um mimo que quer dizer: “Amiga, eu estou aqui, e nossa amizade e coleguismo continuam firmes...”.

A desvantagem

A princípio, me sobrecarreguei com tarefas de casa e do trabalho, e acho a comunicação com os colegas sem fluidez. Às vezes, bate a sensação de estar sozinha no trabalho.

As vantagens

Quando o *home* vira *office*, há várias possibilidades: escolher um lugar que tenha um motivo especial para estar e lá fazer o meu *office*; estar com as pessoas queridas como mãe, filhos, esposo, o que às vezes não é tão bom (rsrs); auxiliar na economia de gasolina, carro, roupas, maquiagem, perfume, almoço em restaurante (em casa, não tem nada disso); na sustentabilidade ambiental (tenho a sensação boa de não estar poluindo o meio ambiente com o escapamento do carro, nem tumultuando o trânsito, pois o carro está na garagem).

Também economizo tempo: em cinco minutos, já estou sentada à mesa de trabalho, antes eram trinta minutos me arrumando e quarenta minutos para chegar ao trabalho.

Em casa, tenho comidinha caseira, posso dar pausas curtas para dançar a pisadinha, alongar no tapetinho ou me deitar um segundinho no sofá. Tudo para aliviar a tensão. Mas o que me deixa mais feliz é tirar uns minutinhos para acompanhar a mamãe, muito idosa, e que não sabe bem o que é isso: o *home* que virou *office*, e que me chama para ver as flores no jardim.

Eliana Borba Rodrigues

Aproveitando o “intervalo da ovelhinha”, vou te contar...

De repente o *Home vira Office!* Não entendeu? Vou explicar:

A casa virou local de trabalho quando aquele cantinho que você escolheu pra colocar o computador e ficar navegando no Pinterest vira sala de audiência, secretaria da vara do trabalho, balcão de atendimento ao público. E de repente, sua casa sofre um *upgrade* no alcance geográfico, já que logo ali no quarto ao lado tem uma sala da UFG (Universidade Federal de Goiás) e no outro quarto uma sala do Colégio X.

A casa já está tão grande que tem uma sala de reuniões na qual comparecem até 80 pessoas!!!

Nos idos de março de 2020, achei que fosse só por uns três meses, aí deixei a onda me levar... O cabelo ficou para pintar depois; afinal, vou aproveitar esse tempo para ficar à vontade como sempre quis. Sem cobrança da vaidade, do salto alto, da maquiagem. A camisola e outras indumentárias de dormir se tornaram o *look* do dia todo. Fazer exercício?! Que nada!! Quando voltar ao normal, eu volto a pensar nisso.

E o tempo passou... Um mês, dois meses, três meses, quatro... e me olho no espelho e o cabelo está de três cores, e as roupas de sair já não saem do armário; tive a infeliz ideia de subir na balança (vários quilos adquiridos).

Então, percebi que se a casa virou local de trabalho, deveria ter todos os rituais diários também.

E novamente, me reinventei!

Me obriguei a sair da cama com o propósito de fazer uma caminhada, tomar uma chuveirada, vestir uma roupa que não seja de dormir. Fazer o lanche (sou a merendeira da escola) dos filhos e depois ir para a secretaria/quarto de estudo.

Aí no meio do expediente, levantar aqueles 5 minutos do café (lembra da ovelhinha no computador?), mas agora é um pouquinho diferente, porque não tem bate-papo, eu corro à lavanderia e coloco umas roupas para lavar. No próximo cafezinho, eu coloco o feijão para cozinhar. Na hora do almoço, eu faço a comida (com uma velocidade que nem eu sabia que sabia!). Depois do almoço, segue o baile, e o intervalo da ovelhinha é para colo-

car a roupa no varal e depois fazer o lanche da tarde. Eu nunca testei tantas receitas, nunca fiz tanto artesanato, nunca assisti a tantos filmes, nunca me senti tão longe da civilização...

Nos primeiros meses, eu trouxe minha mãe para cuidar (não sei se eu dela ou ela de mim). E me vendo nesse vai e vem constante, e atende telefone, e imprime, e vai à cozinha e volta... um dia, ela me disse: “Nossa, nesse trabalho remoto vocês trabalham mesmo, né!!! E eu que achava que era só pra cumprir tabela!!!! Tô ficando cansada só de te observar!!!”.

É! Essa é a opinião de muita gente sobre o trabalho remoto, acho que a palavra *remoto* leva a essa interpretação: trabalho distante, longe no tempo... Mas sabemos bem que esse remoto tem outro significado: trabalho que pode ser realizado em qualquer lugar.

E tem gente realizando na sala, no quarto, na varanda... a qualquer hora (tem gente trabalhando e postando mensagem a respeito do trabalho, às 3 da manhã...).

E eis que os prazos voltam a correr e os processos retomam a tramitação, meu coração então transbordou de esperança no retorno

à Secretária. Mas não foi só o coração que transbordou, minha pasta também. Aí achei que era hora de dividir as tarefas e determinei que sairia da sala/secretaria/quarto só para almoçar e que a porta ficaria fechada para eu ter mais concentração e produtividade.

Todo mundo achou justo.

Primeiro dia: a porta se abre: “Meu bem, quanto de feijão ponho pra cozinhar?”. (Respondi). Depois: “Meu bem, quanta água?”. (Respondi, afinal da próxima vez já saberá).

A porta se abre novamente: “Filhinha (se o nome está no diminutivo é pra pedir, se fosse o nome completo era pra dar bronca!), acha pra mim onde salvei aquela almofada do Pinterest, sumiu tuuudo!!!”. (Achei rapidinho).

Almoço pronto. Agora começou a guerra dos filhos para não lavar a louça. Interfiro ou deixo o pai resolver?... Continua... continua (Interferi)!

Segundo dia. Pensei hoje: “Não haverá ocorrências”. A porta se abre: “Meu bem, a carne tem que pôr pra degelar agora?”. (Respiro e respondo). Novamente: “Filha, posso

fazer um macarrão com sardinha?”. (Respiro, respondo, suspiro).

E assim foi a semana toda. Desisti de manter a porta fechada. Mas atirei no que vi e acertei no que não vi. Depois dessa semana, não sei por quê, meu marido resolveu que tinha que ir, pelo menos 3 vezes na semana, ao sítio pra combater as formigas que estavam atacando a plantação de mogno. Minha mãe resolveu que estava na hora de voltar para casa. Meus filhos chegaram a um acordo: cada um vai cuidar da louça, revezando semanalmente.

E eu voltei a cumprir os intervalos da ovelhinha no padrão-aproveitamento: já que está indo à cozinha, aproveita para colocar as verduras no molho, e aproveita, passa na lavanderia e leva a roupa suja, e aproveita ao passar pela sala, recolhe as xícaras do café...

Então tem horas que fico pensando: “Tenho a impressão de ser parte de um experimento de Darwin, quando ele queria provar que ‘só os mais fortes sobrevivem’”.

Vamos sobrevivendo.

A casa/local de trabalho/escola/local de lazer/local de oração nunca esteve tão cheia

sonho

de expectativas, sonhos, planos, superação, adaptação, gente diferente: professores, colegas, chefes...

E no meio do expediente, o telefone toca, mas aí quando atendemos, fazemos uma pausa de uns 5 segundos, que é pra ficha cair e você resolver se fala alô, ou... vara do trabalho.

E tem horas que não dá mesmo pra decidir; afinal, até o telefone ficou híbrido: ele é telefone, Voip, WhatsApp, WhatsApp Business, e até ambiente de reunião pelo Google Meet (ah, agora será Zoom).

Gente, quanta perturbação na mente!!!

A saúde mental é o grande desafio. Eu descobri que a frase “homem não chora” está errada, o certo é “mãe não chora”. Mãe não pode chorar, mãe não deve chorar, porque quando a mãe chora e desaba, a casa desanda. O dia não acaba, a rotina não anda. A coragem fica apagada nos olhos dos filhos e do marido. E até o cachorro fica triste.

Então, a mãe liga o rádio, canta junto e segue em frente.

Assim é quando a casa vira local de muito mais coisas, quando o *home* vira *office*!!!

Mirtes Maria Oliveira Castro

Adaptação e novos hábitos na pandemia

Tudo segue uma rotina. Acordar. Café da manhã. Arrumar. Pegar o carro, enfrentar o trânsito. No meu caso não, moro quase ao lado do TRT: qualidade de vida. Cumprimentos e acenos a todos que encontramos no caminho até a sala onde estamos lotados. Ligar o computador e iniciar o trabalho. Atender o telefone: “Em que posso ajudar, Sr. advogado? Shodö¹ não assina? PJe está lento?... Que bom, deu tudo certo”. Rotina. No automático, passaram-se dias, meses... anos. Impressão que tudo começou ontem, é assim com vocês?

E o dia termina. De volta para casa, não, melhor ir para academia... Ah, hoje estou indisposta, melhor deixar a academia para outro dia. Adiar já não faz diferença, faz 1 ano, 3 meses e 5 dias que não vou. As metas também estão no automático. Melhor esperar o começar de um novo ano! 2020 vem com a corda toda. Esse será o ano em que irei eliminar os quilinhos extras! (Quem não precisa eliminar 3 kg ou 5 kg?).

Dois mil e vinte: o nostálgico sentimento de “tudo novo de novo”, mas será? Começa tudo igual, só um pequeno detalhe: um vírus novo, lá na China, bem longe do Brasil, ainda bem! Janeiro, rotina. Fevereiro, rotina... Opa! Carnaval, viagem curta. O vírus um pouquinho mais perto. Quarentena quando chegar ao Brasil, quatorze dias! (Essa matemática ainda não entendi muito bem, quem souber me explique, por favor). A esse ponto, pouco se sabe, muito se especula.

Alerta da OMS: É *pandemia*!

Isolamento. Fiquem em casa (academia fechou, e agora?), trabalho remoto, Portaria, suspensão de prazos, cancelamento das audiências, como será para prosseguir? TRT parou? Teletrabalho nunca fiz, computador, *notebook*, baixar sistema, TI, atendimento aos usuários do PJe, abrir chamado...

Estamos no início de março.

Rotina? Não, tudo incerto! Acordo e aí? Tirar ou não o pijama? Ainda bem que temos o WhatsApp (Olá colegas, bom dia!... Boa tarde!... Conseguiram acessar o PJe?)

Readaptação.

Mas a tecnologia nos coloca *online* e continuamos a produzir, e eis que a estatística mostra que a produção aumentou, ficamos mais focados e toda hora olhamos no computador se tem alguma pendência.

— Que horas mesmo encerro o serviço quando estou em casa?

¹ Assinador digital que permite a assinatura de documentos no PJe.

Tento me adaptar sobre essa nova rotina e esses novos horários, não gosto de deixar pendências, vou só dar uma olhadinha: petição, minuta, intimação, publicação, só mais um, esse também, nossa, já são 23 horas (não vi a hora passar), melhor concluir o dia de trabalho, descansar e continuar pela manhã.

No outro dia, às 6 horas, já que acordei vou abrir o PJe e, logo penso, depois troco o pijama; logo mais às 17 horas, nossa, nem vi as horas, esqueci até de trocar o pijama, também, estou em casa e moro sozinha. A comodidade e o conforto vieram como uma novidade nesse trabalho remoto.

Mais adaptações: audiências de conciliação telepresencial, uma novidade! Como será? Agitação no CEJUSC²! Modelos, acessar o MEET, me questiono: “Será que advogados e partes irão conseguir acessar?”. Internet lenta, AUD3³ não abre, primeira audiência telepresencial:

— Sr.(a) Advogado(a), está me ouvindo?

— Vamos conciliar?

— Não me ouve? Um momento, por favor.

— Internet ruim? Escreve no *chat*, sim?

— Ah, que bom, agradeço por conciliarem! Quase 2h para esse acordo sair, fico pensando, ainda bem que as audiências telepresenciais serão por pouco tempo.

E a nova rotina, acorda, tira pijama (ou não); WhatsApp — bom dia a todos!; abre PJe, internet boa, ufa! Dia abençoado! Internet ruim... hoje é dia!

Seguem os atendimentos aos usuários do PJe:

— Alô, Sr.(a) Advogado(a), sim, em que posso ajudar? PJe está lento?

Qual assinador é utilizado?

— Excelente, tudo conectado, bom trabalho!

Marta Pereira de Matos

² Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania

³ Sistema para confecção de atas das audiências

O valoroso ofício particular

“Quer fazer algo para promover a paz mundial? Vá para casa e ame a sua família”.
Madre Teresa de Calcutá.

A experiência do teletrabalho começou como uma surpresa, acompanhada de muito alvoroço. De repente, todos nós precisávamos ir para casa, se tivéssemos a intenção de em algum momento voltar para o nosso local de trabalho.

Vivemos a correria de providenciar e/ou improvisar um cantinho no nosso ninho particular (no meu caso, entre a mesa de jantar e o sofá), correndo atrás de computador, mesa, cadeira e do empréstimo da segunda tela. Também fomos à caça selvagem pelos cabos e adaptadores necessários, nas lojas ainda abertas na ocasião.

Eu me lembro que deixei meu local de trabalho sem saber o que aconteceria. Tirei foto dos meus bilhetes com endereços de e-mails, telefones, senhas. Só não me lembro se peguei a minha blusa de frio...

As dificuldades, após um ano de teletrabalho, ainda persistem diariamente, talvez com menor impacto agora, pois já estamos mais fortes. As demandas do casamento, da

maternidade, da profissão, da casa e de tantos outros papéis se juntaram e não se separam mais. Acho que todos nós estamos graduados no curso de equilibristas.

Em casa, refizemos a rotina rapidamente, pois os processos não pararam e retratam pessoas, não números. Fizemos acontecer, ainda meio desalinados.

Novas deliberações: comeremos de marmitta, a faxina será aos sábados e trabalharemos, ainda mais, enquanto as crianças dormem.

E tivemos companhia de volumosos questionamentos e medos.

Como trabalhar com as crianças na sala? Não teremos escola, parquinho, abraço nos amigos e casa/aconchego dos avós. Que loucura para fazer alvarás e cálculos! O *home*, inclusive, virou *mommy office*!

E se eu morrer? E se o meu marido morrer? E os meus pais? Acho que todos ficamos um pouco loucos também, e isso até o porteiro do prédio já sabe. Afinal, quem não atendeu ao

interfone da casa, do mesmo jeito que atende ao telefone da Vara?

As angústias se aprofundaram com as notícias daqueles que se foram, em razão da doença que nos ladeia. Isso foi sentido de forma profunda ao saber que pereceram o advogado atuante, pais de servidores, servidores dedicados, familiares, e, também, quando, quase sem querer, paramos os olhos na certidão de óbito que vimos nos autos, da menina de 23 anos, que mesmo desconhecida, mexeu tanto com a gente... Todos nós, com certeza, derramamos lágrimas nos dias de trabalho em casa.

Superamos e ainda estamos superando cada desafio. A rádio TRT não toca aqui em casa, mas o advogado liga e ouve um pedacinho de gente cantar: “A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou”. Aqui não temos tempo para a ginástica laboral, mas existem pausas para amamentar, dar banhos e beijinhos que curam. Alguns dias são mais leves e em

outros dias apenas respiramos e fechamos os olhos, para agradecer a Deus pelo privilégio de ter ofício e exercê-lo em nosso lar.

O Tribunal Regional do Trabalho da 18ª Região sempre me trouxe um ambiente familiar, e as condições de trabalho me agradavam muito. Acontece que ser servidora em teletrabalho movimentou em mim outra percepção. Com o *home* que virou *office*, eu compreendi o “ser servidora” no sentido literal.

Eu resgatei que tudo começa no meu lar, que a primeira ação de auxiliar, dedicar, cuidar, ajudar, oferecer, ser útil e importar deve começar no seio familiar, com os meus, no íntimo e particular. É aqui que tudo tem valor inestimável e nos prepara para servir à sociedade, com amor, zelo, ternura e compaixão.

E, em meio a tudo isso, que ainda não acabou, é no lar que eu encontro forças e esperanças, de que tudo ficará bem, porque a paz começa aqui, no meu *home*, que virou *office*!

Nayara Nayane Rodrigues Piretti

tecnica

Relatos sobre a vida em tempos pandêmicos: adaptações e reflexões

O trabalho executado de maneira remota é uma tendência mundial. São os ares da modernidade. As distâncias físicas podem ser vencidas com um computador e uma boa internet — estamos todos conectados.

No Brasil, houve a inclusão dos artigos 75-A a 75-E à CLT, por meio da Lei nº 13.467/2017, o que apenas atestou a realidade fática: o famigerado teletrabalho veio para ficar!

Contudo, particularmente, nunca ambicionei o trabalho remoto. Por ser metódica e gostar de interagir com pessoas diversas, sempre prezei ir até o local de trabalho e lá executar as minhas atividades. Era como se minha vida fosse segmentada em vários compartimentos, um deles era o trabalho.

Ocorre que março de 2020 não perguntou quais eram minhas preferências — o tempo muda e às vezes de maneira feroz — me cabia adaptar à intempérie.

Preciso mencionar que eu vinha de uma onda de mudanças desde dezembro de 2019 — época em que o meu maior sonho profissional tornou-se realidade: a redistribuição do cargo para o TRT da 18ª Região.

Contudo, meu relacionamento com a Justiça do Trabalho era “amor antigo”. Fui estagiária em uma das varas do TRT. Após a conclusão do curso de Direito, estudei na biblioteca do Tribunal para concursos. Ah! Sonhava com o ingresso ao quadro de servidores do Tribunal. Imaginava, por exemplo, como seria meu crachá funcional, quais seriam minhas atribuições, como seria a vista do andar da minha lotação, enfim, eram muitas divagações.

Como dito antes, no final de 2019, minhas aspirações tornaram-se reais. Deu-se início a uma série de transformações na minha vida: mudança de órgão, mudança de domicílio, mudança de colegas, mudança de atividade e, no meio disso tudo: um misto de enorme alegria com frio na barriga.

Veio o recesso forense e o retorno das atividades em janeiro de 2020. Iniciou-se o treinamento para o novo trabalho e, para tanto, dispunha do suporte presencial dos colegas. Estava há poucas mesas de distância das pessoas que poderiam sanar minhas dúvidas.

No entanto, os ventos de março de 2020 alteraram completamente o cenário. O mundo tornou-se o caos. Parecia enredo de filme distópico.

Os noticiários tornaram-se a programação diária das emissoras brasileiras, era um bombardeio de notícias, nunca se ouviu tanto falar de *fake news*; todavia, era incontestável que o vírus, surgido na China, estava no Brasil também, trazendo consigo devastação.

Penso que não há nada mais difícil do que lidar com um inimigo desconhecido, silencioso e, por vezes, fatal. O pânico era um sentimento que simplesmente me inundou naquele momento, temia por mim, contudo, temia, principalmente, por meus pais — idosos. Eram do tal grupo de risco.

Nesse momento, sabiamente a direção do Tribunal decidiu que era o momento de trabalhar em nossas casas: aqui o *home* virou oficialmente *office*!

Apesar de ter consciência do enorme privilégio que era poder desempenhar meu ofício em casa, eu sabia dos desafios enormes que teria que enfrentar. Eu me questionava diuturnamente: “Como vou me adaptar ao isolamento, uma vez que moro sozinha, portanto, não terei contato com pessoas? Como permanecerei em casa 24 horas sem sequer ouvir minha voz? Como aprenderei as atribuições e os programas de cálculo que ainda não havia utilizado no trabalho? E, principalmente, como

tere saúde mental para me manter serena e resiliente quando está em risco a vida: minha e de quem me é mais precioso?”.

O fato é que eu não tinha essas respostas e, sendo honesta, algumas ainda não tenho; contudo, decidi que encarar a realidade, mesmo com medo, era o que me restava.

Fiz vários ajustes na minha rotina. Foi preciso me refazer. Nesse sentido, mudei de residência; afinal, trabalhar em casa com barulho diário de construção civil era insustentável para mim. Aqui, experienciei a preciosidade do silêncio. Notei que não precisava temê-lo.

Estabeleci uma rotina de trabalho com objetivos diários. Afinal, somente parte do *home* virou *office*. Era preciso haver a desconexão do labor e o cultivo do descanso.

Comprei plantas e aprendi a admirá-las. O surgimento de cada pequeno broto me enchia de alegria. Nessa singeleza, havia enorme contentamento.

Fiz serviços domésticos que não estava acostumada, por exemplo, cozinhar. O almoço apressado em algum restaurante lotado deu lugar à comida degustada com mais vagar e quão precioso me foi perceber que não é necessário ter tanta pressa. A boa alimentação exige calma.

Ademais, mesmo sendo nova no TRT de Goiás, vivenciei o apoio dos colegas de trabalho nas inúmeras orientações. Mesmo a distância, contei com o apoio da chefia quando explanei minhas dificuldades em aprender os novos sistemas, percebi que ter horários flexíveis de trabalho é desafiador, mas igualmente abençoador. Ora, quantas atividades não fazia por incompatibilidade de agenda, agora bastava me organizar. Não havia mais desculpas.

Não enfrentei mais o trânsito para ir e vir entre minha casa e o trabalho. Não usei mais roupas formais e, confesso, realizo diariamente o sonho de trabalhar de chinelos de dedo — no meu *office*, não há lugar para os saltos finos e sapatos apertados. No lugar da maquiagem, há uma máscara de 3 camadas no rosto — seguindo orientações da OMS — colocada quando preciso sair de casa.

Infelizmente, mesmo adotando os cuidados prescritos, fui contaminada com o vírus duas vezes, sendo na última vez, a pior. Senti grande parte dos sintomas do inimigo silencioso. Perdi o olfato, o paladar, sentia um cansaço inexplicável e muita dor de cabeça. Entretanto, não me afastei do trabalho. Manter a mente ocupada com os cálculos fez com que eu não alimentasse tantos pensamentos negativos. O fato é que, depois de algumas semanas, eu estava recuperada, apesar de a dor de cabeça ter me feito visita por vários meses.

No entanto, a despeito de ter tido sorte com minha recuperação, perdi várias pessoas preciosas para o vírus. Vivenciar o luto tem sido minha lição mais árdua. Cito aqui o falecimento do meu colega de trabalho Elifaz — no dia do meu aniversário desse ano; coincidentemente, mesmo dia do aniversário dos filhos dele. Seu Elifaz, como eu o chamava, foi sempre gentil, educado e prestativo. Foi um dos primeiros a me receber em Goiânia. Nunca me esquecerei dele, de sua alegria, de sua generosidade, de sua voz.

Penso que a morte, apesar de extremamente dolorosa, não tem o poder de nos separar em definitivo de nosso ente querido; afinal, ele ainda vive em cada lembrança. Porém, lidar com a “ausência de futuro” é extremamente doloroso e cada um deve ter o tempo e o processo próprios da elaboração do luto.

Enfim, a pandemia me fez perceber minha fragilidade, minha pequenez e a total falta de controle que tenho sobre o curso da vida. De fato, a única certeza de que disponho é: tudo é impermanente!

Espero que, após o fim de todo esse pesadelo, quando a Covid-19 virar só página nos livros de História, eu possa olhar para trás e perceber o quanto amadureci e me agigantei, apesar de carregar cicatrizes no corpo.

E, quem sabe, nesse momento, para quem desejar, o *home* volte a ser só *home* e o *office*, somente *office*.

Suellen Ferreira Santana

Quando a casa virou escritório

Quando o *home* virou *office* para grande parte do mundo, eu já estava em *home office* havia algum tempo. Por isso, minhas lembranças acerca do que aconteceu no período de adaptação a essa nova realidade não se limitam a um ano, mas avançam um pouquinho mais.

Quando o *home* virou *office* para mim, vi coisas que não queria ver, mas que precisavam ser vistas. Vi defeitos na rotina que iam além de brinquedos espalhados. Além dos problemas em casa, minha vida social também foi sacudida. Conversas entre colegas e confraternizações se tornaram escassas em minha vida. Claro que não foi culpa dos meus amigos. Eu que não sabia (ainda) como me adaptar a essa nova vida, pois não conseguia separar adequadamente o tempo de trabalho e o de lazer, e acabava por me isolar dos meus próprios amigos, prejudicando minha saúde mental.

Contudo, com o passar do tempo e a ajuda necessária, tive a oportunidade de ver muita coisa boa acontecer! Vi minhas filhas crescerem, meu enteado construir sua família, minha formação profissional evoluir (da graduação até a pós-graduação) e meu esposo, que também é meu melhor amigo, passar por tudo isso ao meu lado. Aprendi a ser professora, psicóloga, juíza e exímia boleira de um tipo de bolo só, o qual sempre faz sucesso: o “bolo de aniversário da mamãe” (Você não achou que eu iria contar a receita assim tão fácil, né?).

Trabalhar em casa não é moleza, isso não posso negar. Ainda hoje preciso relembrar a família que para tudo há uma ocasião certa, como o tempo de falar e o tempo de esperar que eu termine meu raciocínio, ou o tempo de trancar a porta e o tempo em que consigo deixá-la aberta para livre acesso. Mas são as pequenas alegrias do dia a dia, sem esquecer da cooperação sincera entre os meus colegas de trabalho, que me dão forças para continuar avançando. É isso, de fato, que suaviza essa situação caótica em que o mundo está inserido atualmente.

Por isso, quando o *home* virou *office* para meus colegas de trabalho há um ano, tentei (e venho tentando) colocar-me sempre à disposição deles, como alguém que já esteve andando por esse caminho há mais tempo. Apesar de ter consciência de que estou longe de trilhá-lo por completo, pois ainda há muito a aprender, tenho a expectativa de ser útil para tornar a jornada de todos o mais suave possível.

Eliza Fantin de Magalhães Silva

Resiliência compartilhada

Tudo se inicia com um misto de gratidão e euforia, visto que fazemos parte de uma parcela privilegiada da população que tem condições de acompanhar de perto o crescimento dos filhos, sua educação e a rotina diária da casa. Como fiquei honrada e orgulhosa de poder desempenhar o meu papel profissional sem prejuízo das minhas demais tarefas pessoais!! Ainda não há como descrever a felicidade que é conseguir de fato cumprir a quarentena, podendo me isolar com meus familiares e, ao mesmo tempo, prosseguir com meu trabalho. Passam-se dias, meses e ufa, um ano, quem diria!! Não se consegue distinguir o que é trabalho do que é trabalho. Ops!!! Será que confundi as palavras?? Receio que não. A rotina eis que toma conta e a sensação é de que fomos inteiramente envolvidos apenas por trabalho. É trabalho de todo lado!! Trabalho doméstico, trabalho remoto, ensino escolar, trabalho de mãe, *trabalho*.

Brincadeiras à parte, somos de fato uma parcela privilegiada da população. Contudo, os acontecimentos vivenciados nesse período são históricos e vale a pena rememormos e compartilharmos. Confesso que tenho facilidade em estar em trabalho remoto, meu perfil mais introspectivo me permitiu uma adaptação célere ao cenário. No entanto, não contava com a função de professora e ainda ouvinde de meus filhos. Essas crianças, com a obrigação de se manterem em casa, criaram uma necessidade de comunicação tremenda!! Era “manhê” a cada sentada no computador!! Era como se não entendessem ou não ouvissem a minha retórica fala: “Mamãe está trabalhando!”. Mas dizem que temos uma quantidade diária de palavras

a dizer e eles, com a privação do convívio com amigos, despejavam tudo em mim. Daí logo, pensava: “Coitados! Tenho que ter paciência; afinal, esse isolamento é difícil para todo mundo!”. E assim seguimos...

Treino de respiração, *yoga*, meditação, enfim, qualquer nova medida para tolerar as adversidades era bem-vinda. Ah! Tarefa ensinada, de volta ao trabalho!!! Nossa, como tempo voou! Já é hora de almoçar e arrumar as crianças para a escola. Mas... que escola??? Nessa hora vem o pânico da aula *online*, só de pensar naquelas crianças todas falando ao mesmo tempo. Será que vou achar uma brecha para trabalhar pelo menos um pouco à tarde? E seguimos. A resiliência é uma arte a ser trabalhada a todo instante, então façamos o que tem que ser feito. Entre intervalos de aulas tumultuadas, consigo fazer 1 e, com sorte, 2 processos. O dia já se finda e a jornada permanece, é hora de organizar a casa e, de fato, trabalhar. Afinal, é com o silêncio noturno que o trabalho flui.

Assim é a realidade de diversas pessoas nesse período caótico, que confunde gratidão com confusão, resiliência com penitência, felicidade com saudade. Saudade de uma vida, uma vida em que se pode viver como a essência da palavra sugere, com livre arbítrio e esperança no futuro. Esperança, esse sim é o sentimento que nos deve acompanhar! Que seja permanente a nossa fé em um futuro melhor. E, enquanto isso, nesse misto de sentimentos, que nos esforçemos para exercitar a perseverança e valorizar todas as coisas boas que a vida nos oferece.

Nara Alves da Silva Medeiros Queiroz

Somos essenciais! Não somos quadrados! Então, se vire...

De fato, nosso lar virou nosso local de trabalho!

“Pois é”, agora não precisamos mais sair de casa para trabalhar. Não precisamos nos vestir, nos maquiar (nós mulheres), arrumar o cabelo, “gastar” roupas e sapatos, bem como combustível na locomoção itinerária. Mal precisamos “levantar”. É sair da cama, tomar um café, sentar à frente do computador, de pijamas mesmo, e muitas vezes descabelada, e iniciar a produção diária.

Se, por um lado, há o fato de estar em casa 24h “disponível”, com liberdade de horários, podendo atender às necessidades e exigências que toda Mulher, Mãe e Dona de Casa tem, por outro lado, fica transparecida para todos a figura da Mulher Profissional, que precisa focar toda sua atenção na produção laborativa, tendo que se tornar surda, muda, e até cega, para tudo o que acontece à nossa volta, dentro de casa. Ou melhor, dentro do nosso *home office*. Não temos “pra onde correr”, nem “voltar pra casa” para nosso merecido descanso.

As Mamães que o digam, trabalhar com os filhos em casa, chamando a sua atenção a todo momento, desacostumados com o fato de ter a Mãe em casa o dia todo, não é nada fácil. Além do trabalho profissional como uma servidora pública federal orgulhosa e dedicada, temos, ainda, muito trabalho em casa. Aliás, no nosso *home office*.

Home, sweet home! Ou melhor, *Home, sweet home office!* Sim, doce lar... Doce *home office!*

Pasmem, o fato de poder se dedicar um pouco mais aos filhos, ao esposo, a casa, e poder trabalhar à noite, ou de madrugada, depois que os filhos adormecem, “perdendo” aí horas de sono e descanso, é animador e revigorante quando colocamos na balança o benefício de estarmos juntos de quem mais amamos, diariamente. A presença materna e o convívio familiar valem mais que qualquer descanso. Aliás, para isso temos os benditos e gloriosos finais de semana. Tudo bem que é nos finais de semana que “aproveitamos” para fazer cursos de qualificação profissional, textos para participação de concursos e estudos extras, além de se manter Mãe e Dona de casa, claro!

Inusitado, quando um dos filhos acorda com febre no meio de uma noite de sono (in)completo “daquele” sábado. Ops! Alguém falou febre? Em meio a uma Pandemia como a que estamos vivenciando, febre é “sentença de isolamento” ainda mais rigoroso. Se um espirro inofensivo causa caretas e olhares espantados, o que diriam de uma febre com coriza e congestionamento? Mal podemos sair para um médico! A ideia é ir ao hospital somente em caso de falta de ar ou oxigenação sanguínea baixa. Nada que uma ligação telefônica a um pediatra ou uma “invermec-tina” não resolva, né!?!

Quantos e quantos mirréis já torramos com exames, testes rápidos ou meros “desencargos de consciência”, como queiram chamar? Quantas saudades daqueles que se foram com esse vírus. Quanta incredulidade. Não pudemos nos despedir, o que nos torna ainda mais incrédulos.

E assim seguimos, sonhando com nosso paraíso, nossa aposentadoria, com muita saúde, claro! Mesmo sabendo que ela não será, assim, tão desejada, quando, de fato, ela se aproximar.

Gente, já aconteceu com algum de vocês de estar numa boa, na sua estação de trabalho no Tribunal, e vir “aquela” cólica que causa sudorese? De você ter que levantar correndo entre meio os colegas de trabalho para o banheiro mais próximo? Fico só imaginando isso acontecendo com um assistente de audiências ou com o próprio juiz, no meio de uma audiência de instrução. Então, no nosso confortável *home office* isso não é mais um problema, principalmente para quem acaba de descobrir que é intolerante à lactose.

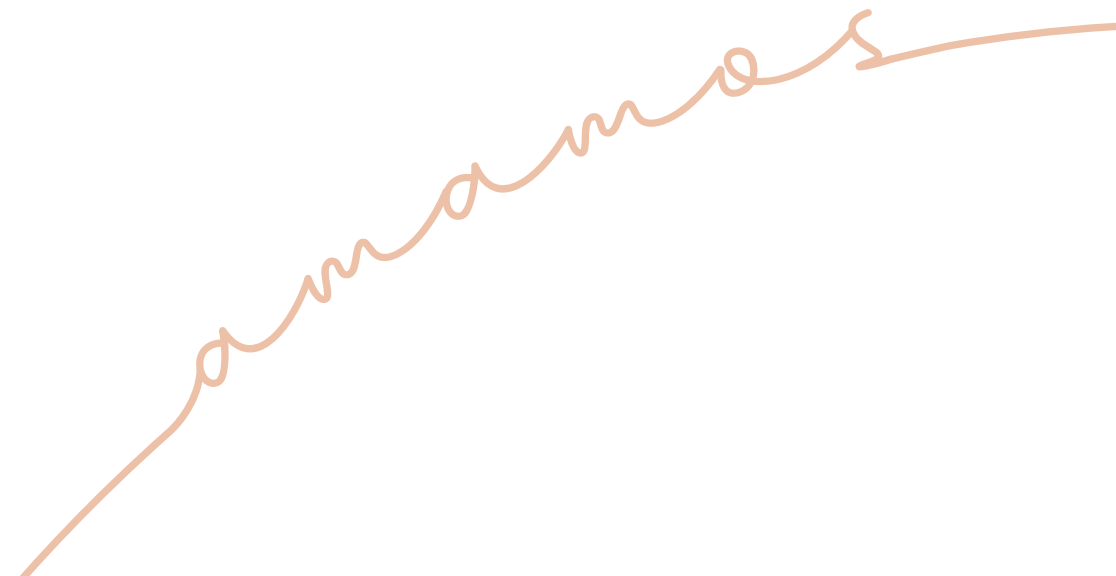
E quando alguém lhe pergunta: “Você trabalha com o quê?”. Você, orgulhosamente, responde que é servidora pública federal do Tribunal do Trabalho, e lá vem aquela outra pergunta: “Mas o que você faz?”. Você explica tim-tim por tim-tim, para dificultar o entendimento mesmo, e a pessoa tira aquelas conclusões mais cabulosas, expressamente expressadas, até você desistir.

Estamos superando, estamos aprendendo, estamos conseguindo enxergar o lado bom de tudo isso. A vida *online* já estava nos sugando aos poucos. Agora ela só se concretizou com veemência. Ainda bem que a Pandemia é posterior ao PJe.

Quem não via com bons olhos o teletrabalho, agora ficou sem alternativa. É ele que está movimentando a máquina judiciária há mais de 1 ano. Frise-se, essa máquina que nunca parou! Com algumas poucas suspensões de prazos processuais, conseguimos manter tudo em ordem.

E não tem outro jeito, a vida é assim: curta, passageira, trem-bala, parceiro! Se não conseguirmos extrair o melhor de cada situação vivenciada neste pequeno livro (O livro da vida) estaremos, literalmente, vivendo em estado vegetativo. Nem é bom pensar quantas pessoas estão assim, hoje, num leito de UTI. Então, aproveitemos! Aproveitemos o melhor dessa oportunidade que Deus nos deu e tem-nos dado a cada amanhecer! Sejamos gratos! Vivamos!

Lorena Anjos Meireles Sebba



A rotina perdida

Eram dias comuns, em que acordávamos cedo, levávamos as crianças à escola, resolvíamos pendências domésticas e íamos trabalhar.

Dias de reclamar da rotina, como de praxe, mas também de refletir sobre a importância da gratidão por ela (pensamentos antagônicos, que sempre se debatiam “sobrevendo a caixa”).

Enquanto isso, notícias sobre a disseminação, em certos lugares do mundo, de um tal Coronavírus, cientificamente desconhecido e, portanto, altamente ameaçador, se espalhavam rapidamente na imprensa.

— Que situação! — suspirávamos nas rodas, ao mesmo tempo em que agíamos como se tudo estivesse longe o bastante.

Assim, os dias se passaram, até que, de súbito, soubemos que estávamos vivendo uma pandemia!

Daí por diante, não foram mais dias comuns, mas tempos de perplexidade, medo e reclusão.

O isolamento social trouxe consigo a necessidade da busca por alternativas capazes de garantir, mesmo que precariamente, a continuidade das mais diversas atividades cotidianas.

Em casa, nosso mundo “girou” mais rápido do que o normal!

Um pouco tonta, comecei a organizar as “coisas”; afinal, em breve, tudo passaria!

Com apenas um *notebook* “*at home*”, tivemos que agir rápido, já que começava o *home schooling*, além do duplo *home office*!

De repente, me vi usando uma televisão velha como “segunda tela” e dividindo o tal *notebook* com 2 menininhos cheios de energia e com o marido, que logo se “virou” com equipamentos do Tribunal.

Sufocados por aulas *online* (que quase me levaram a uma segunda alfabetização), cadernos, livros, folhas para impressão (sem que ao menos tivéssemos impressora para tal), assim começamos a “viver um dia de cada vez”.

Corre pra cá, corre pra lá!

Entre despachos, ligações desviadas do ramal, lápis, borracha, louças para lavar, pecinhas *Lego* e *videogames*, mergulhava no grau mais elevado das multitarefas femininas. Sim! Isso é possível!

Com o caos instalado e “habitando” o lar, constatei que a fome humana não tem fim em situações de confinamento, principalmente a dos “pequenos seres”!

busca

As vozes não se calavam, eram incansáveis e até em sonhos ecoavam:

— Mãe! Quero suco!

— Mãe! Estou com fome!

— Mãeê!!!!

E ali surgia mais uma faceta da maternidade: a mãe *iFood*!

Nesse ritmo, sem qualquer monotonia, meu *home* virou *office*, virou *school*, virou *playground*, virou serviço de *delivery* e, principalmente, um grande refúgio.

Imprensados, sacudidos, espremidos, resolvemos nos mudar! O espaço, antes adequado, já não o era tanto assim!

Naquele momento, sentimos que queríamos mais do que um abrigo, precisávamos respirar novos ares, ares que nos proporcionassem vislumbrar boas expectativas e renovar sonhos, há muito sufocados.

É incrível como somos capazes de sair da zona de conforto, quando a realidade nos move sem avisar!

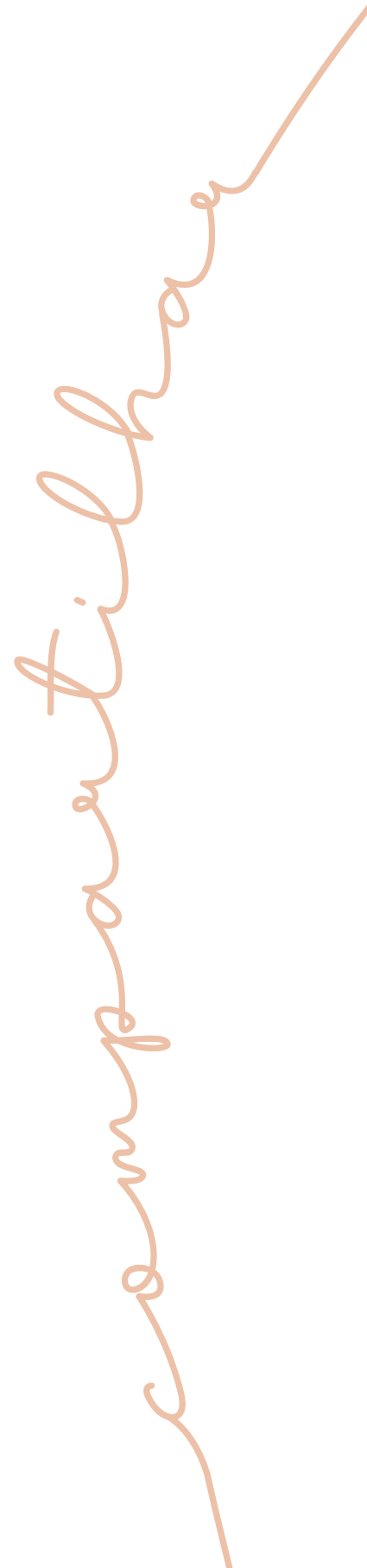
A decisão nos permitiu adaptações importantes: um escritório para chamarmos de nosso e uma boa escrivaninha no quarto das crianças; afinal, “a necessidade faz o sapo pular”, como dizia uma velha expressão.

Então, pulamos! E continuamos pulando e driblando os desafios de um tempo tão difícil, com paciência e muita fé!

E o que diremos do futuro? A concepção do termo parece ter mudado tanto... Ele já não é algo vago e distante, mas tão somente o dia seguinte!

Hoje, portanto, se me perguntarem o que desejo para ele, tropeçando em brinquedos, apostilas e giz de cor, a resposta será uma só: aquela velha e boa rotina, em que cada coisa tinha o seu lugar, em que nossas casas eram somente casas, aniversários não eram “só um bolinho” e amigos se abraçavam, sem medo e sem máscaras!

Cejana Nogueira Ferreira Magalhães



Vida comprimida

Comecei minha reflexão sobre o que mudou com a quarentena, mas ficou mais fácil pensar sobre o que não mudou! O dia por aqui era cronometrado. Aulas dos gêmeos Lala e Léo e da caçula Lili, vôlei, inglês, redação, natação, desenho... Os maiores passavam o dia com os amigos nas atividades, a pequena já almoçava e saía de banho tomado da escola. Tínhamos uma faxineira. Não ficávamos em casa nos finais de semana. Além da casa dos avós, fazíamos tudo para que as crianças fizessem atividades diferentes, piqueniques, passeios de bicicleta, patins, biblioteca, teatro, orquestra, clube. A vida era tão corrida e diversificada que, apesar da rotina, nunca caía na rotina!

Mas, subitamente, o mundo virou de pernas pro ar. Medo, insegurança e a vida reduzida ao que cabe dentro de casa, ao que cabe dentro das telas. O *home* não só virou *office*, como *school*, *gym*, *vacation club* (sem *club*), virou *everything*.

Com o trabalho parecia simples, tantos fazem teletrabalho e há tanto tempo! Já nem mexemos nas pastas funcionais que me davam mini-infartos quando não as achava, geralmente culpa da ordem alfabética em meio à correria. Eu já havia pensado tantas vezes no teletrabalho, no meio da pressa que não dava espaço para imprevistos, que tornava pequenos problemas grandes transtornos, e principalmente após minha última filha, última bebê! Queria aproveitar e compartilhar cada segundo, então seria ótimo!

Porém, o problema não foi só a adaptação ao teletrabalho, mas ao telemundo e à perda do que nele não se encaixa. O mais drástico foi a falta da rede de apoio, da tal da aldeia necessária para criar uma criança. Eu já sofria com o trabalho em escala sem escala do marido, horários doidos, sem dia certo, muitas viagens. Mas tínhamos todo o resto que agora nos foi tirado e todos sentimos!

A escola nunca fez tanta falta! Os gêmeos perderam as atividades que amavam, as companhias diárias, se rebelaram com a festa do pijama de que foram proibidos de participar, mas acompanharam em tempo real, via Instagram. Ganharam dificuldades, de atenção, foco, interação, de resolução, som, conexão. A única vantagem nessa história, para mim, foi ter gêmeos! *Um* só quarto, *uma* só escrivaninha, *um* só computador ligado na mesma aula, no mesmo horário. Matei 3 coelhos numa barrigada só!

Porém, para a caçula não teve jeito! Não aceitou as aulas *online* por nada nesse mundo, e eu nem insisti muito. Já saquei com o pedido para arranjar, para o dia seguinte, com tudo fechado, uma pena colorida, areia e outros para *eu* fazer uma peteca! No meu horário de trabalho! Mudamos o horário, os irmãos tentaram acompanhá-la, mas aí que ela não aceitou mesmo. Entendi que seríamos eu, eu mesma e ela.

Perdemos também o contato, como a Lili chama, com a vovó com Pedro e a sem Pedro,

um priminho que ela ama. Perdemos o carinho e o apoio, ganhamos muita preocupação! Entramos de vez na fase em que somos meio pais dos nossos pais e tomamos conta entre baforadas teimosas. Acrescentamos desmentir quatrocentas *fake news* diárias e a vontade de trancafiar os idosos com comorbidades que insistem em sair para bater perna, no *shopping*, em Campinas e se deixar na 44! E quando achamos que convencemos, compartilham mensagens que fazem a alma sair do corpo!

O marido continuou trabalhando presencialmente, motivo de mais preocupação! Foram vários contatos com infectados até a Covid comprovada no dia 24 de dezembro! O Natal e o Ano Novo separados dentro da mesma casa! Sem brinde, abraço, nem nada... Mas graças a Deus com recuperação rápida! E agora finalmente vacinado!

Voltando ao início, eu acordava 5h30 da manhã e iniciava o trabalho de pijama, fazendo o máximo antes de a baixinha acordar, para continuar após o almoço, forçando um cochilinho nos meus braços, girando a cadeira de rodinha, no escurinho, enquanto lia (as fisios que não me leiam). Mas logo o soninho da tarde foi demorando mais para chegar, até acabar. Foi quando tive a brilhante ideia de passear de carro! No início funcionou bem, não chegava nem até a esquina e rendia um cochilo de até duas horas, ótimo custo/benefício. Mas aos poucos as voltas foram ficando muito grandes e, quando descíamos, ela já

acordava e com a pilha renovada! Essa estratégia também já era...

Com mais tempo trabalhando com minha assistente mirim, vieram as presepadadas. A primeira foi eu cometer o pecado de ir ao banheiro sozinha! Foi só um número 1 e na volta ela estava no mesmo lugar, mas a cara... denunciava que era cilada e logo descobri meu *notebook* apagado, afogado de Yakult. Depois foi tinta guache nas cortinas, controles nas privadas, *Pancake — parte 1: A menina da cara azul*, com a maquiagem de *halloween* de noiva cadáver da irmã; *Pancake — parte 2, A carvoeirinha*, quando pegou a maquiagem preta, porque os irmãos não esconderam como eu pedi da primeira vez!

E as reuniões, ah, as reuniões! Eu me sinto bem carente por desejá-las tanto. Apesar de comprovado que sobrecarregam o cérebro, também é o momento de maior interação com os colegas, dos quais sinto tanta falta! Quero ver seus cantinhos, bagunças, filhos, gato/cachorro/papagaio/periquito, as expressões faciais e corporais. E além de tudo, adoro ter respostas em tempo real, pois nem sempre é doce a espera!

Porém, rezo 3 terços para acontecerem à tarde e evitar a participação infantil, peripécias e necessários malabarismos. Pela manhã, às vezes inicio a reunião no celular, em outro cômodo. Já preparo o combo bandeja de perninhas, pratinho de frutas, leiteinho e *tablet*. Às vezes, até um pirulito no dia do doce, que é

sexta, ou uma exceção, dependendo do tempo de reunião e do desespero.

Na exposição ao vivo que acontecem os momentos mais tragicômicos, como: falas motivacionais intensas com os filhos, quando jurava que o microfone estava desligado; colega avisando que minha filha estava escalando os móveis, vendo pelo reflexo do espelho; criança plantando bananeira no berço atrás de mim, pondo os pés bem ao lado do meu rosto e meu raciocínio indo para a cucuia; marido pagando cuequinha... não rolou, ficou esperto após pagar na aula dos gêmeos; pedido para fazer xixi; pedido para fazer cocô, seguido da retirada da roupa no meio do quarto e do clássico “Vem me limpaar” bem na reunião em que eu realizava uma apresentação!

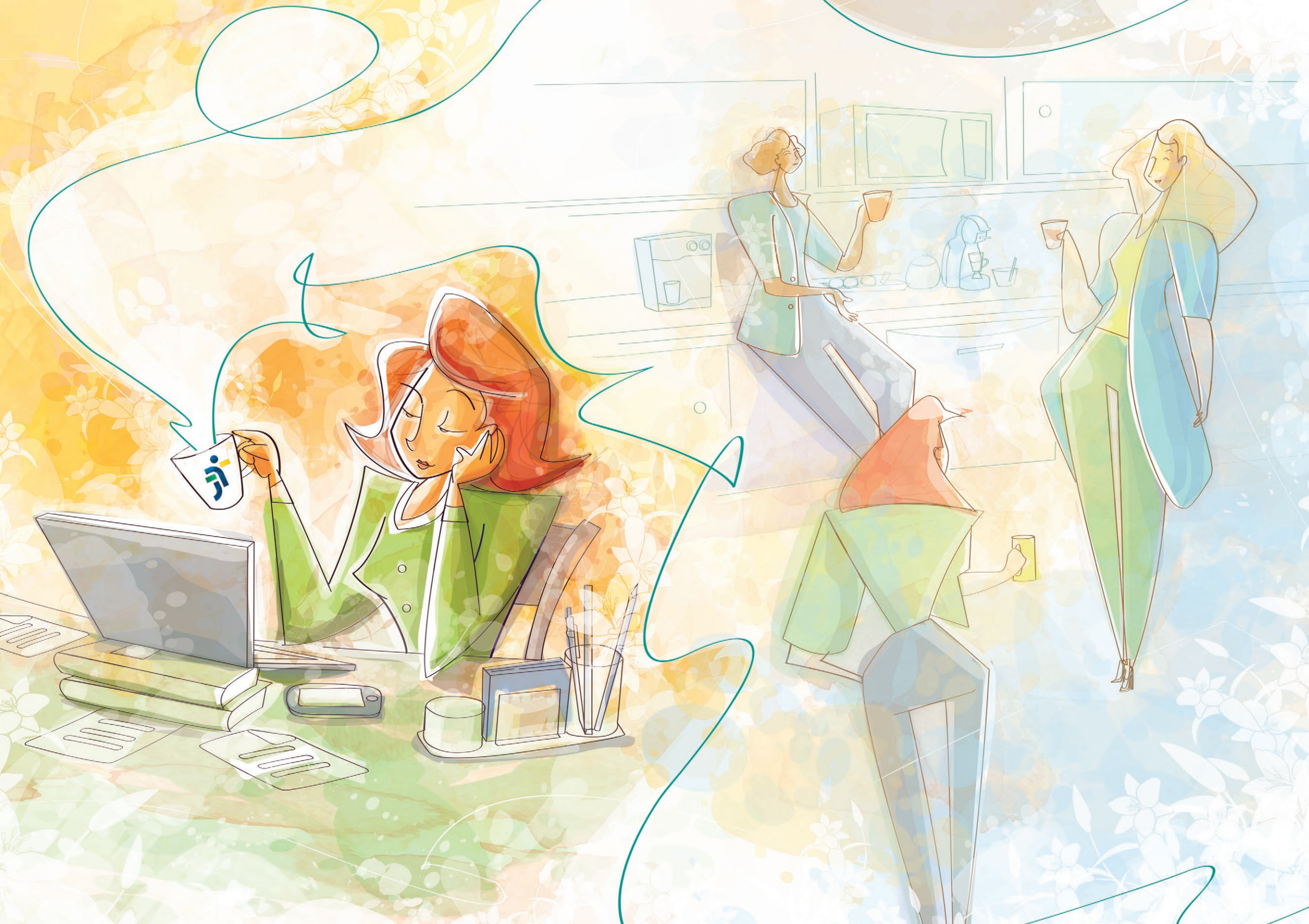
Comecei a me comunicar com a família via WhatsApp, inclusive para pedir socorro. Virei adepta do embaçamento de plano de fundo, apesar de a pequena já ter descoberto, em 2 segundos, que se ela se aproximar, aparece. Aprimorei a supervelocidade para desligar o microfone ou a câmera, o famoso “Pense rápido” versão *home office* materno. Então, quando falam da dificuldade de concentração nas várias carinhas da tela e da sobrecarga mental, para uma mãe de criança pequena, soma-se a isso a necessidade de ter olhos nas costas ou sensores nos poros, para garantir a segurança da criança, da casa e a integridade emocional. Confesso que no desespero já rolaram também subornos maiores que os doces,

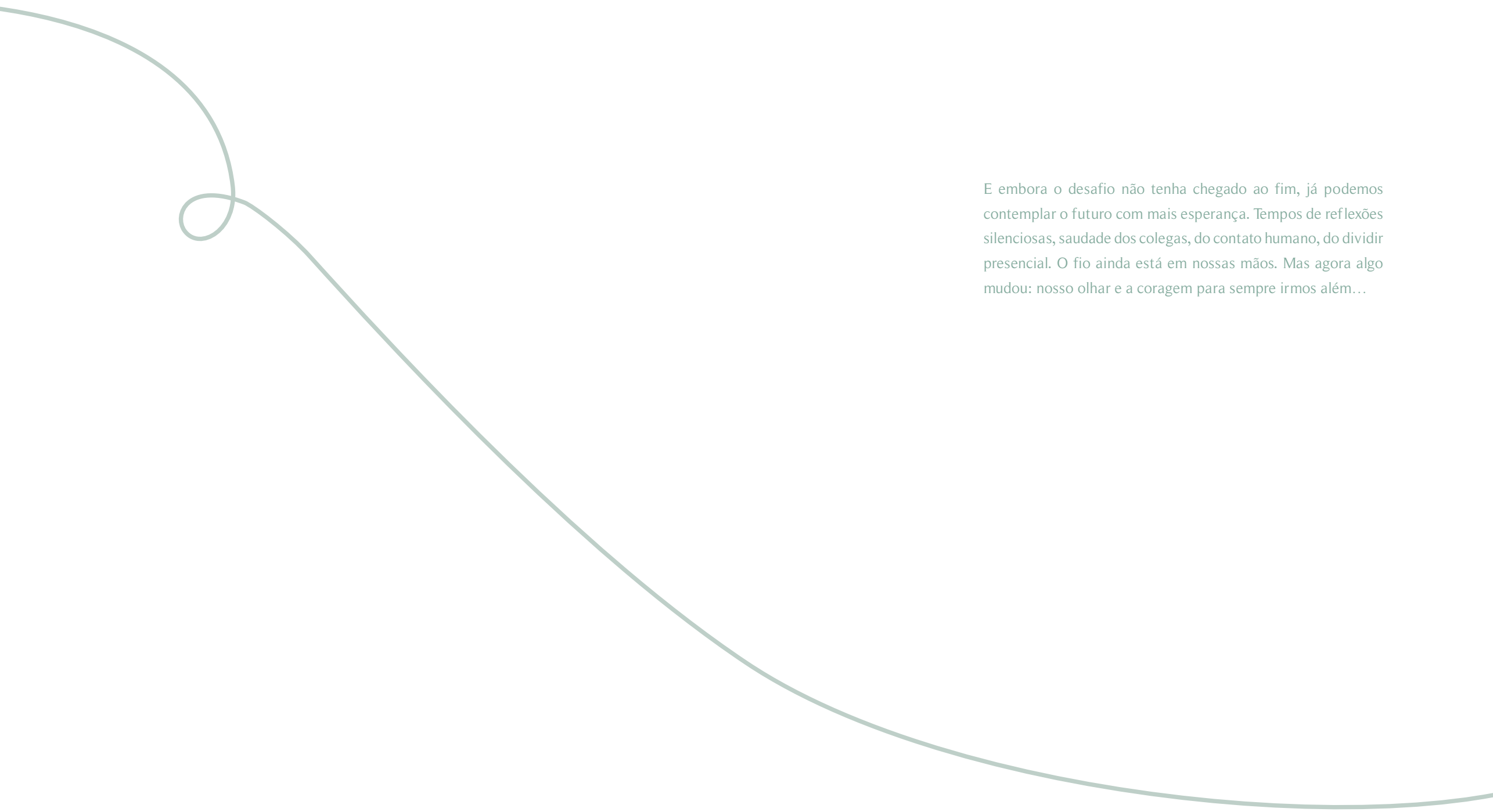
como presentes estrategicamente abertos 10 minutos antes das reuniões, coisas simples, mas novas e chamativas o suficiente para manter a atenção fora da minha tela, das gavetas de roupa e das tentativas de alpinismo, ao menos por alguns minutos. Agora sim, percebo minha loucura em desejar mais reuniões!

Confesso também, infelizmente, que depois de tudo isso veio também o meu coração se despedaçando ao ver minha caçulinha brincar com as filhinhas bonecas e pedir para elas ficarem quietinhas, pois a mamãe está trabalhando e não tem tempo para elas, apesar de eu nunca, nunca ter dito isso! Apenas sendo vista por ela tão perto e tão longe! Veio também uma viagem longa do marido, daquelas que ele sempre fez, mas que dessa vez me quebrou, nos quebrou! E veio a necessidade de me reconstruir, em silêncio tanto quanto possível, na atuação do papel diário dos pais que são porto seguro de todos e não podem deixar a peteca cair (por mais do que alguns poucos segundos).

Enfim, esse não é exatamente um case de sucesso com estratégias incríveis, nem mesmo corretas, só um pouco das emoções e improvisos que temos e podemos para hoje! Mas vários podem se identificar e talvez apenas saber que é assim mesmo, que está tudo bem nesse reaprendizado bagunçado e se inspirar em continuar sendo apenas gente como a gente, com altos e baixos e fé que o amanhã virá melhor, logo, logo!

Patrícia Vieira de Sousa





E embora o desafio não tenha chegado ao fim, já podemos contemplar o futuro com mais esperança. Tempos de reflexões silenciosas, saudade dos colegas, do contato humano, do dividir presencial. O fio ainda está em nossas mãos. Mas agora algo mudou: nosso olhar e a coragem para sempre irmos além...

colegas

As vicissitudes do *home office*: um relato idiossincrático do meu dia a dia em teletrabalho

Escova de dente, caféquentinho, um beijo rápido e corre para não se atrasar.
Um trânsito pesado ou uma boa caminhada,
agora, quase chegando
e, logo, logo, vem o elevador.

Liga o computador, um “bom dia” e a jornada começa:
Uma audiência, duas, três, um intervalo.
Aquele cafezinho gostoso com um colega,
um bate-papo rápido e de volta à máquina.

De repente, desliga o computador, pega alguns papéis, um *netbook*.
“Serão somente duas semanas”.
Um “até logo” aos colegas,
e de volta para casa.

Malas, bagagens, entra a família toda no carro.
Um medo, uma incerteza,
uma estrada para uma cidade mais calma,
onde o vírus vai demorar a chegar.

Assim, dois meses se passaram e, de volta ao elevador.
Sem colegas na sala, sem aquele cafezinho rápido.
Desmonta o computador do trabalho,
e de volta à cidade pacata.

Uma mesa apertada, uma cadeira desconfortável.
“Não tem problema, é por pouco tempo.
Logo tudo voltará ao normal”.
E aquela saudade apertada dos colegas batendo no peito.

Livros, cadernos, lápis de cor.
A professora entra em ação.
De repente, “espere um pouco, meu filho,
vou atender a uma ligação”.

Entra no sistema, consulta um processo,
de volta à mesa.
“Onde mesmo que estávamos,
naquela lição de casa?”

Corre para a cozinha, escolhe o que fazer.
Telefone toca, de volta ao computador.
Consulta um processo.
“Meu Deus, o feijão queimou!”

De volta ao computador, passa um batom,
ajeita o cabelo, liga a câmera.
Começa a audiência.
E na fresta da porta, eis que surge um rostinho.

Mais tantos meses foram se passando
e a saudade dos colegas apertando o coração.
Saudade daquele cafezinho, do bate-papo rápido,
do perfume da juíza, que já não sinto mais.

Dia de domingo, descanso, que nada...
Estou bem atrasada.
Com a correria da semana,
não consegui fazer tudo o que precisava.

E um novo ano começa.
Agora o retorno é certo,
para o elevador, para o cafezinho,
mas tudo continua como estava.

Liga o computador, troca de roupa no filho,
escova os dentes correndo.
Abre a câmera, passa o batom, “ops, devia ter feito ao contrário”.
E, de repente, aquela voz vinda do banheiro, “Mamãe, já terminei!”

Pede licença da audiência,
corre para socorrer a criança.
Volta esbaforida.
E a audiência continua.

Audiência sendo gravada e, eis que surge,
no canto do vídeo, um pedacinho de menino.
Papai nunca serve nessas horas.
“Meu filho, a mamãe está trabalhando”.

Cada visita ao trabalho é uma saudade.
A sala vazia, uma tristeza.
Cada um na sua casa.
Para matar a saudade, só pelo vídeo.

Pena que no vídeo não dá para sentir o calor dos colegas.
Aquele abraço apertado é só uma lembrança.
Até do tumulto dos corredores há saudade.
Trabalhar em casa é solitário.

Na solidão do quarto, os dias vão passando
Os meses, até quando?
Ficar junto da família é muito bom,
mas nada substitui o calor humano do contato.

Quando tudo isso passar,
quero chegar à sala e dar um abraço
em cada um dos meus amigos,
que há mais de um ano a pandemia nos separou.

Casa ou trabalho, agora é tudo uma coisa só.
O importante mesmo é saber o valor de cada coisa
e que, em breve, cada coisa voltará ao seu lugar.

Élin Cunha Luiz Cardoso Piai

colegas

Lar, doce Vara?

Me lembro bem dos meses finais de 2019, quando, após um revés na minha vida pessoal, que foi um fato totalmente imprevisível para mim, achei que nada mais de surpreendente poderia acontecer. A hora era de superação e de mudança de vida: bola pra frente; levanta, sacode a poeira, dá a volta por cima!

No trabalho, nas conversas nos corredores da VT (Vara do Trabalho), o pessoal falava do novo Coronavírus, da ameaça que vinha da China, e eu, particularmente, estava incrédula de que chegaria até nós, por isso seguia o cotidiano normalmente. Afinal, uma doença lá no outro lado do mundo, por mais assoladora e triste que fosse, não parecia um problema real por aqui.

Após um período de férias, de muito descanso e diversão, voltei ao trabalho com uma ordem da chefia: cancelar todas as audiências marcadas no prazo de 15 dias e ir trabalhar em casa, já que a VT ficaria fechada. Opa, algo errado acontecendo! Será mesmo que a doença chegou ao Brasil? Será mesmo que é uma ameaça global? Mas calma! Nenhum caso registrado na cidade, apenas 15 dias de teletrabalho e suspensão das audiências; ok, dá para passar e logo estaremos de volta. Por enquanto, vou aproveitar para ficar na minha cidade natal e passar um tempo com a família, já que não morava com eles.

E o tempo foi passando, os 15 dias se transformaram em mais 15, mais 15 e mais 15... Por fim, 1 ano de *home office*! O tempo passava rápido e devagar. Dia 20 do mês tal, e eu pensava: “Mas já?!”. Dia 22 do mesmo mês, e o pensamento: “Mas ainda?!”. E seguimos acostumados, mas aprendendo cada dia mais nesse novo regime de trabalho e de vida.

No começo, ainda adaptando com a nova rotina, primeiro troquei meu computador, comprei um novo. Posteriormente, com o início das audiências por videoconferência, outros programas precisaram ser instalados. Um dia aprendendo a lidar com uma plataforma de vídeo, no outro, com outra... e dá-lhe uma nova máquina! Já me sinto até íntima da tecnologia. Se cuidem servidores da TI, novos colegas surgirão após esse período, tendo que resolver perrengues de computador, internet, fios e mais fios em casa!! (No caso, fica aqui um agradecimento, pois imagino a quantidade de atendimento que fizeram e estão fazendo para ajudar o pessoal em casa).

Já em relação aos móveis e aos cômodos da casa, passei por todos à procura de uma “sala de audiências” perfeita... Já utilizei a escrivaninha do meu quarto, mas o sinal de *wi-fi* não era bom. Já fui tentar a varanda, mas apesar da vista perfeita, o canto dos pássaros que se arriscam por aqui, incluindo um par de

araras que por vezes nos visitam, e o barulho dos carros em volta me distraíam. “Bora” para dentro de novo! Fui então tentar a sorte na sala, sentada à mesa de jantar, mas o vai e vem dos outros membros da casa foi intenso, e para não participarmos das conversas privadas do dia a dia, levei a sala de audiências, as partes e os advogados para outro cômodo: agora, o quarto da irmã, que se mudou, virou escritório, finalmente, assim, me aquietando e conquistando um espaço para trabalhar sem interferências.

Então, um desafio maior se mostrou para ser enfrentado: a que horas começar o trabalho? E a que horas parar de trabalhar? Como distanciar o WhatsApp Business do WhatsApp pessoal na tela do celular para evitar confusões? Como limitar os horários de atendimento, quando aquela parte insiste em enviar mensagem às 23h de um sábado? Já tinha refletido sobre o trabalho em *home office*, o que não era possível para a minha função, mas seria uma possibilidade viável para quem, como eu, trabalhava e morava em outra cidade longe da família. Mas nunca tinha levado em consideração esses muitos desafios, que a gente só se dá conta de que existem quando realmente somos levados a essa modalidade de trabalho. Atualmente, depois de muito rever, reajustar e tentar otimizar o teletrabalho, consegui estabelecer alguns

limites de horário e de descanso para almoço. Mas isso se deu com muito apoio dos colegas da unidade, da família e de terapia também. Afinal, o momento é crítico e sem ajuda fica difícil conciliar tudo.

Uma das coisas de que mais sinto falta é da convivência física com os colegas, de como as coisas fluíam nas atividades presenciais, de como confraternizávamos, nem que fosse na hora do cafezinho na copa, da dinâmica da sala de audiências, das partes e advogados entrando e saindo, cada um com uma história, um “bom dia” diferente... Ainda nos encontramos regularmente por videoconferência, mas falta a alegria do pessoal, do tão falado “calor humano”.

Sigo sozinha no *home office*, as demais pessoas da minha família já voltaram a trabalhar fisicamente, e fica a sensação de agradecimento por trabalhar de casa e me proteger da melhor forma para evitar contrair a doença. Mas espero que possamos todos nos vacinar e, o mais breve possível, estar de volta às atividades presenciais, para as quais aprendi a dar cada dia mais valor!

E da pandemia, espero levar os ensinamentos, a solidariedade que cresceu ainda mais em nossos corações, a empatia para com os outros e os cuidados com a saúde. Que todos possam se restabelecer rapidamente e, enquanto isso, seguimos firmes em casa!

Marina Meirelles Bogalho Moita

desafio

Depois daquela tarde

Recordo-me nitidamente daquela tarde ao retornar para casa depois do trabalho. Segunda-feira, 16 de março de 2020. Não foi um retorno qualquer.

No caminho, fotografei uma flor na porta de casa. Belo tom de roxo. A cor intensa transmitia a sensação de tristeza e introspecção. Despertou-me, também, a lembrança de o mundo já ter vivenciado situações piores e sem a capacidade de controle e mobilização que temos hoje.

Despedidas apressadas. O sentimento de medo acompanhava muitos colegas. Acompanhou-me também.

Na manhã seguinte, o caos se instaurou. Não existia parâmetro para a novidade. Não existia mais o correr para o *office*. Nem para mim, nem para o João, meu marido. Antes, o trabalho pedia licença para entrar em meu lar em ocasiões pontuais. De repente, sem opção, houve uma invasão, nada sutil. Todos os cômodos eram o lar. Agora, ele precisava ceder o seu espaço e restringir-se a ambientes específicos.

Da noite para o dia, o quarto transformou-se na extensão da 8ª Vara do Trabalho de Goiânia. E não estava sozinha. De um lado, as minhas atividades de assistente. De outro, o marido sendo inicialmente atropelado por intermináveis e barulhentas reuniões virtuais.

Confesso, sempre fui resistente ao *home office*, mas recebi as novas exigências sem oposição. Estava em casa, segura, e assim seria.

Adaptei-me? Sim. E bem rápido. Por aqui, éramos duas pessoas com dinâmicas parecidas e o ajuste do ambiente físico aconteceu naturalmente. No entanto, de forma silenciosa, o trabalho invadia o lar, exigindo cada vez mais espaço. Primeiro, o quarto. Depois a sala.

Equilíbrio? Nem tanto, nem sempre. Nas primeiras semanas, mergulhei nas atividades profissionais, não limitei o *home* e o *office*. Era o refúgio. Ao mesmo tempo, travava uma luta inglória para manter-me concentrada. E quem não lutou contra a dispersão?

Os dias se passavam assim: altas doses de café, alternados com a tela do computador e com a nova cena que impactava os olhos. Pela janela do vigésimo andar, observava a cidade vazia. A avenida T-9, antes barulhenta, agora era deserta! Quase não se ouvia a babel de fora para dentro. Agora, ela saía de dentro de nossas casas.

Passavam semanas. E meses passavam. Permanecer no mesmo ambiente deixava tudo meio distraído. Tudo acontecia em casa, inclusive o nascimento da nova rotina.

A rotina. As primeiras horas da manhã já não eram mais atropeladas pela correria. Eu gostava das caminhadas até o trabalho. Agora, eram dois ou três passos, o estalar de dedos, e eu estava lá. Na experiência dos poucos passos para ir e poucos para voltar, trabalhar em casa permitiu a convivência intensa com o marido.

A mesa de refeições, local de comunhão ao longo da história, tornou-se o ponto de encontro da leveza e da grande novidade: agora, almoçávamos juntos.

coragem

O deleite da convivência intensa coabitava com a angústia da distância com pessoas queridas. A aflição das notícias. Trabalho. As semanas passavam e, por vezes, atropelavam-me constantemente.

O aborrecimento inicial não poderia durar tanto tempo e precisava estar acima de certas inclinações naturais para a tristeza e a acomodação. O cuidado extremo para a rotina não transformar todo esse turbilhão em apatia.

Notícias. Mais notícias. Trabalhar acompanhada de todo o desgaste emocional acendeu-me o alerta interno. As transformações foram intensas. Alterações de humor e de sentimentos, na aparente segurança do lar, se faziam presentes. Esforçava-me para manter o otimismo. Confiança sem ingenuidade. A tentativa de pensar diferente tirava-me a responsabilidade de fazer qualquer coisa.

Esse “fazer algo” apareceu numa manhã qualquer. Sem a correria do *office* e sem as aulas de piano, o som que se ouvia baixinho era a Fantasia nº 3, em ré menor, de Mozart. Aquelas notas musicais e os primeiros raios de sol selaram a necessidade de colocar a esperança no lugar certo e o coração num local seguro.

O som dos compositores e as palavras dos poetas faziam-me companhia na rotina da manhã. Contemplar a realidade que estava fora do meu controle, e entender a importância de realinhar a postura diante do imprevisível, tornou-se tarefa importante nessa rotina.

O desafio no *home office* imprevisto foi domar a mente, pois a vida não para, e, como dizia Rosa, “... ela quer da gente é coragem”.

O grande fruto da minha experiência foi aprender a colher o dia e o fiz com as palavras do poeta, sem os olhos voltados para o passado, sem colocá-los também no futuro. A interminável hora é “o dia, porque és ele”.

Um ano depois, com a distância permitida pelo tempo, reconheço o saldo positivo dos desafios superados no lar, e na mente, para adaptar as exigências domésticas e profissionais ao trabalho remoto, sem a tentativa de anestesiá-lo que estava vivendo. A vida não se anestesia. Vive-se. A marcha será sempre inexorável.

O *home office* não foi uma opção. Mas viver o novo formato, colocando a esperança no lugar certo e o coração num local seguro, certamente foi.

Renata Monteiro Barboza Raiser

Cordel — Lei da Saudade

Eu vou tentar explicar
O que na minha vida mudou
Em meio a todo esse caos
Que o mundo virou
Mas a esperança vai voltar
E tudo vai melhorar
Quando a lei da saudade em vigor entrar

Quando o *home* virou *office*
Foi agonia e solidão
Estar longe da família
Só aumentou minha preocupação
Mas uma coisa eu vou falar
Não tem como alterar
E incluir a saudade na Legislação?

Quando o *home* virou *office*
Até a rotina sofreu alteração
Tive que me virar em duas
E mesmo assim almoçar na solidão
Mas uma coisa eu vou falar
Não tem como alterar
E incluir a saudade na Legislação?

Quando o *home* virou *office*
Fiquei com medo até da depressão
Outro “vírus” maldito
Que assombra a população
Mas uma coisa eu vou falar
Não tem como alterar
E incluir a saudade na Legislação?

E quando o *office* voltar a ser *home*
A Lei da Saudade entra em vigor
Punindo esse tal afastamento
Que tanto nos separou
Mas vamos poder celebrar
A importância de vacinar
E do distanciamento que nos juntou!

Bárbara Cristina da Silva Ferreira Amorim

Da janela...

Da janela, um luto externo aparecia claro, evidente...
Uma bomba invisível espreitava mansa o cenário silencioso das ruas, de guerra.

Um choro de criança ali, um latido, os ouvidos atentos a qualquer burburinho. No fim, tudo era silêncio...

Mas os pássaros estavam mais vivos, livres e cantantes, em sinfonia com a natureza liberta do tráfego, e de buzinas e de fumaça.

O vento soprava modesto e era possível ouvir a transpiração das árvores. O sol de março, entre o fim do verão e a chegada do outono, era garboso, imponente, invadia por entre galhos e folhagens, e tudo era tão verde e intenso, conforme minha percepção da janela.

Da janela, sentia também o silêncio da incompreensão e do estranhamento. Na rua, os olhares se cruzavam desconfiados, rápidos, medrosos.

No meio do caos, da janela, me pus a trabalhar...

Ora sentindo o sol espriar nos meus pés, ora a brisa fresca da noite, silenciosa. Não sabia, ainda, diferenciar casa do trabalho, trabalho da casa, remoto do presencial, presencial do remoto.

O silêncio também se misturava ao respeito pelos que iam, à dor dos que ficavam, que palavras dizer (Meu Deus!!)...

Mas o trabalho não podia parar, a casa precisava de limpeza, os estômagos, de comida, e o corpo ansiava por movimento.

A praça, a grama, o caminhar, os pássaros, as árvores, me salvavam da loucura, da estagnação.

Mas como se acostumar com o imponderável, como ver o mundo em outra perspectiva se estávamos aturdidos com a inesperada separação de nós mesmos, de nós com o outro, e de toda a humana e frágil existência terrena?

Para onde irão os que se despedem primeiro? Velam pelos que ficam?

A solidariedade cresceu, os corações se abraçaram, no silêncio.

A luta é de todos, sem distinção.

Da janela, respirava e ainda respiro, *esperanceando* dias melhores.

Fabíola Mendes Villela

É preciso recuperar nossas janelas

*...Na nossa casa passa um rio no meio
E o nosso leito pode ser o mar...*

*nossa casa é onde a gente está
A nossa casa é em todo lugar...*

(A nossa casa, de Alice Ruiz / Arnaldo Antunes / Paulo Tatit)

O carteiro toca a campainha, o caminhão de lixo passa na porta, as redes sociais chamam, a encomenda chega, o cachorro late, a filha conversa, a televisão é ligada, hora do almoço, a Alexia, assistente virtual: “Hora do remédio, não esqueça, são 9 horas...”, os sons da vizinhança invadem a casa, e a solidão, essa faca de dois gumes, entra no escritório que agora habita outro espaço.

Dois mil e vinte, o ano que chegou como um tsunami, anunciando os tempos nunca imaginados. As *lives*, os Zoom, os Google, os WhatsApp que nos esgotam. São novos modos de se ver; de se viver. O excesso de tela cansa, o conceito da casa muda, fomos despejados de casa.

Nesse mosaico de ideias, a minha experiência pessoal é apenas um pedaço de cada história; de uma colcha de retalho que representa todas as histórias e pessoas.

Da empatia, da visão macro neste momento, em que temos a oportunidade de realizar reflexões importantes para pensar esta experiência como exercício de resiliência, de valorização de hábitos, resignificação da solidariedade e abandono de práticas opressivas no meio social, além de pensar o futuro, parto para o que é a minha, a nossa, a sua e a história de todos, que não são simplesmente emocionantes, bizarras, felizes e nem tristes, são apenas a realidade que cada um absorve, externa, internaliza, de acordo com as suas experiências emocionais, sociais e culturais: um pensamento crítico sobre o momento, os atos, as consequências.

A emergência global de saúde chegou e modificou profundamente o mundo que conhecíamos, e de maneira irreversível. Novos modelos de trabalhos, novos modos de pensar e viver.

Provavelmente, você pode dizer muito sobre o que é importante para uma sociedade por meio de seus maiores edifícios. Os egípcios tinham suas pirâmides, os romanos seus aquedutos. Locais de culto dominavam o horizonte da cidade; agora são caixas reluzentes de vidro e aço, escrivainhas e quadros brancos.

Por mais de um século, essas caixas cresceram para cima e para fora — maiores, melhores, mais mesas, mais pessoas. Até que de repente, alguns meses atrás, as luzes se apagaram, o mundo congelou e os templos de nossa sociedade moderna ficaram vazios. E a nossa casa nos desafia; a nossa casa se adapta, nós nos adaptamos, porque assim estamos programados.

A crise que nos assola; convulsiona as relações sociais e nos choca a todos, leva-nos ao paradoxo de nos descobirmos seres com casa e sem casa. Não há janelas, não há portas.

Antes do início da pandemia, já se falava muito sobre as consequências da tecnologia para o futuro do emprego. A mensagem era clara: o futuro do trabalho não está predeterminado, cabe a nós moldá-lo.

Mas como muitos países, empresas e trabalhadores optaram por se teletrabalhar para conter a transmissão da Covid-19, esse futuro chegou mais cedo do que o esperado, mudando radicalmente a forma como trabalhamos. As reuniões virtuais tornaram-se comuns e a atividade econômica aumentou em uma ampla gama de plataformas digitais.

A questão que se coloca a nós, empregadores e trabalhadores, é como adaptar as práticas de trabalho e aproveitar os benefícios gerados pelo teletrabalho sem perder o valor social e econômico do espaço físico de trabalho.

Para um grande número de trabalhadores, agravou-se a sensação de isolamento e a perda de identidade e objetivos. O reconhecimento social do trabalho e da importância e do pertencimento que dele deriva não pode ser trocado por salas virtuais, por mais informais que sejam as nossas roupas enquanto as ocupamos.

Até que ponto a pandemia irá reforçar a desigualdade crescente?

Embora a pandemia possa representar um ponto de inflexão para a transformação digital do local de trabalho, ela também revelou profundas deficiências. Pessoas nas faixas de renda mais altas são as mais propensas a escolher ou serem escolhidas para o trabalho a distância, enquanto aquelas nas faixas

de renda mais baixas não têm essa possibilidade; elas terão que se deslocar diariamente e, como resultado, por outro lado, podem ter maior probabilidade de administrar o tempo.

À medida que o trabalho *online* e digital se torna a “nova realidade”, a demanda por trabalhadores qualificados provavelmente aumentará no futuro, assim como seus salários. Algumas profissões tendem a ser valorizadas, mas, no entanto, é provável que muitos trabalhadores com baixos salários, que se estagnaram devido à perda de poder sindical e à mudança na situação de emprego, verão ainda mais erosão de sua renda à medida que as listas de desempregados aumentam.

Historicamente, crises econômicas, pandemias e guerras exacerbaram as desigualdades. Resta saber se é uma mudança tectônica ligada à crescente instabilidade política e social, ou uma crise que nos leva a consolidar os alicerces de sociedades justas vinculadas aos princípios da solidariedade e da tomada de decisões. Processos democráticos que avançam sociedades, mercados de trabalho e locais de trabalho para a igualdade.

Muitos se perguntam, há *home* com *office*?

Quando o mundo do trabalho invade a nossa casa, as fronteiras se apagam, os limites inexistem. Há um lado bom?

Sem o estresse das ruas, a hora do *rush*, com o pijama da tarde, o moletom, a roupa desbotada, o cabelo despenteado, os filhos, mas tudo vira performance nessa tecnologia que nos uniu.

Aquele lugar do indivíduo, o espaço, o tempo. As chaves para o traçado das nossas experiências individuais ou coletivas, no núcleo estrito e familiar, é tudo, é pai, é mãe, é criança, é afeto, metáfora, memória, o que nos faz refletir: “Ficamos em casa, sem casa. Ganhamos tempo? Ou estamos à mercê dele?”.

É preciso organizar nossa casa, que é nosso refúgio, trocar seus azulejos, ligar os abajures, recuperar nossas janelas, portas, e abrir quando for necessário à nossa vida profissional, pois na nossa casa, nesse momento, “passou um rio no meio, mas o nosso leito pode ser o mar”.

Maria de Lourdes da Cunha Souza

contemplar

Minhas anotações sobre a pandemia, em versos e rimas

Mal passou o carnaval e o vírus se espalhou;
As notícias não eram boas e o mundo todo parou.
Atento ao quadro geral, nosso Presidente baixou Portaria:
Fiquem todos em casa, cumprindo as tarefas do dia.

O que antes era opção, agora tornou-se obrigação;
Adotar o *home office* não estava nos planos, implicava adaptação.
Eu já tinha um cantinho adequado e só dei uma repaginada;
Com fé que tudo ia passar, planejei a nova toada.

Logo veio a comilança e uns quilos na balança;
Nem tanto por ansiedade, mais por falta de mobilidade.
Não indo à academia, improvisei aqui na sacada;
Mas as opções eram poucas, não permitiam uma boa suada.

Levantando no horário de costume, ia meu filho acordar;
Com um copo de leite na mão, era hora de ele estudar.
E sem necessidade de uniforme, de pijama ele ficava;
E eu que não faço questão, a mesma vestimenta adotava.

Ao contrário de algumas famílias, a convivência aqui foi agradável;
Traçamos limites e metas, e a rotina se tornou afável.
Incorporei outras tarefas, que antes não me cabiam;
Me lancei a *Chef* de cozinha, e os resultados surpreendiam.

Nem tudo correu tão bem, e as dores lombares surgiram;
A cadeira não ajudava e uns ajustes se seguiram.
Adotei um maior número de pausas, quase sempre com um cafezinho;
Contemplando a natureza da Praça em frente, eu seguia o meu caminho.

E já se passou um ano, nesse clima de novo normal;
Todos adaptados, graças a Deus nos livrando do mal.
A ciência agiu rápido e nos trouxe a imunização;
Enquanto não chega pra todos, seguimos com precaução.

Em breve vamos voltar, e nosso posto de trabalho ocupar;
Rever colegas queridos e chorar pelos sucumbidos.
A pandemia a todos separou, mas nos trouxe algumas lições;
A nós cabe a reflexão, buscando novas ações.

Túlio César Ferreira Lucas

E quando o trabalho nos faz olhar (para as urgências da própria vida)?

Qualquer pessoa que entrasse agora por esta porta (daqui de casa mesmo) e contasse uma história assim um tempo (sem Coronavírus) atrás — ah, sim, essa pessoa passaria por lunática... um pouco incongruente, talvez? Ou, definitivamente, *excêntrica* — para conjeturarmos o mínimo. Porque qualquer história que a gente conte ou escreva hoje em dia terá uma singularidade inescapável: a de estar sendo construída no compasso de uma experiência dificultosa demais (quase delirante) e sem desfecho definível ainda. Repleta — isso, sim, bem repleta — de referências a um vírus que vem sendo capaz de *virar de ponta-cabeça* a vida da gente. E isso, também, para dizermos o mínimo.

Teria como ser diferente? O que estaríamos fazendo com os nossos preciosos tiquetaques se não houvesse nada disso — nem Coronavírus, nem distanciamento social, nadinha? E vendo, o que estaríamos vendo? No abrupto dessa vivência de agora — tão pandêmica — que veio desacostumando todas as nossas rotinas, tivemos de uma hora para outra que reaprender a olhar — essa é a verdade. Olhar para o mundo que nos acolhe, encanta ou judia. Para as nossas impotências diárias ou potencialidades ainda imagináveis. Para o que precisamos ou não precisamos tanto assim

fazer para levar a vida. Olhar para a gente, para as pessoas queridas da gente e também para todas as outras pessoas com quem compartilhamos (umas menos, outras mais) os nossos cotidianos-de-viver, sobretudo pensando: “O que a gente está enfrentando é... é... Deus do céu... é uma pandemia”. Que passou a amanhecer e a dormir conosco, café-com-pão... todos os dias, sem cessar.

Pois *voilà*: são 6h30 da manhã, e a minha casa acorda. O que vem pela frente é o dia, são as tarefas profissionais, acadêmicas e domésticas, e isso, e aquilo outro, a perder de vista. É assim que as rotinas de muita gente, de fato, se configuram — repimpadas de afazeres. À parte isso, é especialmente a alegria de estar viva que preenche o tempo. Do outro lado da cidade, ou a 3 passos de nós, há uma família que perdeu a sua pessoa querida para a Covid-19, e não há homenagem nem lembrança que deem conta de tanta solidão daí para frente. Não passam dez minutos, e meu irmão — tristonhíssimo — me liga para contar que sua aluna de 17 anos também não resistiu. Meu pai, que mora em Minas Gerais e que, por conta da pandemia, não vejo desde o Natal de 2019, costuma me enviar de manhã mensagens com notícias — dele, da família de quem ainda sobrevive.

Meio-dia, e paramos aqui em casa para almoçar. Até ser posta a mesa, passam mil coisas pela cabeça. Lembranças, o noticiário da noite anterior, postagens nas redes, poesias que não consigo deixar de ler, aquele filme ou série a que assisto nos fins de semana, saudade de pessoas queridas, *e-mails* de colegas, anotações mentais sobre o trabalho, imagens, miragens — mantendo meus sem fim de sonhos ainda com a vida.

À tarde, não há novidades sob o sol. Atravessando a rua, quando saio para alguma “necessidade urgentíssima” (como ir ao supermercado), vejo 3 crianças sem terem o que vender no semáforo, e isso significa tanta injustiça, tanto tormento na vida delas que... as nomenclaturas escapam da boca. *Fome* — é o que essa cena significa. Em uma conjuntura de pandemia. Tão logo, o retorno para casa após as compras se interpõe — exaustivo. Álcool 70% em tudo, para começar. Um banho longo-longo-longo ao final, que é o que me faz visualizar de novo o maior privilégio de todos — estar viva.

E a noite cai mansamente sobre a vida aflita que enfrentamos (cada qual com seus pesos e particulares medidas). Aqui em casa, é hora de leitura (quase sempre) e, ainda, de

nos colocarmos mais a par da Covid (tomando conhecimento da mais nova antimedida de contenção da pandemia nessa nossa *terra brasilis*). Amanhã será um outro mesmo dia?

Quando a gente deixa esse mundo dos nossos “cotidianos genéricos”, não é difícil sentir na pele que a pandemia trouxe para bem mais perto de nós várias urgências. Uma delas, provavelmente a principal, é a do trabalho em um espaço tão privado, tão sagrado — a nossa casa. Mas, acima de tudo, o que a pandemia vem nos impondo é algo mais imprescindível ainda. Humanamente imprescindível, quero dizer: o *olhar*.

Ora, ora... queiramos ou não, somos as pessoas que presentificam, diante de milhões de outras, goianas, brasileiras, o que há de mais bonito e indispensável no trabalho — a sua Justiça. E é para ela, para essa Justiça tão essencial a todas as pessoas para além de nós, que eu mais olho nesta pandemia. Porque é exatamente assim que os meus dias me transbordam dessa insubstituível *urgência de olhar* — para a minha vida, para o meu trabalho em vida, para as formas de trabalhar de casa com alguma possibilidade de estar de mãos dadas, ainda que apenas nesta minúscula alçada que me compete (que nos compete, afinal, como pessoas *servidoras*

que somos), diante das urgências da vida de tantas outras pessoas que precisam de nós, e talvez mais ainda durante uma pandemia.

São 8h da manhã, e o meu expediente no TRT se inicia, me olhando de volta: “estou viva”. Do lado de cá, não há como não ver: as audiências telepresenciais começam a acontecer desde cedinho. Servidores(as), estagiários(as) e magistrados(as) estão de casa, em movimento. Nossos telefones foram preparados para tocar — e tocam o dia todo. No PJe, por exemplo, as pessoas telefonam de minuto em minuto buscando ajuda e informação sobre o sistema. Eis também a realidade de um setor como o de Atendimento ao(à) Cidadão(ã), sempre a postos. O mesmo se repete (cada qual com sua constância específica) em todas as unidades do Tribunal, sendo conduzidas das nossas salas de estar, escritórios e quartos — de casa. Em Goiânia, mas não apenas — porque atuamos em outras 25 cidades do interior, além das outras tantas alcançadas pelas jurisdições. Dos gabinetes montados em suas residências, juízes(izas) e desembargadores(as) despacham, revisam processos, cumprem prazos, presidem audiências e sessões; decidem, afinal, da melhor forma possível — a vida de trabalhadoras e trabalhadores, de suas famílias, das pessoas empregadoras, físicas ou jurídicas. E isso ainda de manhãzinha.

Hora do almoço e princípio da tarde: o ritmo continua, no ínterim de tantas outras

atividades de que às vezes nem nos damos conta direito. Sim, são muitas atividades: processos estão sendo movimentados, reuniões *online* integram este novo “estar em casa trabalhando”, documentos são confeccionados, mensagens e *e-mails* são enviados; demandas diárias vão surgindo, são cumpridas e reiniciam seus ciclos ao longo do dia.

Sinto saudade — muita saudade — da minha amiga Ivani, de quando podíamos olhar uma para a outra todos os dias, no Tribunal. Escrevo para ela, conto da saudade, pergunto como ela está, se estão todos(as) bem. Lembro dali a pouco, com ternura, que há uns dias convidei outra colega para compartilhar comigo uma reunião virtual fora do trabalho. Pensei logo: “Acho que ela não virá. E tudo bem”. Mas ela veio, sim, que incrível. Era um sarau de poesia. Um grupo de artistas de Goiânia, nos reunimos para a vida — na pandemia. Penso isso e, num zás, meu chefe me telefona me pondo a par de uma demanda documental que precisamos cumprir — metas e estratégias não param. Me organizo daqui e prossigo. Também a partir de casa, notícias são produzidas e registradas por colegas; mídias, confeccionadas. Memórias são mantidas. E vamos tomando conhecimento das ações de enfrentamento da Covid que o Tribunal mantém desde o início em parceria com o MPT, a OAB e outras entidades. Campanhas, doações e liberações de valores vêm sendo

realizadas para atender a quem mais precisa neste momento. Abro a Intranet, vejo a Escola Judicial dedicada a nos manter atualizados(as). Ajusto a minha cadeira-de-trabalhar-em-casa e lembro até hoje toda a assistência do nosso setor de saúde para continuarmos saudáveis. As notícias de colegas que não resistiram à Covid entristecem demais a gente. Mas hoje, em especial, lembro que não escrevi ainda a cartinha para a Geisa, “minha madrinha de Tribunal”, como costume brincar, tão querida... e que se recupera bem, e mais.

Do lado de cá da vida, em casa, enfim anoitecemos. Minha gatinha, Susie, bem agora, está no colo me avisando que já é hora de desligar o trabalho e acelerar os botões internos de uma afetividade só para ela. Penso, finalmente, que esta narrativa da casa da gente virando lugar-de-trabalho me toca mesmo é pelo *olhar*. Nesses 80 anos da Justiça do Trabalho, o olhar da gente para a importância de uma instituição como a nossa é fundamental, ainda mais em tempos de pandemia. É como penso agora antes de desligar o trabalho por hoje. E vejo — a vida. Mesmo a de dentro do trabalho, e vice-versa, como vem sendo. E que ela, vida, continue com a gente transgredindo o próprio gesto de olhar. Porque *transver*... a realidade... é preciso. Para a gente manter a esperança e prosseguir.

Carolina Brandão Piva

Segunda quinzena de março de 2021, as restrições impostas pela Pandemia do Coronavírus permaneciam, exigindo a adaptação incessante da equipe do Cerimonial do TRT-18 nos eventos e nas solenidades de maneira a estimular, não apenas o vínculo simbólico do Tribunal em suas relações institucionais, mas igualmente proporcionar a interação, propriamente dita, entre as pessoas. O anseio por projetos que incentivassem a participação e desenvolvessem, assim, um sentimento de pertencimento e acolhimento era uma constante em nosso grupo de trabalho.

Em uma sala virtual, reunimos toda a equipe com esse único propósito e foi assim que surgiu a iluminada ideia de realizar um evento comemorativo do Dia Internacional das Famílias, cuja celebração aconteceria no mês de maio. Desejávamos algo que permitisse o reencontro dos colegas, de tal sorte que causasse um movimento positivo de aproximações e reafirmações de vínculos, algo tão comum e corriqueiro no Tribunal, em situação de normalidade. Entretanto, devido às restrições, somente seria possível a realização do evento no modo telepresencial, o que exigiria maior criatividade, uma vez que, para atrair um público e despertar seu interesse dentro do ambiente virtual, algo inovador deveria ser elaborado.

A inspiração da equipe, em sintonia, veio justamente no anseio comum de contribuir para esse momento desafiador. Sentíamos que a comemoração desse dia, por si só, atrairia o interesse de participação, mas precisaríamos de algo a mais para incorporar maior consistência ao projeto, algo que estivesse alinhado com uma constante preocupação da Administração do TRT-18, qual seja, o bem-estar do seu corpo funcional, principalmente em tempos de pandemia. Todas as mentes funcionando a um só tempo, chegamos finalmente à ideia de promover um concurso de relatos, por meio do qual magistrados e servidores pudessem compartilhar suas experiências, entre superações e descobertas, que inspirassem outras pessoas neste momento tão desafiador. Os vencedores seriam anunciados na celebração do Dia Internacional das Famílias.

Primeiramente, pensamos em utilizar critérios que avaliassem as melhores estratégias para conjugar, com sucesso, as exigências do ambiente familiar e o trabalho em *home office*, palavra simbólica dos tempos da pandemia. Todavia, com o amadurecimento da proposta inicial, concordamos que os relatos seriam avaliados sem critérios rigorosamente definidos, ao sabor mais da construção da narrativa de experiências reais, não fictícias, e que mostrassem a sua verdadeira essência.

Pois bem, formatado o projeto, a ideia ganhou materialidade com a Alta Administração, que acreditou e nos incentivou à sua concretização, não medindo esforços para o seu sucesso. O desafio, portanto, estava lançado. E em meio a uma enquete, repleta de sugestões criativas, surgiu o nome híbrido do Prêmio: *Quando o Home Vira Office*, referência sutil à contingente e abrupta transformação de nossas vidas.

A produção deste evento exigiu árduo e persistente labor. Por vezes, a ansiedade visitou a equipe, trazendo consigo receios, nem sempre discretos, sobretudo quanto à possibilidade de não conseguirmos reunir um número consistente de participantes a viabilizar o evento e a premiação. Mas no decorrer do tempo e no gerenciamento do projeto, a confiança gradualmente se expandiu e, a cada relato que recebíamos, a emoção ia dominando os envolvidos na organização e na comissão de julgamento. A participação das pessoas superou as expectativas. Houve incontestável interação e, até mesmo, a formação de torcidas em torno dos relatos em vídeo – modalidade acrescida ao concurso, cuja escolha foi popular –, além de uma expectativa crescente em torno da divulgação dos vencedores.

Assim, após reiteradas reuniões e tratativas, chegamos ao tão aguardado dia da solenidade comemorativa do Dia Internacional das Famílias, com a palestra do renomado Filósofo Mário Sérgio Cortella e a excepcional audiência de mais de 1.000 pessoas. Em meio a essa reconfortante e extraordinária circunstância, houve a revelação dos vencedores.

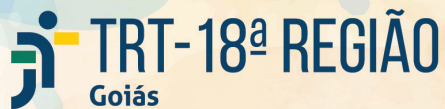
Evento consumado, objetivos alcançados, expectativas superadas, consolidou-se a ideia da realização da coletânea dos relatos, que se transformou nesta obra produzida com amor, carinho e, sobretudo, gratidão, com o registro dos desafios, dores e superação desses tempos que nos trazem, além da consciência de nossas limitações, o alcance de nossas forças.

Nunc hic dies aliam vitam defert, alios mores postulat.
(Agora este dia traz uma nova vida, requer novos costumes).

Adnólia Aires



Realização



Patrocínio cultural

